ENTREVISTA EXCLUSIVA COM GEORGE MICHAEL DO WHAM!

EDITORA ABRIL

N.º 4
NOVEMBRO 1985
Cr$ 12 500

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

O ROCK QUE VEM DO
JAPÃO

NEW ORDER
INDEPENDENTES
E MILIONÁRIOS

OS MELHORES CLIPS DA MTV

GIL
VINTE ANOS DE
SOM E ENERGIA

U 2
PÔSTER

E MAIS: METRÔ • RITCHIE • STANLEY CLARKE
LETRAS • VÍDEO • EQUIPAMENTOS

Manaus, Santarém, Rio Branco, Altamira, Boa Vista, Macapá, Porto Velho, Ji-Paraná, Sinop, Alta Floresta (via aérea) Cr$ 16 300 - 5561

hollywood sportline

A roupa do sucesso.

OMETRIC
LINE

SENHA. A MODA QUE FALA POR MIM.

Saldiva & Associados

Senha

NOVEMBRO 85

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

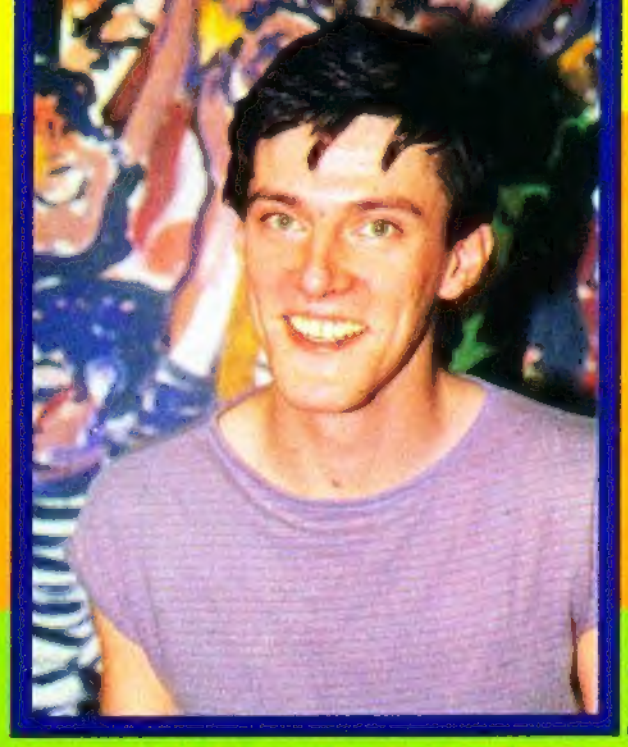


Foto LFI

Steve Morris, sublime baterista do Joy Division e New Order, está na pág. 24

"Dizem que tem muita gente de agora/ Se adiantando/ Partindo pra lá/ Pra 2001." Assim *Gilberto Gil* definiu, no início dos anos 70, o comportamento e as expectativas de uma época, em "Expresso 2222". Gil também é assim. Adiante de seu tempo, brilhando com uma força marcante no universo da música brasileira. Neste mês, Gil comemora 20 anos de carreira. E fala ao editor *José Emílio Rondeau* sobre sua música, seu tempo e o futuro.

Luísa de Oliveira narra a ascensão do grupo franco-paulistano *Metrô*. E, ainda no front nacional, flagramos ao vivo shows de *RPM, Rita Lee, Lulu Santos* e *Marina*, que fizeram suas aparições à mesma época em que por aqui passava fulgurante o superbaixista *Stanley Clark*.

Com exclusividade para você, trazemos uma longa entrevista de *George Michael*, do grupo *Wham!*, concedida ao jornalista *Tony Parsons*, da revista londrina *The Face*. Também na ala internacional, a história do *New Order*, a banda independente que mais vende discos no mundo, e um panorama sobre o rock que rola no Japão, descrito por *Pepe Escobar*.

MTV, todo mundo sabe, é aquele canal de TV americano que passa rock 24 horas por dia. Pela segunda vez, entregaram prêmios aos melhores clips. Saiba quem ganhou e o que aconteceu na festa de entrega do troféu que já é considerado um Oscar da música pop. Na *Discoteca Básica*, mais um LP que marcou época — um dos melhores trabalhos dos *Rolling Stones*, o imperdível *Exile on Main Street*.

Você vai encontrar, num encarte dentro de BIZZ 4, os resultados da promoção *Ganhe mais de 1000 LPs*. Seu nome pode estar lá. Boa sorte.

José Eduardo Mendonça

ESTE MÊS

20 Gilberto Gil
Vinte anos-luz de carreira > *José Emílio Rondeau*

24 New Order
A banda independente mais vendida no mundo > *Pepe Escobar*

28 Rock no Japão
Onde sol e som nunca se põem

34 Ritchie
Um inglês sintetiza o pop brasileiro > *Antônio Carlos Miguel*

35 George Michael
A metade grega do Wham! conta tudo em exclusiva > *Tony Parsons*

44 Led Zeppelin
A parte final da saga de uma banda maldita > *Stephen Davis*

50 Metrô
Os franco — atiradores — paulistas do rock > *Luísa de Oliveira*

TODO MÊS

8 Show Bizz
Notas, notícias e boatos

14 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno

18 Video Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

19 Parada
As 25 mais, com levantamento em FMs e lojas de todo o país

32 Ao Vivo
Stanley Clark, RPM, Rita Lee, Lulu Santos e Marina

43 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira > *Leopoldo Rey*

52 Visual Cinema
Filmes de Spielberg, Woody Allen e Wim Wenders

58 Clip
Os melhores da MTV

60 Porão
Bandas novas rumo à superfície
Fine Young Cannibals, Midnight Oil, Kongo, Milionários da Cobertura

62 Letras
Sting, "If You Love Somebody Set Them Free"

64 Equipamento
De olho no mercado: áudio, vídeo e instrumentos

66 Meu Instrumento
Nesta edição, *The Edge*, do U2, e suas guitarras

70 Bits Bizz
Lasers e Guerra nas Estrelas

72 Discoteca Básica
As obras-primas. Nesta edição, "Exile on Main Street", dos Stones

73 Cartas e Serviços

74 Opinião
Na tribuna, *Nelson Motta*

Foto de capa Mauricio Valladares
Foto do poster Rapoport Sipa Press

A Mitsubishi lança o videocassete mais avançado que existe.

É ver

Chegou o videocassete da Mitsubishi. E como não podia deixar de ser, ele é mais avançado, mais bonito, mais fácil de usar, tem imagem mais nítida e oferece mais detalhes exclusivos que qualquer outro.

Dê uma lida neste anúncio. E descubra as vantagens de comprar o videocassete mais avançado do País.

Controle remoto sem fio.
O VT Mitsubishi é o 1.º videocassete VHS com controle remoto total sem fio. Ele tem muitas funções, entre elas: troca de canal, retrocesso rápido com imagem, retrocesso rápido sem imagem, liga/desliga, pausa de imagem e de gravação, TV/VT, avanço rápido com imagem, avanço rápido sem imagem e até gravação ao aperto de um único botão. É como você pode sintonizar os canais de TV através do VT Mitsubishi, você ganha um controle remoto sem fio para trocar os canais do seu televisor.

Imagem com maior definição.
Para notar isso, você não precisa ser um técnico. Basta comparar: as formas são mais nítidas, as cores tem maior clareza. E o VT Mitsubishi é o único que tem um controle para suavizar ou definir mais a imagem.

O controle remoto sem fio Mitsubishi tem todas as funções.

Mudança automática de NTSC para PAL-M.
Tanto faz se a fita que você vai assistir é NTSC ou Pal-M. O VT Mitsubishi identifica automáticamente o sistema, sem necessidade de virar alguma chave e sem necessidade de fazer adaptações que jamais lhe darão a qualidade de imagem de um equipamento de fábrica.

A imagem nunca sai do ar.
Mais uma exclusividade: ao contrário dos aparelhos mais antigos, o VT Mitsubishi mantém a imagem da televisão até que a fita que você colocou esteja em exibição. Neste momento, ele põe a imagem da fita automáticamente no ar. Nada daquelas faltas de imagem que ainda se vê por aí.

Sintonia eletrônica.
Muito mais precisa que as sintonias mecânicas dos aparelhos comuns. Permite em 16 programas sintonizar todos os canais de VHF, UHF e até 105 canais de TV por cabo (quando este serviço for introduzido no Brasil, o seu VT Mitsubishi já estará preparado).

O VT Mitsubishi tem o visual mais avançado e o modelo mais compacto.

Indicador de fita em movimento com 4 funções.

Já viu coisa mais chata que colocar uma fita e ficar esperando pra ver se a imagem vai aparecer? No VT Mitsubishi, um indicador luminoso se acende quando a fita está em posição e se movimenta assim que a fita começa a rodar. Ele indica também avanço e retrocesso rápidos e parada de imagem.

Avanço rápido e parada de imagem mais perfeitos.

Vários equipamentos de VT permitem a você parar uma cena ou passá-la em velocidade. Mas quantos deles lhe permitem realmente ver o que está acontecendo? Compare o VT Mitsubishi com os outros: ele dá a você imagens mais nítidas, com menos "ruídos".

Se o que você viu aqui parece bom demais para ser verdade, peça uma demonstração do novo VT Mitsubishi e você vai concordar conosco: é ver para crer.

para crer.

Botão OTR:
Com um toque só, você já programa uma gravação.

Programação para 56 eventos durante 2 semanas.

Nenhum outro VT tem tantas possibilidades de programação: você pode ir viajar que ele grava o filme da 2.ª à noite, o jogo da 4.ª feira, a novela da outra 2.ª feira e a final de tênis na 6.ª feira seguinte.

Ou então, pode deixá-lo gravando a novela das 7, o jornal das 8 em outro canal, o filme das 9 e um programa matinal por 14 dias seguidos. Quando você voltar, é só sentar e assistir.

Compensador de imagem para fitas menos que perfeitas.

Nem todas as fitas que a gente aluga ou empresta de um amigo estão perfeitas. Nestes casos, o VT Mitsubishi diminui os ruídos de imagem com um compensador de drop-out (pergunte pra quem trabalha em estação de televisão, eles conhecem).

Só podia ser

VT MITSUBISHI

Produzido na Zona Franca de Manaus

OS IMPERDÍVEIS

Uma verdadeira maratona de filmes e vídeos invadiu cidade de São Paulo em meados de outubro. Trata-se da 9.ª Mostra Internacional de Cinema e do 3.º Festival de Vídeo Brasil MIS/Fotoptica.

A primeira traz o mais alto escalão da produção cinematográfica internacional e a segunda o que se faz em vídeo no Brasil, fora dos lares tupiniquins.

Na próxima edição da BIZZ, uma garimpada nestes dois raros momentos.

Foto Fraser/ Sipa Press

Os Tears for Fears, agora em versão mix

VERSÕES ESPECIAIS

Olha aí os *remixes* finalmente chegando às lojas brasileiras! A Polygram acaba de lançar um compactão com versão especial de "Shout", dos **Tears for Fears,** mais outro com a arrasadora "Money for Nothing", dos **Dire Straits.**

Foto J. Ferreira da Silva/ Abril

Ben, o globe-trotter, disputado pela CBS

SALVE JORGE!

Jorge Ben, que andou fazendo shows pela Europa (França, Portugal, Alemanha, Itália e Espanha), deve se apresentar ainda este ano no Japão e em Israel. Tudo depende do preço do dólar na Europa, o que vai significar lucro ou não para os produtores de seus shows.

Enquanto isso, ele vai acertando sua situação na Som Livre ou na CBS, que há quatro meses fez ao grande Ben uma proposta, pelo que dizem, irrecusável.

Foto Abril

O trio elétrico de Dodô e Osmar volta à carga

BIZZ ERROU

Do Departamento Ninguém É Perfeito: BIZZ errou ao creditar a ilustração de Tim Maia, publicada na edição n.º 3, à WEA. Na verdade, Tim é artista da RCA e a ilustração, cedida pela gravadora, foi feita por Ricardo Leite. Mais uma: ao anunciar a saída de Cazuza do Barão Vermelho, BIZZ publicou que Dulce Quental sairia do Sempre Livre dias depois do divórcio dos barões. Acontece que ela havia partido para uma carreira solo seis meses antes de Cazuza. E, pelo jeito, vai ser mais uma a entrar na onda da "bossa-nova". Perdão a todos envolvidos. São coisas do futebol.

Foto LFI

Foto Joel Maia/ Abril

Manilow e Joanna, um dueto em nome do amor

DOSE DUPLA

O brega unido jamais será vencido! Esse possível slogan talvez tenha passado pelas cabecinhas de **Joanna** e do meloso **Barry Manilow** quando se juntaram para um dueto na faixa "Qualquer Dia", do último LP da cantora (mais de 50 mil cópias vendidas na primeira semana!).

Se a moda pega, BIZZ sugere novos acasalamentos vocais para derrubar as fronteiras do brega internacional. Que tal, por exemplo, **Madonna** com **Amado Batista? Odair José** com **Olivia Newton-John?** E **Gonzaguinha** com **Dolly Parton?** E **Fafá de Belém** com **Barry White?** Como diz **Frank Zappa,** "a tortura nunca tem fim".

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Pouca gente nos estúdios este mês. As gravadoras resolveram investir em suas estrelas de fim de ano ou se preparar para o carnaval.

A Copacabana está dando os retoques finais no LP de **Eliete Negreiros** e está gravando, para o início do ano, a coletânea com **Jean** e **Paulo Garfunkel, Celso Viáfora** e **Cezar Brunetti.** Enquanto isso, a Baratos Afins prepara o LP do **Centúrias.**

A RCA vem com os sambas-enredo das escolas do grupo 1A do Rio e o LP do **Trio Elétrico de Dodó e Osmar,** ainda em dezembro, e com **Luiz Gonzaga** para janeiro ou fevereiro. Já a Som Livre tirou novembro para produzir seus especiais infantis.

A Odeon tem contrato quase fechado com o **Plebe Rude,** que já escolheu **Herbert "Óculos" Vianna** para produtor, além do **Muzak.** O compacto da nova formação do **Zero,** com as músicas "Cada Fio um Sonho" e "Os Olhos Falam", produzido por **Maurício Valladares,** já está pronto. Os LPs de **Paulinho Boca de Cantor** e **Dulce Quental** estão nos detalhes finais.

A CBS está parada para uma convenção, mas já deu "90% de garantia" de que vai lançar o primeiro LP do **Tan-Tan Club.**

A Top Tape, depois de entrar no mercado de rock com o **Grafite,** vem com o grupo carioca **O Espírito da Coisa** para dezembro. Contratou também a banda **Malabarista,** autora de "Malabarista de Circo", e está em entendimentos com **Ivan Lins,** que saiu da Polygram.

NENÊ GRAVA NA EUROPA

Em co-produção com o estúdio Sextan, de Paris, está em fase de acabamento *Minuano*, o novo LP de Nenê, um dos mais completos e talentosos bateristas do Brasil. Na última turnê européia de Egberto Gismonti, que acompanhava, Nenê resolveu ficar na França para deslanchar sua carreira-solo. Além de baterista ele é um bom compositor, arranjador e pianista, influenciado pelos dez anos em que trabalhou com Hermeto Pascoal. Chega agora ao seu terceiro disco, acompanhado por uma banda multinacional: Cacau (sax e flauta), Mozar Terra (piano) e Zabelê (percussão), brasileiros; Simon Spang Hanssen (baixo), dinamarquês; e Remy Sarrazin (baixo), francês. Mas há também um fascinante resultado obtido em formações insólitas, como em "Rosaly" (nove sopros) ou "Escarante" (sete guitarras!).

No Brasil o disco deverá sair pela Carmo, para alegria dos amantes da boa música instrumental, que finalmente poderão ouvir o que Nenê está fazendo longe de casa.

Foto Gamma

Warhol, por trás do vídeo de Benitez

COMO SER DISC-JOCKEY

Se você estiver cansado de ficar atazanando seus pais com tentativas frustradas de fazer fitinhas sensacionais para festas, no melhor estilo D.J., chegou sua chance de se reabilitar e tornar esta paixão uma profissão. Acaba de sair o vídeo *How To Be a D.J.*, no qual o célebre **John "Jellybean" Benitez** (remixeiro de **Madonna, Bowie** e **Paul McCartney**, entre vários) volta às raízes. Ele começou sua carreira como disc-jockey de um clube novaiorquino e agora ensina os rudimentos desta tão cobiçada arte. A tempo: a direção do vídeo é de ninguém menos que **Andy Warhol**, o papa da *pop art*.

Foto Paulo Rubens Fonseca/ Abril

Cauby esboça o gênero te-cuida-Bowie

CAUBY'N'ROLL

Esta vem direto do Departamento de Encontros Impagáveis. Para seu primeiro LP, a qualquer momento nas lojas, o Tokyo preparou duas supersurpresas. A primeira é a participação de **Nina Hagen** na faixa "Garota de Berlim". A segunda é o gogó do — tchan, tchan, tchan, tchaan — *old romantic* **Cauby Peixoto** na faixa "Romântica" (bidu!), assinada por **Supla**.

CABINE EM NOVA FASE

A noite de 25 de setembro reuniu vários músicos e similares na danceteria Latitude 3001 (SP). O motivo? A estréia em palco da nova formação do *Cabine C*.

Fundada o ano passado por *Ciro Pessoa* (ex-Titãs), a banda contava então com *Vânia* (teclados), *Edgard* (guitarra), *Gaspa* (baixo) e *Charles* (bateria). A Cabine acabaria naufragando devido às definições de Edgard e Gaspa pelo *Ira!*, e Charles pelos *Titãs*. Voltam agora com Ciro e Vânia acrescidos da seção rítmica da *N.º 2* — banda de curta existência mas certa influência: *Anna Ruth* (baixo, também *Akira S*) e *Mari* (bateria). Em vinil, devem sair pela RCA.

Foto Geraldo Luis Gomes

Da esquerda: Ciro Pessoa e Anna Ruth

DO BRASIL PARA O MUNDO

Mostrar ao mundo que se faz bom rock no Brasil é uma iniciativa heróica, mas isso não desanima o guitarrista e cantor **Pamps**, que foi à Europa preparar o terreno para uma investida internacional de seu grupo, o **Smack**. "Além de ser um bom rock, o som do Smack é tido por muitos como universal, então por que não tentar trabalhar aqui?", disse ele, em Paris, ao correspondente da BIZZ, Silvano Michelino. O Q.G. possivelmente seria Amsterdã, a capital do vale-tudo. Já de volta ao Brasil, Pamps pensa em gravar um novo disco da banda: "O primeiro, *Ao vivo no Mosh*, já não corresponde ao que fazemos agora".

Foto Steve Rapport/ LFI

Bruce: um dos possíveis visitantes

ELES VÊM AO BRASIL. SERÁ?

Muita gente fala, mas ninguém confirma. O fato é que os ouvidos andam aguçados com os boatos de atrações internacionais que deverão se apresentar no Brasil ainda este ano ou no ano que vem. Aí vai a lista: **Deep Purple, Metallica, Tina Turner, Talking Heads, James Brown, Madonna, Bruce Springsteen, B.B. King** e **U2**.

OUÇA ESSA

"Eu gostaria de dar um tiro em Deus, se ele já não estivesse morto" — Rose, da dupla Strawberry Switchblade.

Foto Gamma

David Crosby, gigante do rock ianque

A MORTE DE DAVID CROSBY

Assim a revista *Spin* tornou pública, em sua edição de outubro, a acelerada desintegração física, artística e moral por que vem passando o fundador do **Buffallo Springfield** e do **Crosby, Stills & Nash.** Segundo a revista, após 14 anos de uso de heroína, cocaína e freebase (aspiração da fumaça resultante da queima da resina da cocaína), após quatro passagens por penitenciárias norte-americanas — invariavelmente por uso de drogas e porte ilegal de armas —, Crosby estaria à beira do fim. A situação só se torna pior diante da possibilidade de David passar cinco anos detrás das grades, caso seja condenado num processo pendente na Justiça — mais uma vez, por causa de armas e drogas.

"Estou espantado que ele ainda esteja vivo", disse à *Spin* **Graham Nash,** o melhor amigo de Crosby. "Eventualmente, ele morrerá. É só uma questão de *quando*."

Crosby declara-se "muito triste", mas garante que ainda tem "muitas razões para viver: minha música, minha filha e todas as aventuras que ainda não vivi. Ainda não escrevi e cantei toda a música que pretendo fazer".

MODA PARA A ETIÓPIA

Depois do Live Aid, vem aí o Fashion Aid. O incansável *Bob Geldof* anunciou que vai reunir, no dia 5 de novembro, no Royal Albert Hall, em Londres, coleções de grandes nomes do mundo da moda. Não, Geldof não vai vestir etíopes com *Jean-Paul Gaultier* e *Kenzo*, mas a grana das vendas vai ajudar a minimizar o problema da fome na Etiópia.

DOBRADINHA DURAN-SPANDAU

Vem aí *mais um* projeto da moçada do **Duran Duran.** Seria uma excursão do **Power Station** com o **Spandau Ballet.** Segundo **Martin Kemp,** que fez a revelação, a banda não tem qualquer plano imediato de lançar novo disco. Seu irmão **Gary** tem opiniões nada modestas: "O Duran Duran invadiu os vídeos. Frankie Goes fez bons discos de estúdio. Mas nós somos o melhor show ao vivo que existe. Quando as pessoas nos assistem, sentem que as representamos de algum jeito. Por isso, elas vão aos shows para uma autocelebração".

Foto Abril

O Zimbo Trio também tocou nas ruínas

RUÍNAS DO TUCA RECEBEM A MOÇADA

1977, 22 de setembro. **Erasmo Dias,** então Secretário de Segurança, arma-se até o pescoço e invade o Campus da PUC-SP.

1984, 22 de setembro. O TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) incendeia-se.

1985, 22 de setembro. A Comissão do SOS TUCA — responsável por sua reconstrução — promove um show no que sobrou do teatro para "comemorar" os sete anos de desgraça. Sem desfraldar bandeiras vermelhas, com entrada franca e grupos do calibre de **Zimbo Trio,** pode-se dizer que o evento ganhou, mesmo sem querer, a taça de melhor do ano.

Ninguém conseguiu conter a emoção ao ver o **Ira!** nos escombros do mesmo palco onde tocaram pela primeira vez em 1981. Outra banda velha de guerra que lá esteve foi a **Voluntários da Pátria.** E, de cobertura, os melhores da nova safra: **Akira S & As Garotas Que Erraram** e **Muzak.** Além disso, peça infanto-juvenil, balé, orquestra e chorinho.

Foto Dennis Morris / Abril

Sid Vicious terá sua vida na tela

ESTA É A SUA VIDA

"Uma história de amor épica." É assim que o diretor **Alex Cox** (que fez *Repo Man*) define o filme que vai rodar sobre as vidas do ex-Sex Pistol **Sid Vicious** e sua companheira **Nancy Spungen.** Nancy foi esfaqueada até a morte por Vicious no notório Chelsea Hotel, de Nova York. **John Lydon** (ex-Johnny Rotten) deverá fazer o papel dele mesmo, desde que considere o script fiel à realidade.

OUÇA ESSA II

"Também sou pós-moderno" — Caetano Veloso, à *Folha de Londrina*

Foto Angelo Pastorello

Carlinhos (Ultraje) e Herbert (Paralamas)

PARALAMAS A RIGOR

Mais um show-maratona, este dedicado pela Rádio Cidade ao dia da Independência, 7 de setembro, em São Paulo. **Paralamas do Sucesso** e **Camisa de Vênus** balançaram os onze mil presentes, e o **Ultraje a Rigor,** acompanhado por **Herbert Vianna** e **Barone,** fechou a apresentação com "Inútil", "Cinema Mudo" e "Marylou".

PHILIPS

a sua marca PHILIPS

RÁDIOS-GRAVADORES PHILIPS ESTÉREO ESPACIAL. LIGOU, VIAJOU.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

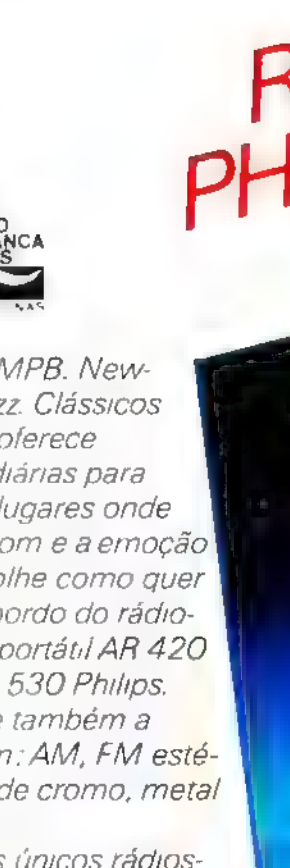
Rock MPB. New-Wave Jazz. Clássicos A Philips oferece partidas diárias para todos os lugares onde vivem o som e a emoção Você escolhe como quer viajar: a bordo do rádio-gravador portátil AR 420 ou do AR 530 Philips. E escolhe também a passagem: AM, FM estéreo, fitas de cromo, metal ou ferro

São os únicos rádios-gravadores que, além do estéreo em FM e fita, oferecem mais um serviço de primeira classe: o estéreo espacial É um estéreo com efeitos especiais: um som gostoso, envolvente, que preenche todos os espaços do ambiente e do coração

Você pode dar asas à imaginação e transformar os rádios-gravadores Philips em autênticas centrais de música: eles têm saída para caixas acústicas e entrada para toca-discos ou segundo gravador. Faça a sua composição e boa viagem

Se preferir embarcar em outros vôos, você ainda encontra na linha Philips dois rádios-gravadores com som mono e muito desempenho: o AR150 e o AR 248.

E todos eles também levam na bagagem a tecnologia dos inventores do Compact Disc Com um rádio gravador Philips seu destino é certo a emoção



Som Philips.
A emoção da música ao vivo.

Standard

NANÁ ELETRÔNICO

Naná Vasconcelos, um dos percussionistas brasileiros mais conceituados no exterior, está preparando um disco surpreendente. Morando em Nova York, Naná tem trabalhado com gente como **Talking Heads, Brian Eno, Arto Lindsay** e ate grupos de break. Daí sua curiosidade pela programação de computadores rítmicos, que devem aparece em seu próximo LP. Título possível: *Nanatronics!*

Foto Abril

Naná Vasconcelos, percussão 24 quilates

Foto Ormuzd Alves

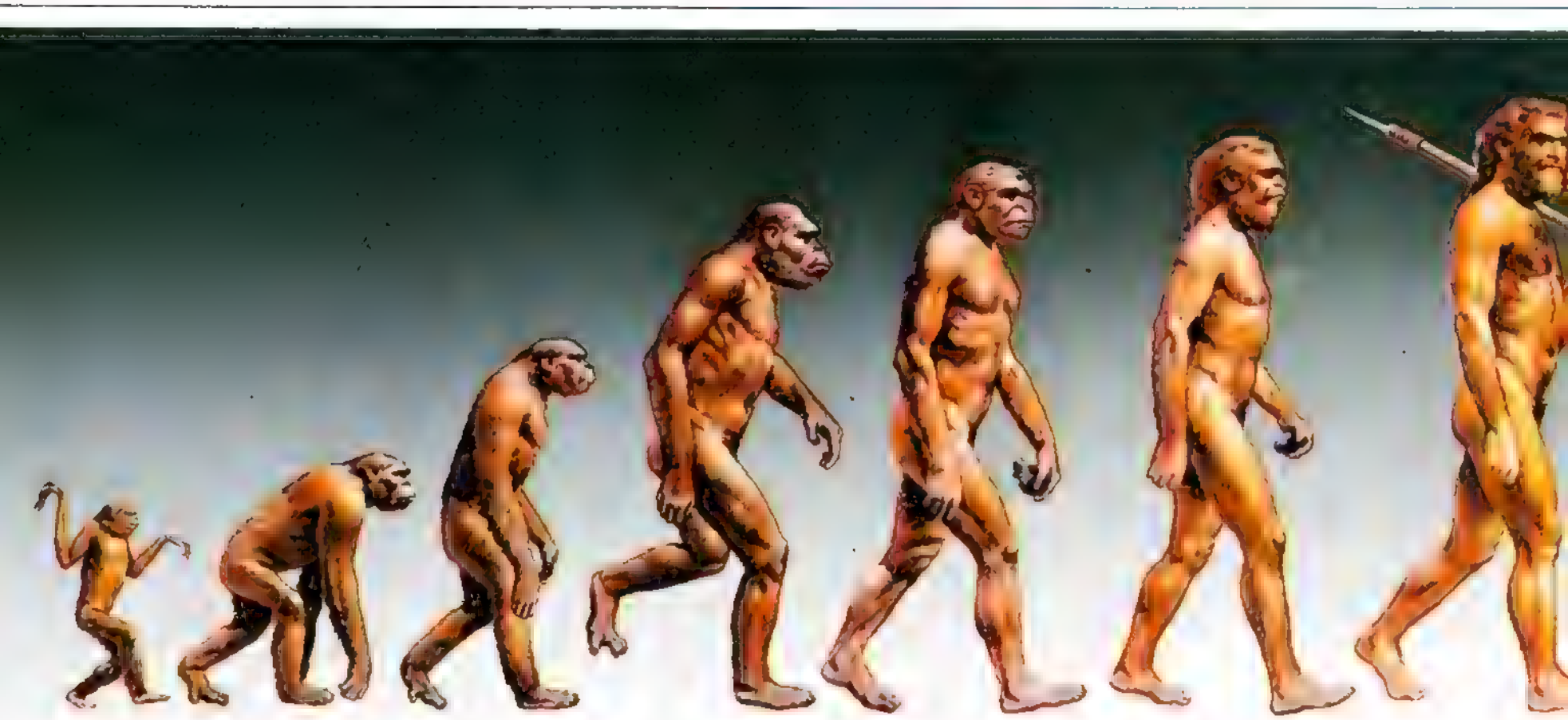
Um flagra do publico que deitou e rolou com o festival promov do contra a hero na

ROCK CONTRA HEROÍNA

Etiópia à parte, o grande engajamento dos roqueiros ingleses esta na atual campanha contra a heroína. Detonada alguns meses atras com um show de **Slouxsie & The Banshees** em uma igreja, o movimento prosseguiu com um supershow dividido a la Live Aid — ou seja, simultaneamente em duas cidades. No caso, Londres e Manchester, dia 14 de agosto

A grana arrecadada vai toda para a 00 Charity, instituição mantida por **Pete Townshend,** o organizador da campanha. Para deleite dos presentes, shows do recem-reformado **Hawkwind,** do deprê-punk **Comsat Angel,** do supersuper **Spear of Destiny** de **Kirk Brandon** (ex-Theatre of Hate) e de duas revelações da nova safra gótica *dark* britânica **Dr. & The Medics** e **Balaam & The Angel.**

No mais, o fundo da campanha deverá ser engrossado com as vendas de um compacto ainda a ser gravado. Repartindo o microfone, **Kirk Brandon** e **Andrew Eldritch (Sisters of Mercy).**



Assim Caminha a

Foto Europa Press/ Abril

O saudoso Keith Moon e amiga

HOMENAGEM PARA MOON

Quem pensava que **Roger Daltrey** e **Pete Townshend** só se falavam para trocar impropérios e palavrões ou para salvar o povo etíope da fome errou legal! Os dois estão juntos no novo álbum solo de Daltrey, cuja faixa-título, "Under a Raging Moon", é uma homenagem a **Keith Moon**, o baterista do Who falecido em 79. Além deles, há ainda as lustres baquetas de **Phil Collins** e **Kenney Jones**.

O VÍDEO VALE A PENA?

Tudo começou com uma viperina matéria de capa no semanário inglês *New Musical Express*, simplesmente intitulada "Argh! Será que a Música Sobreviverá à Era do Vídeo?" e dedicada a louvar o prazer de se ouvir música sem nenhuma imagem de acompanhamento. O jornal nova-iorquino *Village Voice* captou a deixa e também deu capa à questão, com duas matérias uma pró, outra contra. Agora, em setembro, o debate esquentou com a participação de músicos, diretores e produtores. O Talking Head **Jerry Harrison** declarou à *Billboard* que "o fascínio dos vídeos musicais está decaindo, e se vêem clips cada vez mais 'bonitinhos' e parecidos uns com os outros". Para completar, o premiadíssimo diretor **Kevin Godley** aproveitou sua subida ao pódio da MTV Annual Awards (não deixe de ler a cobertura completa na pág. 58) para soltar um feroz discurso contra a atual carência de criatividade nos videoclips

Foto Gamma

Frank Zappa vai à luta contra a censura

FRANK ZAPPA CONTRA-ATACA

Desde que uma associação de mães de Washington começou sua crescente luta contra letras violentas e "eróticas" no rock (BIZZ 1), ninguém menos que Frank Zappa tem encarado o confronto. Na condição de músico e dono de um selo (Barking Pumpkin Records), ele tem assediado os meios de comunicação contra o que chama de "coisa de dona-de-casa enteada". E diz mais: "Temos uma nação de garotos que não lêem cuja informação entra em seus cerebros via discos ou televisão. Controlar essas fontes seria bem atraente para mentalidades autoritárias".

Humanidade.

A Vespa nasceu na Itália.
Com um desenho revolucionário, mudou completamente a história dos transportes no mundo inteiro.
Hoje, existem dois milhões de Vespas na Itália. E 4,5 milhões rodando por todo o planeta.
Agora, a Vespa chega ao Brasil trazendo toda a tecnologia e design que a consagrou no mundo inteiro e mudou os caminhos da humanidade, com mais de nove milhões de Vespas já produzidas no mundo, desde o seu nascimento.
Não dê mais um passo sem conhecê-la.
Visite um dos concessionários Motovespa.

vespa
A evolução.

MOTOVESPA DO BRASIL LTDA.

Todos os textos não assinados são de *José Augusto Lemos*

MAIS PODRES DO QUE NUNCA — Garotos Podres (Rocker)

A legião metalúrgica que me perdoe, mas *pesados* mesmo são esses quatro garotos do ABC paulista, cujo show literalmente demoliu o Carbono 14 em agosto. Eles estréiam entrando de sola entre o time principal do punk brasileiro com letras chamuscantes e som idem, sem tombarem como vítimas do padrão esperado. Ou seja, fazem *hardcore* com gaita e sem provocar dor de cabeça e — ao contrário de muitos *skinheads* britânicos, a inspiração do movimento oi! compartilhado pelos garotos — não se deixam levar por inclinações fascistas e/ou racistas. Desfraldando em alto e bom tom seu ácido anarquismo, ainda têm a cara-de-pau de criar uma pequena obra-prima como "Johnny". É a história de um punk londrino que, "pelo estupro de uma mina cabaço", é extraditado para o Brasil — "Aquele país que está na corda bamba/ Que só tem carnaval, futebol e samba/ Um país idiota, cheio de moleques/ Onde ainda se toca discoteque". Punks de butique e derivados, tremei: esta fúria é autêntica *José Augusto Lemos*

IN PRAISE OF OLDER WOMEN AND OTHER CRIMES — Kid Creole and the Coconuts (WEA)

Antes do disco ser lançado aqui, a faixa "Endicott" já estava virando hit nas rádios. Não é para menos. É Kid Creole e suas deliciosas Coconuts (ver o Ao Vivo de BIZZ n.º 3) no seu mais efervescente caldeirão latino-caribenho. Kid (August Darnell) volta à superfície depois de seu mergulho introspectivo em *Doppelganger* (não lançado aqui) e de seu bode com o consumismo pop. Constrói um memorável baladão em "Particularly Int'rested" ("Desde a primeira vez que botei meus olhos em você/ Minha solidão perdeu o sentido/ O que eu posso fazer para ganhar seu coração?"). Malha a polícia e a repressão em "Animal Cop" ("Policial animal/ Que tipo de cara segura uma arma na mão/ E decide quem vive ou deve morrer?") e resume sua linha de trabalho em um título de uma música: "Dowopsalsaboprock".
José Eduardo Mendonça

SEM PECADO E SEM JUÍZO — Baby Consuelo (CBS)

Sem interesse. Alguém devia reeditar as obras-primas dos Novos Baianos, torcendo para que, com os lucros, Baby e Pepeu (e Moraes Moreira) aceitassem a aposentadoria. A não ser por vagos traços do que já foram, detectáveis na reinterpretação *baião* do choro "Delicado", de Waldir Azevedo, e de "Sabor a Mi", sucesso do Trio Los Panchos, não resta nada do que representaram em termos de energia e criatividade. Energia agora é *Rá!* e todas as baboseiras místicas inspiradas por um visionário conselheiro da dupla. Criatividade é gasta toda pondo nomes nos filhos. Eu não tenho nada a ver com isso, mas criancinhas de nomes esdrúxulos invadem os vocais e a capa. Patético. *Alex Antunes*

THEATRE OF PAIN — Mötley Crüe (WEA)

Sempre achei que o Mötley Crüe tinha apenas um guitarrista de muita garra (Mick Mars) e uma tremenda armação publicitária.

No som, altos e baixos, nada de renovador e muitas letras e declarações escandalosas

Mas ocorreu um fato, pouco antes do lançamento deste terceiro LP, que mudou as coisas. O vocalista Vince Neil, embriagado, provocou um acidente de carro no qual morreu um amigo, o batera Razzle do Hanoi Rocks. Talvez por isso eles tenham sido mais sérios nas gravações. *L.R.*

METAL HEART — Accept (CBS)

Accept é considerada hoje uma boa banda de heavy metal, mas sem o fervor da época de seus primeiros discos: é acusada de ter americanizado seu som arrasador.

Metal Heart é o sexto LP do grupo, o terceiro a sair aqui. Nele não há tranqüilidade — só pauleira, solos viscerais e muita distorção, mas nada que possa renovar o gênero. O destaque, além do vocalista Udo Dirkschneider, é o estraçalhador guitarrista Wolf Hoffman. Curiosidade: a faixa-título tem como tema incidental "Pour Elise" (não citada nos créditos), mas nem por isso deve entrar na trilha de alguma novela, como aconteceu com a outra banda alemã em evidência, os Scorpions. *Leopoldo Rey*

STAY HARD — Raven (WEA)

Afinal um prato bem servido para os *headbangers* ansiosos por grupos inéditos aqui. O poder do metal e suas adjacências selvagens, no palco, no disco e na vida cotidiana, é o forte do power-trio metalúrgico Raven. Formado em 75, o grupo só aconteceu em 80, gravando três discos independentes. Chegam ao Brasil com o quarto LP. O furioso batera "Wacko" Hunter entra em cena com um capacete de futebol americano, e usa, além das baquetas, mãos, punhos, cotovelos e o que se possa usar para bater. Os dois irmãos Gallagher dão conta da guitarra (Mark), do baixo e do vocal grave (John). Das faixas deste disco, "Get It Right" é um desvairio. *L.R.*

MAD MAX BEYOND THUNDERDOME — Maurice Jarre e Tina Turner (EMI-Odeon)

Tocada à exaustão nas FMs, "We Don't Need Another Hero", com Tina Turner, poderia ser qualquer uma das faixas de *Private Dancer*. É, porém, eficiente, e a letra retrata o clima desolador do filme: "Nós somos as crianças/ A última geração/ Somos os que ficaram para trás/ E imagino se mudaremos um dia/ Vivendo sob o medo até que nada mais reste". No capítulo trilha sonora, sons incidentais e pomposos de Maurice Jarre (o pai de Jean-Michel, aquele), autor da música de *Passagem para a Índia* e um dos mais requisitados e bem-sucedidos autores do gênero. *J.E.M.*

Fotos Estúdio Abril

LOST AND FOUND — Jason and The Scorchers (EMI-Odeon)

Se você acha que o rock'n'roll nasceu sob os cachos de Simon Le Bon ou debaixo das banhas de Ozzy Osbourne, pode parar de ler aqui mesmo, porque vem aí uma bruta desilusão. Ainda não virou a página? Então, prepare-se: o rock'n'roll nasceu nos Estados Unidos, nos anos 50, do casamento do blues rural com o country & western. Hoje pode parecer estranho raciocinar assim, num mundo povoado por roqueiros lindinhos demais para terem alguma semelhança com o povão que pariu o rock no passado.

O quarteto norte-americano Jason and The Scorchers não tem nada de bonitinho e faz rock "de raiz", misturando a música caipira de sua nativa Nashville com o mais básico dos rocks. Lembra muito os Stones em começo de carreira. Se o rock algum dia se esquecer de onde veio, recomendo este biotônico Jason. *J.E.R.*

TIM MAIA (RCA)

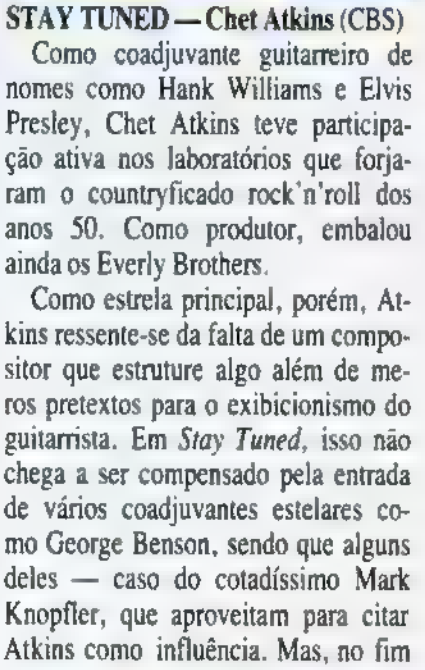
Tim é o nosso George Clinton, o nosso Sam Cooke, o nosso Sly Stone, o nosso Prince, o nosso James Brown e o nosso Otis Redding, todos juntos num só. Afinal, por uma distorção cultural indesculpável e incompreensível, neste país tão "caliente y hermoso" é raríssimo, quase impossível, achar um artista soul. Excetuando algumas incursões heróicas de Jorge Ben e Gilberto Gil — cujas carreiras esbarram no gênero, vez por outra —, o único espécime raro a se aventurar pelo soul é o velho e bom Dom Maia.

Da mesma forma que Prince, Tim chega ao estúdio com tudo na cabeça e dá todas as direções — cada linha musical que você ouve sai da cabeça privilegiada dele, fartamente recheada das informações soul/funk mais atualizadas que se possa desejar. *J.E.R.*

STAY TUNED — Chet Atkins (CBS)

Como coadjuvante guitarreiro de nomes como Hank Williams e Elvis Presley, Chet Atkins teve participação ativa nos laboratórios que forjaram o countryficado rock'n'roll dos anos 50. Como produtor, embalou ainda os Everly Brothers.

Como estrela principal, porém, Atkins ressente-se da falta de um compositor que estruture algo além de meros pretextos para o exibicionismo do guitarrista. Em *Stay Tuned*, isso não chega a ser compensado pela entrada de vários coadjuvantes estelares como George Benson, sendo que alguns deles — caso do cotadíssimo Mark Knopfler, que aproveitam para citar Atkins como influência. Mas, no fim das contas, tudo se dissolve em um insípido muzak jazzy. *J.A.I*



ROMANCE 1600 — Sheila E. (WEA)

Excelente percussionista, Sheila E. já andou por aqui arrasando na banda de George Duke. E neste LP mostra que de lá para cá aprendeu mais ainda. Como percussionista. A estréia como cantora é bem outra coisa. Mesmo com a mão de seu protetor Prince — produtor de uma das faixas, backing vocals, baixo e guitarra em algumas outras —, Sheila faz um disco dançante convencional e soa inconvincente em músicas que pedem maior modulação e amplitude vocal, como em "Bedtime Story". Numa das letras, a de "Dear Michelangelo", um verdadeiro ultraje: "Caro Michelangelo/ Olho seus quadros/ E você está na cama comigo" (!). *J.E.M.*

REMOTA BATUCADA — May East (EMI-Odeon)

Um disco curioso. Com uma mãozinha de luminares das cenas roqueiras de São Paulo e Rio, a ex-Absurdette persegue a síntese do etno-pop brasileiro. Lundus, maracatus pós-atômicos e melodias árabes dedilhadas em sintetizadores japoneses e por aí afora. Ela mesma prefere chamar tamanha colcha de retalhos de "iê-iê-iê tribal", e isso está mais para o dançante *lights* de Thompson Twins e similares do que para os safaris antropológicos de David Byrne, Brian Eno e Holger Czukay. Isso dá ao disco um certo ranço "niu uêive" gang-noventista, mas pode-se contra-argumentar que May estava lá desde os primórdios da banda. Se não tem voz, pelo menos May tem álibi. *J.A.L.*

RUMORES — Vários (Sebo do Disco)

Esta não é apenas mais uma coletânea de bandas de rock. Reunindo quatro grupos de Brasília (Finnis Africae, Escola de Escândalos, Elite Sofisticada e Detrito Federal), pode ser considerada a primeira coletânea honesta dos últimos tempos. Não pretende "testar" ninguém, mas traçar um panorama do rock na cidade, de onde já saiu a Legião Urbana.

E traz pelo menos duas bandas interessantes: a Escola (com destaque para o guitarrista heavy metal Fejão, temperando o som wave, e o correto vocalista Bernardo) e Finnis Africae. Esta é um caso à parte — produz um som denso, com belas composições. As letras optam por temas pouco convencionais (ética, Van Gogh) mas não desenvolvidos, ficando na intelectualice. Detrito Federal é um grupo punk, meio brochado pela mixagem limpinha, e a Elite imita Capital Inicial. *A.A*

FLASH — Jeff Beck (CBS)

Sem lançar discos desde 1980, Jeff Beck desapareceu por completo até meados de 1983, quando participou dos concertos da campanha ARMS, em benefício a Ronnie Lane (ver Lançamentos, BIZZ n.º 3). Depois gravou com Tina Turner (na faixa "Steel Claw", do álbum *Private Dancer*) e Mick Jagger e juntou-se momentaneamente a Rod Stewart — seu velho companheiro de banda dos anos 60 — para uma turnê norte-americana (que abandonou no início, acometido de súbita insegurança). Depois de tudo isso, mais uma vez sumiu. Mas não por muito tempo. Na verdade ele se enclausurara no estúdio com os melhores produtores que um artista possa desejar hoje em dia — Arthur Baker e Nile Rodgers — e começou a garimpar sua volta aos vivos.

Convidou o vocalista Jimmy Hall (ex-Wet Willie) e os velhos companheiros Rod Stewart e Jan Jammer (tecladista com quem formara uma banda no final dos anos 70). E começou a fazer *Flash*.

Aos ouvidos mais irritadiços *Flash* pode soar "comercial demais". Mas um pouco de paciência revelará que detrás deste disfarce de cordeiro existe um lobo rock legal.

Seja num ambiente arena-rock ("It Gets Us All In The End"), seja sobre um rasgado funkão ("Get Workin' "). Beck reinventa seus próprios clichês para trazê-los enxutos aos anos 80.

É lógico que Beck está disposto a faturar uma graninha extra depois de tanto tempo de semi-ostracismo. Seu dueto guitarra/voz com Stewart em "People Get Ready" é alimento ideal para qualquer FM conservadora.

José Emílio Rondeau

RITA LEE E ROBERTO (Som Livre)

Mais do que qualquer outra coisa, este disco é uma declaração de sobrevivência. Após quase duas décadas de carreira, após altos e baixos que a empurravam de "Rainha do Rock" a "fracasso do Rock In Rio", Rita Lee está viva, muito bem, obrigada. E está de volta com uma vingança — junto com Roberto de Carvalho ela construiu um dos melhores discos de rock de todos os tempos, pleno em texturas ricas e recheado de letras inteligentes.

Quem achava que Rita se tornara uma carta fora do baralho já pode entrar em coma.

E muito disto se deve a Roberto, cuja real contribuição à carreira de Rita só agora pode ser melhor avaliada. Compositor principal de todas as músicas, produtor e arranjador, ele ergueu o melhor cenário musical que a voz de Rita já recebeu desde *Babilônia*.

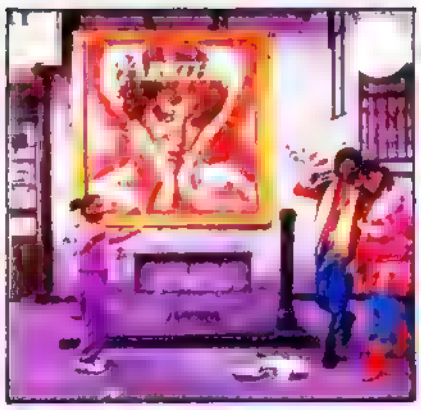
Em todos os sentidos, este álbum é um triunfo. Bem-vindos de volta.

J.E.R.

HUNGRY TO HEAVEN — Dio (Polygram)

Este é um disco-mix (um compactão) e não um LP normal. Tem três faixas, uma de estúdio ("Hungry for Heaven") e duas ao vivo ("Holy Diver" e "Rainbow in the Past"). Ronnie James Dio, vocalista veterano (Elf, Rainbow e Black Sabbath), tem uma das melhores vozes do heavy-rock, e pretendia com seu trabalho solo desafiar os que fazem metal estereotipado e mudar a vida das pessoas. Mas esse mix, embora esteja tudo certo, não traz nada de mais, a não ser a possibilidade de matar a fissura dos fãzocas mais acesos pelo próximo álbum.

E não sei se se muda a vida das pessoas com sinais demoníacos, que parecem muito falsos em um cara que já passou por todas no rock. *L.R.*

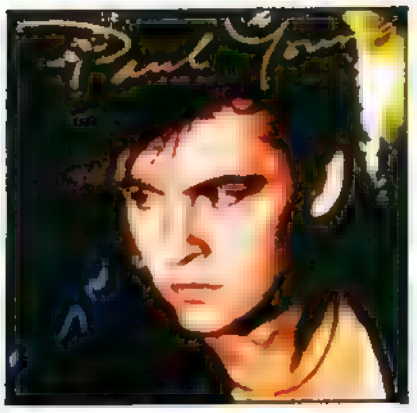


WHO'S ZOOMIN' WHO? — Aretha Franklin (RCA)

Após um breve recesso, a "Rainha do Soul" volta à carga com seu diamantino estilo de chamada-e-resposta (tradição africana que os gospels retomam) e baladismo aveludado. Só que agora, produzida pelo baterista Narada Michael Walden, não abriu mão de todo o tratamento dado pelos estúdios contemporâneos ao funk e ao soul de modo geral.

Sem chegar ao *high-tech* a la Kraftwerk dos hip-hoppers de Nova York, Aretha só saiu ganhando. E uma das provas está no hit "Freeway of Love".

De quebra, participações estelares como as do ex-J. Geil's Band Peter Wolf, de Carlos Santana e dos Eurythmics. Dave Stewart produz e Annie Lennox canta junto com a "irmã" Aretha Franklin o bombástico hino feminista "Sisters are Doin' it for Themselves". *J.A.L.*



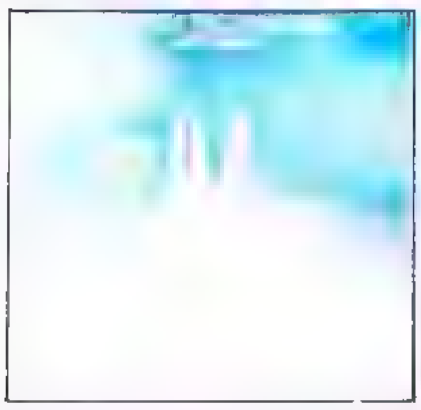
THE SECRET OF ASSOCIATION — Paul Young (CBS)

Não deixe essa carinha de bebê emburrado iludir seu bolso. Paul Young é apenas mais um garoto inglês de sua geração que preferia ter nascido negro em Detroit — a cidade americana que, além de sua indústria automobilística, deu ao mundo o selo Tamla Motown e, com ele, a melhor *soul music* dos anos 60.

As garotinhas que sonham com o namorado perdido podem arrancar os lencinhos do bolso e destilar lágrimas de sacarina com baladas como "Everytime You Go Away". Pior do que isso, só a versão de Young, que teve a ousadia de cometer contra "Love Will Tear Us Apart", uma das obras-primas do Joy Division, cujos fãs devem evitar a qualquer custo. *J.A.L.*

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & R

A veterana baladeira **Carly Simon** continua usando os recursos eletrônicos de seu disco anterior no recém-lançado **SPOILED GIRL** (CBS), mas nenhuma canção parece ter o fôlego do hit "You Know What To Do" ⊗ **THINGS TO COME** (WEA) é o LP do alemão Peter Schilling, que traduziu as letras para o inglês e diluiu seu rock para fazer sucesso nos EUA. Fraco ⊗ O romântico suíço **Andreas Vollenweider** completa com **WHITE WINDS** (CBS) sua trilogia de música instrumental para harpa eletrônica. A não ser pelo instrumento não é nada inovador, mas muita gente gosta ⊗ **The Family** é a união das bandas Time e Revolution, mas sem Prince. Seu disco de estréia (WEA) traz o bom funk que ele fazia na época do LP *1999*. Se o cantor não se cuidar, perde o lugar para suas crias ⊗ **THE GREAT UNKNOWN** (ATCO), ou *O Grande Desconhecido*, é o LP de estréia do trio americano **Nòmo.** Eles devem continuar fazendo jus ao título, apesar da presença ilustre de Andy Summers em uma das faixas ⊗ Reforçando o contingente do rock gaúcho, os punks **Replicantes** lançam um compacto independente com quatro faixas, inclusive o hit "Surfista Calhorda" ⊗ Uma trilha sonora interessante é a de **PORKY'S CONTRA ATACA** (CBS), de **Dave Edmunds,** com as participações de **Jeff Beck, Robert Plant, Phil Collins** e a recriação do "Peter Gunn Theme", de Henri Mancini, pelo saxofonista **Clarence Clemons** e a **E-Street Band** de **Bruce Springsteen** ⊗ *A.A.*



USKONTO ON VAARA — Rattus (New Face)

Punkaço. Annikki (voz), Jake (guitarra), Tomppa (baixo) e Vellu (bateria) detonam no Brasil o famoso hardcore finlandês, conhecido como o rock mais barulhento do mundo. No caso do Rattus, curiosamente completado por solos de guitarra meio heavy. E por letras que, além dos alvos usuais (políticos, religiosos), atingem com seus estilhaços outros mais inocentes (DJs e feministas)... mas não menos chatos.

O encarte traz a tradução das letras para o inglês. O som, só recomendo para ouvidos treinados. De qualquer modo, fica o exemplo da eficiência punk: o selo New Faces já editou, além deste, o disco do grupo escocês Exploited e vários títulos nacionais. *A.A.*

WORLD WIDE LIVE — Scorpions (Polygram)

Uma boa banda metal não pode se furtar de um bom guitarra solo. E o Scorpions pode se gabar de ter tido em suas fileiras Michael Schenker, Ulrich Roth e, desde 79, Mathias Jabs. Sem falar que, quando é preciso, Rudy Schenker não fica atrás. Puxa, se você esteve naquele Rock in Rio, em alguns momentos do álbum pensará estar lá de novo, pois trata-se da gravação do mesmo show que vem sendo apresentado em todo o mundo desde janeiro de 84. Desfilam os maiores sucessos conseguidos com os quatro últimos LPs do grupo. A voz de Klaus Meine continua das mais agradáveis no gênero. A bateria de Herman Rarebell e o baixo de Francis Buchols são eficientíssimos. Confirme o que digo na instrumental "Coast to Coast", na calma "Holiday" emendada ao sucesso maior de "Stil Loving You" e ainda em "Can't Live Without You", e na faixa solo de Jabs "Six String Sting". *L.R.*

A CHAVE DO SOL (Baratos Afins)

No início de carreira, a Chave era um power-trio e depois do primeiro compacto, já na Baratos, resolveu-se por um novo elemento na presença do vocalista Fran. Surgem agora neste *extended-play* (45 rpm) com seis faixas de qualidade. Som e vocal bem equilibrados (note em "Um Minuto Além"). Algumas letras ficam devendo, mas Rubens come sua guitarra pelo estômago e Tigueis e Zé Luís estão entrosadíssimos. Muita garra e energia. *L.R.*

FLOR ATÔMICA — Stress (Polygram)

O Stress originalmente é do Pará e nesse segundo LP (o primeiro era independente) já trocou dois elementos por dois de Niterói: o baixista Bosco e o guitarrista Alex Magnun, os dois ex-Metal Pesado. Já os remanescentes são o vocalista Roosevelt e o bateria André Chamon. Conseguiram um feito raro como banda metálica: gravar todo um LP numa grande empresa, com toda a liberdade de criação para um estilo tão malvisto por aqueles lados. E nada de um compacto-teste ou participação em alguma coletânea. Para que isso acontecesse tiveram que provar suas qualidades em concorridos concertos no circuito carioca de rock mais afeito a amenidades marolísticas. As melhores coisas ficam com "Flor Atômica", a instrumental "Flor do Mal" e, para os mais chegados baterem as cabeças, "Heavy Metal", "Mate o Réu" e "Sodoma e Gomorra". *L.R.*

HEART (EMI-Odeon)

Confesso que nunca fui fã dessa classe mista canadense desde quando surgiu pretensiosamente em 75. Poucos de seus discos saíram aqui até 80; desde então, nada. Ressurgem agora ainda sob o comando das irmãs Wilson — Ann (vocalista) e Nancy (guitarra solo). Grace Slick (Jefferson Airplane) faz backing-vocal na faixa "What About Love", o carro-chefe do LP. Isso muda alguma coisa ou melhora a opinião da gente? Para mim, tudo continua pasteurizado. *L.R.*

MUSICAL

GIMME SHELTER (1969)

Direção: David Maysles, Albert Maysles e Charlotte Zwerin. Com os Rolling Stones
Tido como um anti-Woodstock, o festival de Altamont, num autódromo da Califórnia, primou pela baixaria. Os Stones usaram como segurança os truculentos rapazes dos Hell's Angels. Numa cena superdeprê, um fã tresloucado saca de uma arma para abater Mick Jagger. E é prontamente cercado pela segurança, que o fura com 27 facadas. Nesta hora, não por coincidência, Jagger canta "Simpathy for the Devil".

GARY NUMAN (1979)

Show gravado ao vivo no Hammersmith Odeon, em Londres Foi parte da chamada Principle Tour de Gary Numan e seu Tubeway Army, uma popular mas pouco expressiva banda tecnopop. Para os apreciadores, bela produção de palco e sucessos como "Cars", "Are Friends Electric", "Conversation on Broadway" e outros. Numan sempre pálidão, como uma guelxa

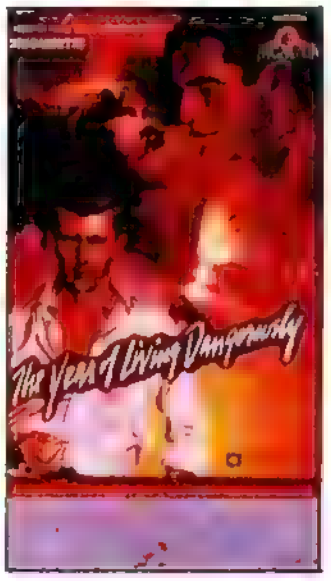
20 YEARS OF ROCK (1980)
Nostalgia perde. Nesta seleção de musicas, um bom bocado da historia do rock and roll Interpretação dos Coasters, Drifters, Jimmy Beaumant and the Skyliners, The Five Satins e The Platters Esta última banda tornou-se famosa por aqui no final da década de 50 com canções como "My Prayer" e a gravadíssima "Smoke Gets in Your Eyes"

SERIOUS MOONLIGHT (1983

Show com o superstar David Bowie no Canadá, em 1983 Elegantérrimo, Bowie desfia sucessos como "Look Back in Anger", "Fashion", "Let's Dance", "China Girl", "Ashes to Ashes", "Scary Monsters", "Fame" e "Young Americans". Delírio total, com uma banda que inclui os guitarristas Carlos Alomar e Earl Slick, os vocais de Frank e George Sims, o baixo de Carmine Rojas e a bateria de Tony Thompson. Imperdível

AVENTURA

O ANO QUE VIVEMOS EM PERIGO *(The Year of Living Dangerously,* 1983)



Direção: Peter Weir. Com Mel Gibson, Sigourney Weaver, Linda Hunt. Legendado.
Gibson *(Mad Max)* é um jornalista metido na cobertura de um golpe político na Indonésia, em 1965. É ajudado por um tipinho extraordinário, um fotógrafo anão, num fantástico trabalho de Linda Hunt. Tem história de amor: Gibson se apaixona por uma funcionária da embaixada britânica, a estonteante Weaver *(Caçafantasmas)*. Um grande exemplar do talento do novo cinema australiano

COMÉDIA

ZELIG (1983)

Foto Gamma

Direçao: Woody Allen Com Woody Allen, Mia Farrow Legendado
Obra-prima. Zelig é uma pessoa que tem a capacidade de assumir a personalidade de outros, inclusive celebridades Transforma-se fisicamente. Na presença de um chinês, vira chinês. Numa banda de jazz, vira músico negro. Torna-se ele mesmo uma celebridade, e é tratado pela psicóloga Eudora Fletcher (Farrow). Allen mistura trechos de documentarios antigos e simula quase à perfeição situações históricas (como o discurso de Hitler em Munique), nas quais acaba envolvido. Símbolo da despersonalização do homem num século caótico, o camaleão Zelig só vai encontrar seu eu verdadeiro através da dedicação extremada de Farrow. Um triunfo magistral do amor num filme hilário, delicioso e absolutamente genial. Para ver, rever e, se possível, trever

DRAMA

O DESTINO BATE À SUA PORTA *(The Postman Always Ring Twice,* 1981)

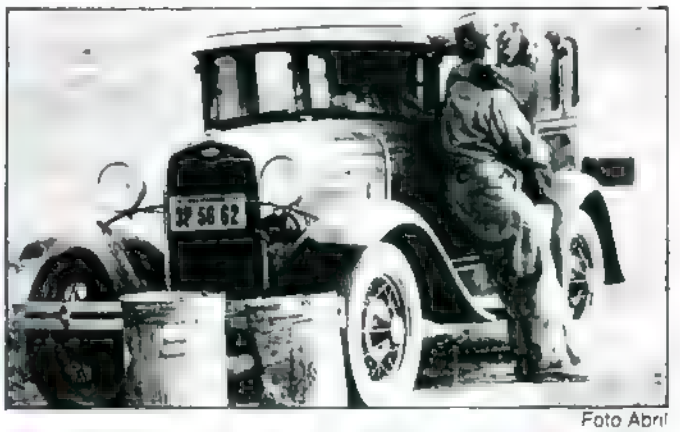


Foto Abril

Direção: Bob Rafelson Com Jack Nicholson, Jessica Lange. Legendado
Segunda versão, americana (há uma italiana, *Ossessione*, de Visconti), do romance de James Cain, tido como um dos mais importantes policiais do século. Paixão, cobiça e assassinato envolvem a história de amantes adúlteros. O pano de fundo é a época da Depressão Nicholson em seu melhor, como um andarilho que chega a um lugar para comer e se apaixona pela mulher do dono (a lânguida e devastadora Jessica Lange). Há uma cena inesquecível. Aquela na qual Lange (a mesma loura raptada pelo monstrengo *King Kong*) transa com Nicholson em cima de uma mesa. Erotismo para ninguém botar defeito

PIXOTE (1982)
Direção: Hector Babenco Com Marília Pera Jardel Filho, Fernando Ramos da Silva
Babenco, consagrado aqui e lá fora *(O Beijo da Mulher Aranha)*, baseia-se no livro *A Infância dos Mortos*, de José Louzeiro, para contar a vida de um garoto lutando para sobreviver na cidade grande

THE COTTON CLUB (1984)

Direçao: Francis Ford Coppola. Com Richard Gere Gregory Hines. Legendado
Mistura de um musical de Hollywood com uma saga do gangsterismo americano nos anos 30 O filme gira em torno do popular night club do bairro negro do Harlem, o Cotton Club, onde os músicos são negros mas apenas brancos são admitidos. Coppola enterrou na produção 47 milhões de dólares Fez um filme super-bem-cuidado, mas histórla e personagens ficaram um tanto difusos

FICÇÃO

2010, O ANO QUE FAREMOS CONTATO (1984)

Foto Abril

Direção: Peter Hyams. Com Roy Scheider John Lithgow Legendado
Nada do grande impacto de *2001, Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick. Mesmo assim, efeitos especiais chocantes cercando a história de uma missão conjunta de soviéticos e americanos que tentam descobrir o que aconteceu com a nave espacial Discovery. Para quem viu *2001*, uma decepção hightech e muita abobrinha sobre a convivência pacífica entre as duas superpotencias

Levantamento feito a partir da CIC e do videoclube Omni (SP)

Fotos Estúdio Abril

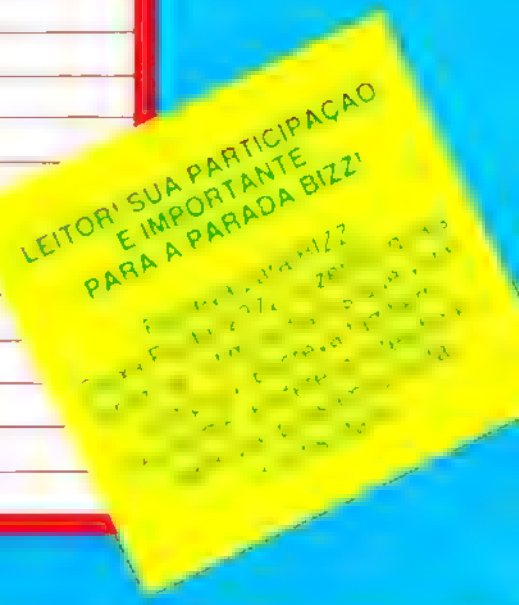
PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
(...) o número entre parenteses indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) retorno a parada

A PARADA BIZZ é feita com a confrontação de dados de execução e vendagem de discos. Eles são extraídos de 47 lojas e 71 rádios FM e AM das principais cidades do país. Pesquisa da GEM Comunicação.

AS 25 MAIS

1	(1)	"Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)
2	(8)	"Dona" - **Roupa Nova** (RCA)
3	(5)	"I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)
4	(2)	"Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)
5	(3)	"Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
6	(6)	"Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)
7	(9)	"I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)
8	(N)	"De Volta pro Aconchego" - **Elba Ramalho** (Barclay)
9	(4)	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
10	(15)	"Coração Aprendiz" - **Fafá de Belém** (Som Livre)
11	(N)	"Heaven" - **Bryan Adams** (CBS)
12	(N)	"Sincero" - **Lulu Santos** (WEA)
13	(N)	"Forever Young" - **Alphaville** (WEA)
14	(20)	"Ska" - **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
15	(N)	"Forever by your Side" - **Manhattans** (RGE)
16	(17)	"So Far Away" - **Dire Straits** (Polyram)
17	(10)	"A View to a Kill" - **Duran Duran** (EMI-Odeon)
18	(N)	"Ela Não Gosta de Mim" - **Dominó** (CBS)
19	(7)	"Fórmula do Amor" - **Léo Jaime/Kid Abelha** (CBS)
20	(N)	"Roque Santeiro" - **Sá e Guarabyra** (RCA)
21	(24)	"We Don't Need Another Hero" - **Tina Turner** (EMI-Odeon)
22	(16)	"Smooth Operator" - **Sade** (CBS)
23	(13)	"Rebelde Sem Causa" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
24	(R)	"Companheiro" - **Dominó** (CBS)
25	(N)	"Steady" - **Jules Shear** (EMI-Odeon)



	OS 10 MAIS VENDIDOS	AS 10 MAIS TOCADAS	PARADA DO LEITOR
1	(1) *Nos Vamos Invadir Sua Praia* - **Ultraje a Rigor** (WEA)	(1) "Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)	*Nós Vamos Invandir Sua Praia* - **Ultraje a Rigor** (WEA)
2	(2) *Roque Santeiro* - Nac - **Vários** (Som Livre)	(N) "Dona" - **Roupa Nova** (RCA)	*Born in the USA* - **Bruce Springsteen** (CBS)
3	(6) *Dominó* - **Dominó** (CBS)	(3) "Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)	*We Are the World* - **USA for Africa - Vários** (CBS)
4	(R) *Mr. Bad Guy* - **Freddie Mercury** (CBS)	(4) "Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)	*Like a Virgin* - **Madonna** (WEA)
5	(3) *A Gata Comeu* - Inter - **Vários** (Som Livre)	(2) "Louras Geladas" - **RPM** (CBS)	*O Passo do Lui* - **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
6	(N) *Like a Virgin* - **Madonna** (WEA)	(7) "I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)	*The Unforgettable Fire* - **U2** (WEA)
7	(N) *Brothers in Arms* - **Dire Straits** (Polygram)	(6) "Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)	*Mr. Bad Guy* - **Freddie Mercury** (CBS)
8	(N) *Libra* - **Julio Iglesias** (CBS)	(N) "Sincero" - **Lulu Santos** (WEA)	*Make it Big* - **Wham!** (CBS)
9	(N) *Romance* - **Maria Bethânia** (Polygram)	(N) "Forever Young" - **Alphaville** (WEA)	*Songs from the Big Chair* - **Tears for Fears** (Mercury Polygram)
10	(R) *Amadeus* - **Trilha Sonora** (Barclay)	(10) "I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)	*Olhar* - **Metrô** (CBS)

Fotos: Mauricio Valladares

Gil

no balanço das décadas

Da pré-Tropicália aos dias de hoje, Gilberto Gil construiu uma carreira pontilhada de sucessos que marcaram indelevelmente a música popular brasileira. Agora em novembro, Gil comemora vinte anos de estúdios e de palcos aqui e no mundo, sempre espalhando luz por onde passa. Fazem a comemoração exposições, projeções, debates, um novo disco — o mestre está agora no estúdio —, dança, teatro e um ciclo de shows em S.Paulo, no Anhembi, onde Gil figurará ao lado de Luiz Gonzaga, Jorge Ben, Hermeto, Mautner, Caetano, Paralamas e outros talentosos companheiros de jornada. Aqui, ele fala com exclusividade ao editor *José Emílio Rondeau* sobre sua vida e obra

BIZZ — Você está envolvido em dois projetos: a comemoração de seus vinte anos de carreira e o disco novo. Como vão as gravações do LP?

Gil — Quinze dias atrás eu não saberia dizer, mas nesse período compus oito músicas e gravei três. E são músicas inspiradas, com uma certa substância. Fiz um rock chamado "Roque Santeiro - O Rock" que diz: "Outrora só cabeludo/ Agora o menino é tudo de novo no front/ Outrora só rebeldia/ Agora soberania na noite neon". É sobre essa invasão dos meninos fortes do rock, e é um som bem pesado. Tem outra sobre a África do Sul que diz: "Se o Rei Zulu já não pode andar nu/ Salve a batina do Bispo Tutu", e faz uma série de reflexões sobre o racismo de lá. Nessa linha fiz uma outra, com letra em francês, chamada "Touches Pas Mon Pot", que é o slogan de uma campanha contra a crescente intolerância racial que atinge os imigrantes argelinos, hindus... Os artistas têm apoiado, fizeram um show com o Steel Pulse e o Sting. Então eu fiz essa canção, um afoxé.

BIZZ — E as outras?

Gil — Tem uma letra que eu fiz para uma música do Liminha, que está produzindo o disco: "Nos barracos da cidade/ Ninguém mais tem ilusão/ No poder da autoridade/ De tomar a decisão/ O poder se pode não faz questão/ Se faz questão não consegue/ Enfrentar o tubarão". É uma letra sobre a usura, a deterioração da economia do mundo. Tem uma linguagem bem popularesca, com as rimas em *ão*, simplórias mesmo. Eu queria retomar a linguagem das pessoas menos favorecidas.

BIZZ — E a música?

Gil — É um reggae-ska, bem pulsante. É essa a minha intenção: fazer a mediação entre esse descompromisso da coisa rítmica, dançante, e temáticas mais pesadas. Veja "A Mão da Limpeza", por exemplo: é um samba de roda, um estandarte brasileiro, praieiro, mulato. Mas a temática é a questão racial no Brasil, uma negação da hegemonia branca. É a história contada pelo vencido, pelo mais fraco.

BIZZ — Mas seus discos, se são uma síntese disso tudo, têm sempre o mesmo Gil por trás, não é?

Gil — É isso mesmo. Quando ouço minhas músicas recentes, parece que estou ouvindo "Louvação"... Mas tem tudo o que você ouve por aí, o rádio, o mundo, a rua, essas sonoridades modernas que nos envolvem, esse tecido plástico-sonoro que faz o parangolé que vestimos, para citar o Hélio Oiticica.

BIZZ — Então, o que se vê em cada canção sua é um pouco de sua história como artista e como homem, mas também um pouco da história da própria música?

"Alguém na história da cultura tem de fazer uma ponte entre uma era e outra"

Gil — Isso. Quero fazer o experimentalismo todo, unir Hermeto com Gismonti, com Caetano e com Milton e Chico... Eu faço um pouco esse papel de Exu, o mensageiro, que fica transando de lá para cá e de cá para lá, levando notícias de uma área para a outra. Ele acaba sendo um híbrido daquilo tudo, sem marca pessoal. E essa impessoalidade é a minha marca — sou muito marcado, e muito marcante, exatamente por não ter escolhido uma característica única para a minha pessoa. Alguém, na história da cultura, tem que fazer a ponte de uma época para a outra. Muitos andam sobre a ponte, fazem a travessia, mas outros têm que ser a ponte sobre a qual a travessia é feita. É esse caráter que eu reivindico para a minha personalidade artística. Eu gosto desse papel, e me sinto envaidecido por fazê-lo. Ele demanda sacrifício, o abandono de uma série de preciosidades, digamos, de áreas da sua personalidade. Você deixa de sofisticar o seu trabalho, como Hermeto e Egberto. Eu me estendo...

BIZZ — Como o Super-Homem?

Gil — Como o Super-Homem no trilho do trem, ele vem e passa por cima. E aí passam os meninos, passam os Paralamas e fazem *cross-over* do antigo com o novo. Eu gosto disso.

BIZZ — Sobre a música "Tempo Rei", como o tempo influenciou você nesses anos todos?

Gil — Ele propiciou na minha consciência a absorção da minha pessoa inteira, em um sentimento religioso do tempo. Essa coisa da eleição do Tempo como um dos grandes deuses é uma coisa primitiva, como a dimensão religiosa da luz. É uma coisa que passa por nós como uma flecha mágica. Com a meditação sobre a vida e a morte, descobri que o tempo é vida e é morte, algo além do contar dos anos, do efêmero. É a eternidade, o sentido do Deus, da graça, da permanência que o ego almeja, que as religiões prometem. É essa possibilidade de diálogo com o conceito de Tempo que tem me dado uma resignação com a vida, com o que eu sou, como eu vivi. É uma coisa bem-aventurosa, que me permite a sensação de ser feliz, apesar de viver em um mundo tão fustigante.

BIZZ — Sobre o novo rock brasileiro, o Caetano disse que a principal característica dele é a força, e que a qualidade vai se desenvolvendo através dos anos. O que você acha?

Gil — Eu li uma coisa do Caetano em um jornal, há uns seis ou oito meses, onde ele dizia isso. Que em certos momentos de reciclagem cultural é importante que as coisas sejam fortes, e não necessariamente qualificadas. Ele falava do Barão Vermelho, dos Paralamas... Eu concordo com ele absolutamente, e quando comentei isso ele disse que não se lembrava do que tinha dito. Mesmo assim é espetacular.

BIZZ — E no passado, quando você e ele, Chico e Milton começaram a fazer sucesso?

Gil — No caso, o que diferenciava é que vínhamos de uma área mais intelectualizada, em que a discussão do aspecto qualidade era muito importante. Era basicamente isso que se discutia na época — na briga entre a Bossa Nova e a Jovem Guarda, ela seria a qualidade e a Jovem Guarda a não-qualidade, apesar da força. A Tropicália veio exatamente unir uma coisa à outra, segundo os padrões da época. Vistas pelo padrão de hoje, a Jovem Guarda estava cheia de qualidade e a Bossa Nova estava cheia... de fraqueza. Vendo sob aquele ângulo, o que a Tropicália queria era ganhar a força devastadora do rock internacional, dos Beatles e dos Stones, e do Roberto e Erasmo, e juntar com aquela sofisticação de texto e conceitual que Vinicius e Milton Mendonça e Jobim traziam. Dali em diante as coisas passaram a andar juntas.

BIZZ — O que você aprende em sua relação, hoje, com seus filhos, inclusive o Pedro, que toca em sua banda?

Gil — Eles me chamaram para perto, me obrigaram a um novo foco, a não perder a perspectiva da parte nova da minha alma, da parte permanentemente infanto-juvenil, e que me dá o despudor em relação à parte velha para sair por aí e empunhar guitarras, e pentear os cabelos e vestir roupas e cantar canções ao embalo dos tempos modernos. Eu acho isso fundamental, pois era um projeto inclusive da minha alma velha não repetir meu pai, como meu pai repetiu meu avô. Eu tinha o sonho de ser para os meus filhos um pai novo, um pai que eu não tive. Eu tive conflitos sérios com meu pai por causa da música.

BIZZ — Vamos falar da comemoração de seus vinte anos de carreira. Como surgiu a idéia?

Gil — Foi o Daniel, o produtor executivo do meu escritório, e outras pessoas interessadas em agitar suas especialidades que se associaram para fazer um projeto multidisciplinar. Vão fazer um vídeo retrospectivo, uns três clips para o evento. Na área de cinema, tudo a que eu estive ligado, desde trilha sonora até os filmes de temas próximos à Tropicália. Uns quatro ou cinco longas e vários curtas, como *Demiurgo*, do Mautner; *Roda*, do Sérgio Muniz; *Viramundo*, do Sarno. São filmes onde eu trabalho como ator, músico ou inspirador. Tem a parte plástica, com trabalhos do Hélio Oiticica, homenagens que ele fez à Tropicália, a mim, a Caetano, uma temática toda paralela ao movimento que fizemos. Tem coisas do Rogério Duarte, um projeto de tenda geodésica através da utilização de outra geometria, que ele ia fazer no parque Lage mas foi transferido para S. Paulo. Vai ter fotografia artística e jornalística, uma sala de textos, vai haver uma revista... Depois do evento faremos um livro. Uma sessão importante será a de debates sobre MPB, cultura e sua envolvência, toda a discussão que tem ocorrido nesses anos. Vai ter música coral, em cima de composições minhas.

BIZZ — E os shows?

Gil — Vai ter uma noite para os Doces Bárbaros, Caetano, Gal, Bethânia, e para a qual a gente também convidou o Roberto. Outra noite será "Luar no Sertão", com Luiz Gonzaga, Dominguinhos e Elba, e talvez o Alceu Valença. Uma outra noite seria "Esse Tal de Rock'n'Roll", com Lulu Santos, Paralamas, Titãs — a Rita Lee não poderá ir. Tem "Malditos Benditos", com Chico, Ângela Rô Rô, Arrigo Barnabé, o Mautner, se eles puderem. Eu não queria fazer essa comemoração, sou muito tímido com essas coisas, mas como partiu dos amigos... Mas a festa não é só para mim, é para Gil e para aqueles com quem Gil tem vivido, um universo de coisas, de fatos. Vai ser a retrospectiva de um período riquíssimo da cultura brasileira.

BIZZ — Como você vê esses vinte anos?

Gil — A música popular e a cultura em geral foram marcadas por uma geração muito atuante, Chico, Milton, Roberto, Jorge Ben, Caetano, Bethânia, Elis... É o aniversário disso tudo e Gil é o pretexto. Esses vinte anos férteis coincidem por acaso com vinte anos de obscurantismo político, censura. Esse aniversário é como um ritual, é injetar o passado, no que ele tem de positivo e de negativo, no futuro, através do presente.

BIZZ — Por que a comemoração será realizada em S. Paulo?

Gil — A princípio a gente pensou em fazer no Rio, mas faltava o lugar adequado. E porque S. Paulo é mais representativa, inclusive, como sede disso tudo, como cidade da TV Record, Tropicália, Chico, Roberto, o primeiro show da gente... Rio foi mais sede da fermentação intelectual, a Bossa Nova e tal, Rio como fermento e S. Paulo onde as coisas se manifestaram. Mais tarde talvez a gente possa replicar no Rio... Em S. Paulo será do dia 11 ao dia 18 de novembro, uma semana.

BIZZ — E os próximos vinte anos?

Gil — É claro que os anos vão me marcar, mas acho que os parâmetros entre os quais ziguezagueio continuarão balizando minha vida. Eu comentava com o Caetano, quinze, vinte anos atrás, o medo de ter compromisso com uma geração, de ficar pagando tributo a ela, e espero que minha vida continue isenta disso. Eu vejo Tina Turner, que está com cinqüenta anos; o Mick Jagger; vi o Chuck Berry em um comercial da Pepsi, nos EUA, e ele tinha mais energia que o Michael Jackson, que fez outro comercial da mesma série, e ele está com mais de sessenta anos... Eu não me vejo muito distante de uma coisa tipo velhinho transviado...

Foto Estúdio Abril

As capas elaboradas por Peter Saville: nenhuma informação sobre a banda

ceberam que aquela banda esquisitíssima — quase uma seita oculta — fabricava *hits* e entupia pistas de dança na Europa, EUA, Austrália e até locais selecionados do Rio e de São Paulo.

A culpa foi de "Blue Monday". Sem vídeo promocional, sem propaganda, sem roupinhas colaterais, sem foto na capa imaculadamente negra, este compacto de 12 polegadas está até hoje na lista inglesa dos independentes mais vendidos — mais de 600 mil cópias em pouco menos de dois anos, e um dos cinco mais populares compactos de 12 polegadas de todos os tempos. Segredo? Nenhum. Apenas uma fragilíssima melodia inserida em uma pesadíssima batida *hard disco*. A influência de "Blue Monday" foi tão grande que fertilizou até mesmo experimentos de estúdio dos magos negros de Nova York.

"Blue Monday" foi uma bomba. Não nos termos conceituais. Mas no som. As canções do New Order geralmente exploram um pequeno espectro de emoções em torno do desespero profundo. Sempre avançam com mordacidade e veneno, manipulando também o sarcasmo como se fosse uma pausa para tomar ar fresco. *Power, Corruption and Lies*, o magnífico LP anterior a "Blue Monday", era ainda uma epopéia melancólica, quase tão divinamente fúnebre quanto as composições do Joy Divison. Na capa magistral — como todas do designer Peter Saville —, apenas um óleo com rosas do impressionista francês Fantin-Latour, e uma pequena (e falsa) escala de cores no canto superior direito. Em "Confusion", o compacto de 12 polegadas posterior a "Blue Monday", um verdadeiro delírio. Eletropop, orquestrado pelo possesso Arthur Baker, produtor do não menos possesso Afrika Bambaataa. Um experimentalismo ao qual deram-se ao luxo e de onde aprenderam lições fundamentais, como na temporada sob Martin Hannett. Em 83, New Order já produzia todos os seus discos.

Eles têm pouca coisa a dizer longe de um estúdio. Quase toda a renda do grupo é investida na compra de equipamento. Tocam pouquíssimo ao vivo, sempre nos arredores de Londres ou em pequenas salas no interior da Inglaterra. Detestam publicidade. São extremamente insulares. Mas, quando saem de casa, é um tumulto, como nas incursões ao Japão, onde são venerados como deuses eletrônicos. Nas fitas piratas de shows — muitas podem ser encontradas nas barraquinhas dos

Poucas bandas na História conseguiram suscitar uma atmosfera tão envolvente

trambiqueiros de Portobello Road, em Londres, aos sábados — quase sempre soam como nas mixagens oficiais. Sua concepção de *jam session* é sempre hipereletrônica, como nas longas introduções ao vivo para "Blue Monday", ornadas de múltiplos efeitos especiais.

Configurados como uma banda dançante, fizeram em 84 uma belíssima canção de amor, "Thieves Like Us", verdadeiro balé sintetizado para apaixonados, lançado depois em versão instrumental com duas antológicas capas — branca e preta — em torno de um quadro do surrealista italiano Giorgio de Chirico. Até que em junho deste ano apareceu o esperadíssimo novo LP, *Lowlife*, termo que designa "criminoso", verdadeiro ou potencial. Temos uma bela canção de amor, "The Perfect Kiss", também lançada em mix de entortar o cangote. Temos New Order soando como uma banda de heavy metal ("Sunrise"). Temos uma brilhante canção pop com guitarras acústicas ("Sooner than you Think"). Temos um pastiche de Lou Reed ("Sub-Culture"). Temos até os rostos dos quatro New Order, pela primeira vez para o grande público, distorcidos em branco e negro e grande angular, como em uma sala de espelhos. Temos certeza de que, sem New Order, um enorme contigente do pop contemporâneo — de Human League a Depeche Mode, passando pelas "invenções" da ZTT — ainda estaria procurando sua razão de existir.

Mas a faísca de gênio de uma determinada banda ou performer pode ser realmente conferida em determinadas canções. No caso, New Order perpetuou um dos grandes hinos dos anos 80 com "Love Vigilantes", cujo impacto de abertura — uma melodia entre soul e reggae perdidos no tempo — é impressionante. O tom é dos poetas da época da Primeira Guerra Mundial. E a letra inverte as perspectivas, como em uma adequada sala de espelhos. Um herói de guerra volta para casa ("Quero ver minha família/ minha mulher e meu filho esperam por mim/ tenho que voltar para casa me sinto tão sozinho"). Só que sua mulher pensa que ele já morreu. É um conto de "ilusões perdidas" reduzido a permanentes quatro minutos. Com seus computadores caseiros, sua fria insularidade e seu laconismo suburbano, poucas bandas na história da música popular conseguiram suscitar uma atmosfera tão envolvente e emocionante. Não se enganem com a aparência da nova ordem. Nem com os truques sonoros de sua sala de espelhos.

Pepe Escobar

ESTE NÃO É UM LUGAR PARA AMADORES.

SIDE WALK

Al. Lorena, 2.090. Tel. 852-1087. Shopping Center Iguatemi - SP. Shopping Center Ibirapuera - SP. Visconde de Pirajá, 547 - RJ

樂曲

O NOJAPÃO ROCK

Onde nascem o sol e a nova tecnologia, o pop e o rock fazem as festas. Por *Pepe Escobar*

O Japão é uma loucura. Demência infecciosa, estouro semântico digitalizado, ideogramas correndo em uma velocidade digna do neon. Profundidades insondáveis, sociedade vertical. A estética ultra-sofisticada convive com uma moral sufocante, tudo acomodado em uma tecnologia fora do comum. Japão, terra de máscaras e mentiras.

Na música, não poderia ser diferente. O japonês de hoje é um poliglota musical. Está exposto a canções milenares chinesas e ao punk. Ouvias-de-casa têm aula de folk japonês e *ballroom dancing* na sequência, sem trocar de roupa. É comum, nos bares, tocar um grupo com a formação guitarra-piano-voz-koto (este, um instrumento de cordas típico do país).

Na foto maior, uma das alucinadas Frank Chickens; acima a Sadistic Mika Band

Foto Peter Brooker Rex Features Keystone

楽曲

A música japonesa não é harmônica. Em vez de melodias sustentadas por acordes, temos heterofonias — um som unissono, solto, com cada instrumento fazendo sua própria versão de uma melodia básica. No Ocidente, o interesse é por harmonia. No Oriente, por ornamentação melódica, geralmente com ritmo livre.

A influência ocidental começou em 1860. O país tinha ficado mais de dois século fechado em si, como uma ostra. Começaram a importar tudo: música militar, clássica, jazz, rock, bluegrass, folk, música eletrônica. Hoje, o carnaval musical reflete-se até nos próprios nomes dos performers. Por exemplo: Tanaka Denzaemon XVII (descendente de uma linhagem de percussionistas do teatro kabuki — cujas peças sempre têm em cena uma orquestrinha); The Spiders (eram cópias orientais dos Beatles); Hidehiko "Sleepy" Matsumoto (saxofonista de jazz); Pro Musica Nipponia (grupo de câmara que toca composições modernas com instrumentos antigos); Sadistic Mika Band (grupo bem conhecido na Europa, que mescla rock de vanguarda com sons tradicionais).

O caso do jazz é muito interessante. Sua essência é a improvisação. Este é um conceito ausente da música e da própria estrutura da sociedade japonesa. Não importa: eles inventaram um "jazz japonês". Desde os anos 50, Tóquio é uma das capitais mundiais do jazz. Todo mundo foi tocar lá. E do Japão já saíram vários nomes de destaque internacional. Por exemplo: Toshiko Akiyoshi, pianista, a primeira japonesa a entrar na Berklee School, de Boston, a escola no que se refere a jazz; o saxofonista Sadao Watanabe; e Aki Takaze, que toca koto em um particularíssimo estilo funk.

...

Na indústria pop, o negócio já é multibilionário. O pop japonês vende erraticamente na Ásia Oriental. Mas praticamente não existe nos mercados ocidentais. Por outro lado, o pop internacional — quase todos dos EUA e Inglaterra — representa quase 40% das vendas no mercado japonês. A culpa é da era do vídeo e da tecnologia digital.

O Japão é uma fonte básica para a mais importante invenção na indústria da música desde o estéreo: o compact disc digital. Eles estão produzindo — e exportando — pelo menos 13 milhões de CDs por ano. As inovações não param: a Sony lançou o compact disc walkman, a Pioneer um CD para o carro e também um híbrido CD videodisco. A oferta nas arcadas, shopping centers subterrâneos e show-rooms de Tóquio é simplesmente enlouquecedora. Todo

日本のロッキ

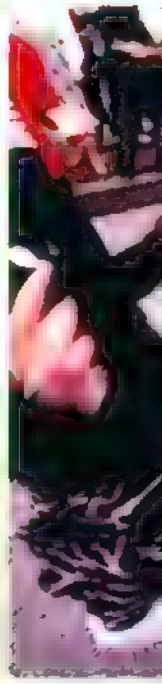
mundo compra CD — as lojas têm seções intermináveis de títulos. Mas também todo mundo compra disco — ainda que o velho vinil vá desaparecer nos próximos dez anos. No Japão, há mercado para tudo.

No final dos anos 60, artistas japoneses começaram a copiar uma série de estilos ocidentais na música pop. Por isso, hoje dominam o mercado. Mesmo assim, os estrangeiros — especialmente os que criam novas frentes na simbiose pop/moda — continuam sendo procurados como barômetros de mudança ou como alternativas à hegemonia do pop local. Além disso, qualquer artista internacional tem uma inacreditável cobertura de mídia. Há mais de cinqüenta revistas especializadas em rock e pop no Japão, com repórteres no mundo inteiro e um festival de fotos coloridas, entrevistas exclusivas etc. Para completar, há a exposição eletrônica. Em Tóquio, há TVs em qualquer lugar — forro de lojas, postes nas ruas, paredes, muros, TVs de bolso etc. Qualquer bar tem vídeo. O *music video* tem um alcance tão grande quanto nos EUA. Foi assim que estourou Duran Duran, assim como Madonna, Frankie Goes to Hollywood, Wham!, Culture Club e congêneres.

Wave e pop proletário

Um garotão que trabalhava na Wave — uma das maiores lojas de discos do planeta, delírio high tech de dez andares com absolutamente tudo que se possa imaginar em vinil, digital, cassete, o diabo — me disse que existe uma ligação entre o sucesso dessa moçada do pop leve ocidental e o eterno prestígio dos uêives locais, conhecidos como *aidoru kashu*, ou cantores-ídolos. Essas figuras têm mais imagem do que talento musical — como nossos uêives de roupinha Fiorucci e cérebro de barata. Entre as mais conhecidas estão Akina Nakamori, Seiko Matsuda e a gatinha Mimi Hagiwara, de muito apelo aos japoneses mais idosos — especialmente do sexo oposto. Não saem da TV — esta, entupida de shows, concursos musicais, caça de talentos, videoclips e blá-blá-blás —, onde dividem o espaço com os perenes performers de *enka*, uma espécie de pop proletário local. É de canções enka que saem as trilhas instrumentais para as super-hiper-populares tavernas *karaoke*, onde os comuns mortais cantam e bebem até cair — o que não demora muito, pois os japo-

Foto Peter Brooker Rex Features/Keystone

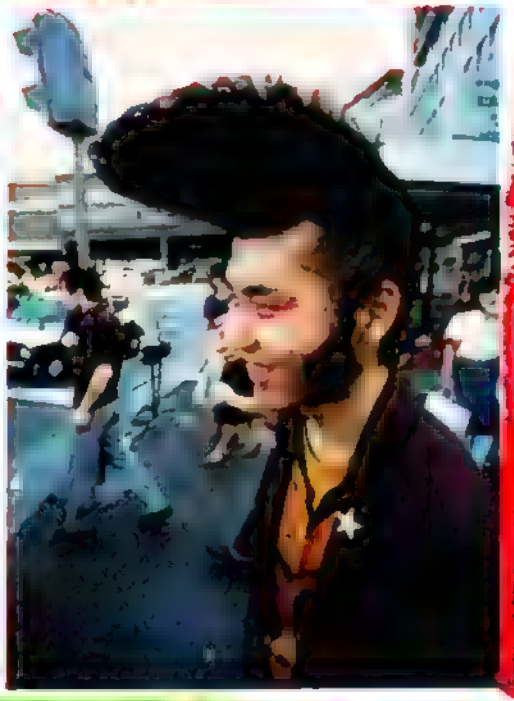


No sentido do relógio, a partir da foto acima, à direita: a ...

Foto Paul Cox LFI

[illegible] e seu ultracool topete arranha-céu

líder do Melon, a Yellow Magic Orchestra [illegible] Chickens



neses têm pequena resistência ao álcool.

No rádio, a barra é pesada. 80% do que toca é japonês, entre os uêives e o enka. Do lado internacional, só sucessos da *Billboard*. Como disse um executivo da CBS-Sony: "Se é sucesso nos EUA, eles tocam aqui". As rádios só tocam compactos, mas LPs, comparativamente, vendem muito mais. O single de 12 polegadas — que as gravadoras no Brasil ainda não descobriram — é um estouro: pela CBS-Sony, as vendas aumentaram 400% em dois anos. A concorrência na comercialização é braba. Um LP prensado no Japão — com vinil de altíssima qualidade — custa mais ou menos dez dólares. Um similar americano, de menor qualidade técnica, sete. A cadeia americana Tower Records montou uma grande loja em Tóquio e está faturando horrores.

***

À noite, é como se fosse uma interminável viagem lisérgica. Nos centros mais agitados — Ginza, Akasaka, Shijuku (onde está o "mercado do sexo", Kabukicho), Shibuya e Roppongi — empilham-se prédios e prédios com uma discoteca em cada andar, uma dança vertical iluminada por outra dança — a dos neons. Há clubes de reggae, jazz, na linha *dark* porém ultrachique — ao som de Alien Sex Fiend e Sisters of Mercy —, bossa nova, e de vanguardas eletrônicas de todos os tipos. No Ink Stick costuma apresentar-se o sexteto World Standard, ótimo, onde duas vocalistas com cara de boneca entoam cantos influenciados pelo kabuki por cima de uma trilha instrumental à la música das esferas. Kaauko Hohki e Kazumi Taguchi — as duas maluquetes do Frank Chickens —, embora estabelecidas em Londres, também atacam na cena noturna de Tóquio. Sua música é uma mistura incomparável de rock ocidental, enka e canções folclóricas japonesas. Seu hit, "We are Ninja (Not Geisha)", um rap funkíssimo de batida break, é uma das mais gostosas criações deste ano

Em todo esse mix, tinha que ter um David Bowie — ou seja, alguém que está pelo menos alguns anos à frente do resto. E ele é Ryuichi Sakamoto, o finíssimo e chiquíssimo ex-fundador da Yellow Magic Orchestra, e também amigo de Bowie, com quem contracenou no *Furyo*, de Oshima, filmaço-síntese das tensas relações Ocidente-Oriente. No Japão, Sakamoto é respeitado, porém visto de lado pela grande massa como alguém que se destacou demais — algo sempre inadmissível em um país onde tudo se baseia na ética do grupo. Recentemente, ele foi objeto de um excelente documentário da francesa Elizabeth Lennard (exibido no Festival de Cinema de Tóquio, em junho), onde demonstra seus processos de composição eletrônicos, sempre no computador Fairlight, passeia pelos símbolos de Tóquio — o metrô, os neons, frenéticos fliperamas —, toca "Merry Christmas, Mr. Lawrence" apenas ao piano, em lindíssima versão, e fala de seu fascínio por Debussy

"Acabou a era da política. Hoje as pessoas têm fome de cultura. A alta cultura perdeu sua hegemonia. A tecnologia já se move por si mesma. Eu me interesso pela tecnologia deficiente, e por lugares onde se ouve música, de passagem, para compor meus trabalhos. As pessoas, em geral, compõem cronologicamente. Agora podemos compor em fragmentos, memorizá-los na máquina e mexermos na ordem. Assim organizo minhas peças." Esta é mais ou menos a síntese do processo criativo de Sakamoto. Mas a melhor síntese é mesmo seu último LP, de 84, onde mescla música tibetana, japonesa, folclórica asiática, eletrônica, funk, bossa nova, calipso e referências clássicas. Se demorar até o ano 2000 para sair no mercado brasileiro, a espera terá valido a pena. O trabalho de Sakamoto é mais uma prova evidente de que, ao unir tradição e inovação, os japoneses de fina sensibilidade artística já nos prefiguram o século XXI.

STANLEY CLARKE

Rasgando o protocolo

Projeto SP — 20/09

Existem jogadores que, em campo, jogam para o técnico — obedecem a todas as táticas ensaiadas nos treinamentos, fazem ''cera'' quando a coisa fica esquisita e jamais ''seguram'' a bola quando a jogada é conjunta. Mas também existem aqueles jogadores que jogam para a torcida — esquecem qualquer preceito tático, levam o técnico às raias da loucura e suam a camisa para a galera. São jogadores como estes que, depois de um gol espetacular, dão cambalhotas, pulam e ficam exibindo sua camisa para a torcida

Stanley Clarke é como estes últimos. No antepenúltimo show que fez no Projeto SP — um misto de circo e teatro no coração da rua Augusta — Clarke rompeu com qualquer protocolo possível e imaginável entre público e artista logo na primeira música. Desceu do palco, bicou uma cerveja de um nissei embasbacado e começou a solar como se sua vida dependesse daquele solo específico. Daí para a frente, aquele que seria um pretenso concerto de jazz virou uma festa funk digna das melhores quadras de clubes de subúrbio.

Acolitado por uma banda *sui generis* — dois teclados, uma bateria e *nenhuma* guitarra —, Clarke criou um ambiente de *Soul Revue* que exalava para alegria. Mexendo incessantemente nos controles do tonalidade e volume de seu Alembic especial (com pontos vermelhos iluminados nos trastes), Clarke dialogava com seus músicos — principalmente o baterista *extraordinaire* Rayford Griffin e o tecladista Robert Brookins — como se estivessem batendo um papo na esquina: informalmente, entremeando exibições de *virtuose* com brincadeiras de músicos que se divertem com seu ofício.

Mais do que outra coisa, Clark e provou sua total conversão ao funk. ''Silly Puddy'', um tema gravado em 1975, reapareceu no Projeto SP totalmente transfigurado — antes quase um estudo de escalas em ritmo morno, agora o tema ganhou corpo e balanço comparáveis às melhores invenções de Prince.

Depois do bis — uma versão hip-hop de ''Born in the U.S.A.'' —, Clarke reafirmou sua dedicação às arquibancadas. Pegou seu precioso Alembic e o ofereceu às pessoas da primeira fila. Só não tocou o Alembic quem não quis. *J.E.R.*

Stanley tocou como um jogador que sua a camisa

RPM

Morenos congelados

Teatro Bandeirantes (SP) — 19/09

O melhor da festa é esperar por ela. Quem nunca comeu mel, quando come se lambuza

Antes mesmo da banda pisar no palco, o show já era um divisor-de-águas na história da música brasileira. Primeiro, pela *pole position* na atual disparada dos grupos pop atrás de teatros.

Depois, toda uma preocupação com o lado cênico e visual, amparada por uma infra-estrutura de mil patrocínios. A expectativa ficava ainda mais atiçada pela entrega da ''direção'' a Ney Matogrosso.

Mas o melhor mesmo foi a espera, pois — pelo menos na estréia da temporada paulistana — o show sucumbiu a todos os possíveis efeitos colaterais a que está arriscada uma ''superprodução''.

Aliás, esse negócio de ''direção'' em shows musicais me lembra, de cara, duas coisas — Broadway e Maria Bethânia. Quando lançou seu LP na danceteria Pool, ainda neste trepidante inverno, o RPM simplesmente deu um dos melhores shows do ano.Cimentados pelo acréscimo do treme-terra P.A. na bateria, os três RPM originais deitaram, rolaram e deliciaram a si mesmos e à platéia.

Já no Teatro Bandeirantes, eles pareciam três fantoches tocando e/ou cantando com um olho na marcação de palco e a cabeça numa coreografia rígida e, em alguns momentos, de gosto duvidoso. Lambuzando tudo isso, uma overdose de laser e fumacinha de gelo seco. Aquela que é uma das três melhores bandas pop do país (não importa quais as outras duas de sua preferência) não merecia isso.

Melhores momentos: ''Flores Astrais'' dos Secos & Molhados, e ''London, London'' de Caetano. Em ambas, vocais espantosos do sr. Paulo Ricardo — principalmente a segunda, que se revelou uma nova canção com alcance vocal e pronúncia imaculada. Piores momentos: ''Ciúme'' e ''Rebelde Sem Causa''. A gente somos uma banda de batinho?

Luís Schiavon, o tecladista, disse a BIZZ que o RPM andaria na ''corda bamba entre o brega e o não-vendável''. Na saída do teatro — sintonizando ''Rádio Pirata'' com a frase ''a Rádio Cidade é a nossa rádio pirata'' mixada em cima — a banda me parecia mesmo mergulhada até a cintura nas concessões do circuito FM que denuncia como ''um paiol de bobagens'', erguendo as cabeças em busca de credibilidade e prestígio. Que a poça não seja de areia movediça. *J.A.L.*

O RPM quis comer mel

MARINA - LULU - RITA

Foto Ângelo Pastorello

para a torcida

Dez minutos cada

Festival dos Festivais Ginásio do Ibirapuera (SP) — 21/09

Nem mesmo os concertos do Live Aid conseguiram ser tão breves. Imagine só: três artistas de imensa magnitude repartindo menos de meia hora no palco, diante de uma platéia de uns 10 mil pagantes. Deu para ter uma idéia do que foram os shows-relâmpago de Marina, Lulu Santos e Rita e Roberto na eliminatória paulista do Festival dos Festivais?

Se não, vamos adiante. Marina abriu os trabalhos com entusiasmo, mostrando-se bem à vontade numa situação de show em estádio. A voz no topo da forma, contudo, não foi o bastante para segurar de pé todo o público até o final da primeira música, "Mesmo Que Seja Eu". "Fulgás" encerrou a breve passagem de Marina pelo Ibirapuera num tom quase submisso, diametralmente oposto à energia que sublinha os melhores shows da cantora.

Lulu Santos e a *intro* de "Tempos Modernos" foram saudados com a primeira grande ovação da noite. E, mesmo com todas as cartas contra ele — uma guitarra emudecida precocemente por defeitos técnicos — mais um festival de microfonias —, Lulu desempenhou, demonstrando quão bem aprendeu as velhas lições de palco de um tal Mick Jagger (sempre que possível, pule bastante; mais ainda quando o som estiver pifando). Quando chegou a "Sincero", Lulu teve a prova definitiva (se alguma hora ela foi necessária) de sua imensa popularidade — todo o Ibirapuera fazendo coro.

Em sua primeira apresentação ao vivo no Brasil desde o malfadado episódio do Rock in Rio (um fiasco reconhecido pela própria Rita), a dupla Rita e Roberto reconquistou todo e qualquer terreno perdido nos últimos anos de silêncio. Embora longe de incitar a mesma reação de quase histeria que precedeu a entrada de Lulu (afinal, ele é um incansável operário dos palcos), o show de Rita e Roberto — ajudados, na ocasião, pela guitarra de outro ex-Mutante, Sérgio Dias — deixou bem claro que alguma estrada e dedicação acabará resultando numa das melhores performances de rock que o país já teve.

As três músicas — "Vírus do Amor", "On The Rocks" e "Yê Yê Yê" — ganharam peso, consistência e *punch*, ao vivo. A voz de Rita pode não ter o mesmo alcance do passado, mas ela soube acomodar-se ao presente de maneira bem digna e eficiente — não vai além do que consegue, mas, quando chega lá, se esbalda. Roberto tornou-se um maestro eficaz, construindo *crescendos* irresistíveis nos teclados. E Sérgio reencontrou-se com o rock and roll que jamais deveria ter abandonado — direto ao assunto e vigoroso. *J.E.R.*

acabou se lambuzando com os efeitos colaterais das superproduções

Fotos Rui Mendes

Mesmo com a guitarra emudecida precocemente, Lulu Santos incendiou o Ibirapuera

A SONORIZAÇÃO PROFISSIONAL

RITCHIE

Dois anos depois de "Menina Veneno", o cantor inglês sai em busca do pop brasileiro

Ele sentiu na pele que o grande estouro pode ser uma faca de dois gumes e agora, com *Circular*, seu terceiro LP, Ritchie corre atras do espaço perdido. Depois do sucesso da estréia, o segundo LP nao repetiu o feito, mas o curioso é que *E A Vida Continua* chegou a vender 170 mil cópias. E, comparado com outros discos do nosso rock, ainda foi o recordista em vendas do ano passado. Mais, por exemplo, do que os hiperexecutados discos de ouro do Kid Abelha, Paralamas e Barão Vermelho. O problema é que ficou muito abaixo dos espetaculares números de *Vôo de Coração:* 800 mil cópias, segundo a gravadora CBS.

Hoje, depois de um recolhimento e o trabalho cuidadoso para o terceiro disco, Ritchie explica o que aconteceu a partir da conjugação de muitos fatores. A CBS, por exemplo, era contra o lançamento do segundo LP naquela época — outubro de 84 —, preferindo que ele deixasse para o início de 85. "Eu, no entanto, senti que as coisas estavam mudando muito rápido dentro do cenário do rock e achei importante me afirmar com um novo trabalho".

Alem da pouca penetração junto às radios e tevês, Ritchie também não foi bem-sucedido na turnê programada: "Eu entrei no esquema das danceterias e o público desses locais queria mesmo e ver os novos conjuntos, o pessoal mais marginal, não a banda do Ritchie. Isso me deprimiu um pouco".

Latino neo-hippie

Cabeça fria, desde o início de 85 ele veio preparando *Circular*. O título sugere uma retomada e mesmo a canção escolhida para as rádios, "Telenotícias", me soou como um autoplágio. Ritchie nega qualquer *replay:* "Eu acho que é mesmo um processo cíclico, circular, mas numa progressão espiral, pra cima. Nas letras há um neo-hippismo, mas com ironia, sem nostalgia. E musicalmente tem elementos jazzísticos, mas é bem pop e superlatino. Há toda uma tendência de latinização na musica pop. Matt Bianco, Sade, Style Council. E a gente aqui no Brasil, com tudo isso embaixo dos nossos pés. Estou dizendo desde o primeiro disco que o meu maior sonho é integrar tudo isso de uma forma que não seja cafona. Agora acho que consegui achar uma linguagem que não compromete o meu estilo pop, mas que é muito brasileira".

Para chegar a esta dosagem, Ritchie convocou dois produtores ingleses, James Asher (velho amigo seu que toca bateria no LP *Empty Glass* de Pete Townshend) e Frazer Henry (engenheiro de som do Echo & The Bunnymen). Isso depois de saber que não poderia contar com nenhum dos três brasileiros em que confia: Liminha, Lauro Salazar e Mayrton Bahia.

Com *Circular* nas lojas, ele lançou-se ao trabalho de divulgação. Shows só para o final de novembro. Enquanto isso, fica de olho no que rola no circo roqueiro: "O Ultraje vai fatalmente passar pelo mesmo processo que eu: de você ser a coqueluche do momento e depois ter que mostrar o que sabe fazer. Porque há muita coisa imposta pelas gravadoras".

Para Ritchie, destes milhares de novos grupos que chegam, poucos sobreviverão: "Há um grande perigo de a qualidade ser cada vez menor. Apesar da qualidade dentro do rock não ser um dado fundamental, taí, por exemplo, o Biquini Cavadão, e eu adoro aquela música 'Tédio'. Mas reconheço que é muito pobre. E a tendência das radios parece ser a de cada vez mais procurar produtos fáceis". *A.C.M.*

WHAM!

GEORGE MICHAEL

Foto LFI

THE FACE

Exclusivo para BIZZ

mesmo mau. Ele acabou de mudar de apartamento mas não consegue mobiliá-lo. É caçado toda vez que entra numa loja. Está famosíssimo! Pára o trânsito. Mesmo quando está sentado em um bar, com as costas voltadas para a janela, carros na rua diminuem a marcha para vê-lo. Se você nunca tivesse ouvido os discos, pensaria que ele é um goiaba. Se você nunca tivesse ouvido os discos, jamais adivinharia que realmente tem muito talento. Em seu melhor — "Careless Whispers" e "Everything She Wants" —, poderia ser Cole Porter cantando no banheiro. Em seu pior, grandes versos como "Temos planos a fazer/ Temos coisas pra comprar/ E você aí desperdiçando tempo com um cara horroroso" desaparecem sob os gritos. Nos Estados Unidos, onde o Wham! está prestes a iniciar uma gigantesca tour, três músicas de seu LP *Make it Big* ficaram em primeiro lugar nas paradas. É a primeira vez que isto acontece desde *Saturday Night Fever*. É o maior evento desde John Travolta (e ainda tem de fazer um filme). Poderia ser a história clássica da vida pop, com exceção do fato de que ele controla sua vida. Em todas as facetas de sua carreira, é ele quem dá as cartas. Acredita que a imprensa voltada para os fãs — que publica coisas como "Com a Lua no signo de Leão, George gosta de tornar especial cada coisa em sua casa" — é tão falsa como as notícias que os mais crescidinhos lêem na grande imprensa ("O cara do Wham! no hara-kiri do terror"). Se você desse ouvidos às fofocas sobre ele nos camarins da indústria da música, acharia que ele é um glutão beligerante à beira de um colapso mental. Mentiras. Tudo mentira. Ele é inteligente, tocantemente leal, ferozmente ambicioso, um cara muito realista.

George Michael

BIZZ — O Wham! é a causa da fome no Terceiro Mundo?

Michael — Acho que sim. Acho que a maioria das pessoas que compraram o último LP do Wham! poderia ter dado este dinheiro para a caridade.

BIZZ — Você fez um show em benefício dos mineiros britânicos em greve. Mas gente que apoiou a greve disse que não gostava de seu cabelo, da roupa que você veste. Você se sentiu magoado por isto?

Michael — Eles podem mesmo magoar uma pessoa. Mas no fim não importa, a menos que chamem você de um molestador de crianças.

BIZZ — Você reagiu a *Saturday Night Fever (Embalos de Sábado à Noite)* da mesma maneira que a geração anterior reagiu aos Sex Pistols?

Michael — Definitivamente. Andrew (Ridgeley) e eu éramos garotões suburbanos aos 15. Usávamos macacões e roupas coloridas e tínhamos problemas na escola. Toda aquela droga de rebelião dos menores. Eu amava todo aquele som disco de 77-78, mas depois comecei a me interessar pelo jazz-funk e pensei: "Pô, todos estes garotos de 17 anos não têm a menor idéia do que seja jazz, só acham que está na moda". Nós saímos daquela, paramos de ir aos clubes. Entramos no Two-Tone (*revival* do ska, o ancestral do reggae), porque foi a próxima coisa jovem e energética a acontecer. Quando esta onda passou, ficamos um ano embaçando, sem saber do que gostávamos e o que queríamos fazer. Depois veio o ressurgimento do soul pop, com coisas como "Burn Rubber", e decidimos que era aquilo que queríamos fazer. "Wham Rap" era para ser uma gozação, uma paródia. O rap no começo era muito engraçado, mas depois ficou um tédio. Eles nos chamaram de punk-disco! Disseram coisas tão ridículas!

"O glamour do rock and roll é a MTV"

BIZZ — Muitas pessoas acharam que vocês eram negros.

Michael — Especialmente nos Estados Unidos. Lá faziam aquele velho trabalho de mandar seu disco para as estações de *rythmn and blues* sem seu retrato. É deprimente esta história de fazerem você entrar pela porta de trás.

BIZZ — Vocês não têm qualquer herança do rock, têm?

Michael — Nada. Respeito muito pouco o tipo de *glamour* que as pessoas enxergam no rock and roll.

BIZZ — Como assim? No que ele difere do seu glamour?

Michael — O glamour do rock and roll é a MTV. Mulheres espertas, carros velozes, tudo maior que a vida. O rock and roll acredita que pode elevá-lo ao que você não é. Se você toca música agressiva na guitarra, então seu pênis fica três polegadas maior. É estúpido.

BIZZ — Como foi a tour na China?

Michael — As pessoas parecem abençoadamente ignorantes. Se eu já tive qualquer simpatia com visões socialistas extremadas, vi que na prática é só uma enorme bobagem. Os líderes são os mesmos em qualquer outro lugar. Eles estão sempre tomando nosso dinheiro, à esquerda, ao centro e à direita. Qualquer coisa que você queira fazer... Se você vive no Ocidente,

Foto LFI

Quando o Wham! surgiu, disseram que a música deles era punk-disco. Seriam George e Andrew os bastardos de Johnny Rotten e Travolta?

eles tomam um pouco do seu dinheiro antes que você o faça. Toda a viagem para a filmagem custou no final cem milhões a mais, porque tudo que nós fizemos tinha de ser pago. A maioria das pessoas no topo é até mais capitalista que as pessoas no governo americano — há em torno deles esta ganância básica.

BIZZ — E por que você foi? Só pelo ego?

"Se você tiver alguém fiel, achou um sortudo fdp"

Michael — Corretíssimo. A razão básica de irmos à China não foi a de introduzir nossa maravilhosa cultura. Foi para *fazermos* alguma coisa. Quantas coisas uma banda pode fazer que tenham qualquer significado? Foi agradável, por uma vez, saber que fomos os primeiros e muito possivelmente os últimos. *(O Wham! foi a primeira banda de rock ocidental a fazer um show na China.)* Existe nisto um certo privilégio. Mas foi só chegar lá para perceber que a coisa toda era um lixo. O que acontecia, basicamente, era que o governo chinês estava tentando encorajar o mundo ocidental a aceitar produtos chineses. Eles estavam dizendo: "Olhem! Nós estamos de braços abertos. Vamos aceitar a música ocidental". Isto era m... pura. Eles nos usaram. Fomos um item de propaganda. Há facções na China que querem abrir, mas as pessoas que ainda estão no poder morrem de medo do que poderia acontecer. No primeiro show eles foram proibidos de dançar! Dois dias antes o ministro da Cultura fez um anúncio pelo rádio, dizendo: "Assistam ao Wham! Curtam o concerto mas não aprendam com eles". Como é que você pode dizer uma coisa tão ridícula como esta? Mas lá funciona. A coisa mais incrível na China é que as pessoas parecem incapazes de qualquer iniciativa. Não há razão para usar a iniciativa se lá você não pode chegar a lugar algum. É uma negativa de tudo do que aquelas pessoas são capazes. Dizer que todos são iguais é uma negativa de um caminho para onde se ir. Porque todas as coisas que alguém disse sobre os Estados Unidos ou a Inglaterra ou o mundo ocidental são, pelo menos, *honestas*. As pessoas seguem seus instintos. E naquele país não parece haver nenhum.

BIZZ — Como é a China?

Michael — É *tão* estéril. O caminho entre Pequim e o aeroporto é absoluta e totalmente entediante. Para mim, não é um governo inteligente. Há vinte anos decidiram matar os pássaros porque os pássaros estavam comendo as colheitas. Agora, você nem precisa pensar muito para perceber que se você mata todos os pássaros eles não vão comer mais nada. Daí, há dez anos, quando os insetos tinham comido toda a colheita porque os pássaros não comiam os insetos, eles simplesmente mandaram cortar a grama! Dá para acreditar? Não há grama na China, porque se houver grama há insetos, e os insetos comem toda a colheita. Que espécie de governo toma decisões como estas? A última é de que estão encorajando o povo a comer ratos — porque há quatrocentos milhões de ratos na China. É tão primitivo que chega a ser assustador. As pessoas nos disseram: "Se vocês viessem aqui há dezoito meses, não reconhe-

Foto LFI

Um garotão suburbano que deu muito certo

Foto Neal Preston/LFI

George calcula a distância até Londres

Foto Neal Preston/LFI

Na China, o Wham! tenta avaliar com quantos tijolos se faz uma Grande Muralha

George Michael

ceriam o lugar". Eles acham que chegaram tão longe em dezoito meses. É *inacreditável!* Eu nunca mais vou para lá.

BIZZ — Isto quer dizer que você não excursionaria na União Soviética?

Michael — Eu acho que a União Soviética é uma coisa totalmente diferente. Acho que provavelmente é muito mais deprimente.

BIZZ — Você acredita em tentativas de fidelidade?

Michael — Minha visão honesta é que, se você achar mesmo alguém que consegue ser fiel, este alguém é um sortudo filho da p... Porque existem pessoas completamente satisfeitas com um parceiro. Acho que se sua namorada, seu marido ou sua mulher estiverem transando com outras pessoas de vez em quando, num casamento ou numa relação, vão chegar numa situação na qual alguém estará se jogando contra eles. Se estiverem dormindo com outra pessoa porque não conseguem o que querem com você, então você está com um problema. Se estiverem dormindo com outra pessoa apenas por curiosidade sexual ou porque não podem se controlar — ou não porque não podem controlar, mas porque não querem —, então eu não acho que exista qualquer grande problema. Enquanto as pessoas mantiverem a afeição e não gostarem menos de você do que quando te conheceram, não acredito que sua relação esteja correndo qualquer risco. Não acho que isto seja um tremendo trauma. Creio que muita gente pensa isto sem dizê-lo.

"Eu era gordo. As garotas não olhavam para mim"

BIZZ — A primeira-ministro Margaret Thatcher deve adorá-lo. Um cara que se fez sozinho, milionário aos 21 anos, e vindo de Finchley *(um subúrbio londrino)*!

Michael — Nós capitalizamos o que sabemos fazer bem na pior hora possível. Há uma diferença entre ser rico e ser direitista. Muitas pessoas não enxergam esta diferença. A imprensa musical está tão distante do que se passa na cabeça do carinha nas ruas. Há cinco ou seis anos não estava.

BIZZ — Você cresceu se sentindo rejeitado de alguma forma, por ser de uma família grega?

Michael — Meu pai é grego, mas minha mãe é inglesa. Meu pai trabalhou tanto até meus quatro anos de idade, que não aprendi a falar grego. Não gostava de música grega quando era criança. Tenho pouca relação com os gregos, a não ser pelo fato de eu ser peludo.

BIZZ — Hirsuto.

Michael — Hirsuto. Boa palavra. Não sinto nem nunca senti qualquer afinidade com o modo de vida grego. Só me senti rejeitado porque a partir dos seis ou sete anos não tive outro interesse se não a música. Todo o resto me entediava. Eu sentava na escola e ficava pensando em música, na grana que tinha de economizar para comprar um disco. Eu andava tão preocupado com isto que virei um *outsider*. E isto me fortaleceu.

BIZZ — Você teve uma adolescência feliz?

Michael — Meu jeito não se parece agora com o que eu tinha aos 13. Andrew Ridgeley é uma dessas pessoas cujo rosto nunca muda, ele é exatamente igual a quando era garoto. Eu

Foto Phil Loftus LFI

George Michael e Bob Geldof num raro momento em que o último não estava cuidando do projeto Live Aid

me sentia atrapalhado por todas as coisas que atrapalham alguém com 13 anos. Com exceção das espinhas, que eu nunca tive. Mas eu era gordo, mais alto que os outros, tinha um cabelo muito cacheado, óculos de lentes grossas — ninguém olhava para mim; nenhuma garota jamais olhou para mim. Aí, de repente, aos 15 eu cortei o cabelo e comecei a usar lentes de contato. O oculista disse que eu era muito jovem, mas eu as desejava tanto. Não é vaidade não querer ter óculos, é? E de repente ficou na moda ter cabelos cacheados, no visual...

BIZZ — Kevin Keegan *(o jogador de futebol inglês)*!

Michael — O modelito Kevin Keegan! De repente as pessoas começaram a me convidar para suas festas. Eu ainda estava pisando em ovos, porque não sabia como me movimentar. Andrew e eu sempre ficávamos absolutamente de saco cheio. Em todo lugar aonde íamos, ficávamos paralíticos. Daí houve uma noite na qual eu bebi de montão, e o Andrew ficou completamente sóbrio. Foi nesta noite que eu fui caminhando trêbado de volta para casa, falando: "Meu Deus, eu devo ser tão feio, nenhuma garota vai jamais olhar para mim". Nessa noite estourou uma veia em meu olho. Fiquei péssimo. E com um olho vermelho por três semanas.

BIZZ — Foi assim que morreu Gêngis Khan. Na noite de seu casamento, o velho Gêngis bebeu tanto que uma veia estourou em seu cérebro.

"Achava que o sexo não era assim tão bom"

Michael — Escapei desta por algumas polegadas. Mas todo mundo acaba entrando numa baixaria quando começa a beber, não? Eu ainda entro nessas de vez em quando.

BIZZ — Eu sei quando fico muito bêbado. É quando perco minhas lentes de contato...

Michael — A pior coisa sobre lentes de contato é quando você decide levar alguém para casa, faz o que queria fazer e descobre que está sem a caixinha da lente. E daí fica lá deitado sem um lugar para pôr as lentes. Como são as suas?

BIZZ — De vidro.

Michael — As minhas são gelatinosas. Se você colocá-las na água, elas provocam *agonia* na manhã seguinte. Eu fiz isto duas ou três vezes. Tive de ficar com elas e acabei deitado na cama a noite toda e de manhã fingi que tinha dormido. Mas eu só fiquei o tempo todo de olhos abertos, com os olhos colados — não é muito legal você chegar e dizer de manhã: "Sinto muito, mas fiquei acordado a noite toda porque esqueci de tirar as lentes de contato".

BIZZ — Quando você perdeu a virgindade?

Michael — Eu tinha 12, 13. E houve um longo espaço entre esta e a próxima.

BIZZ — As pessoas supõem que para perder a virgindade você tem de transar ou uma virgem ou uma prostituta.

Michael — Eu certamente não perdi a minha com uma virgem! Ela tinha muito tempo de janela. Basicamente, foi daquelas coisas — eu era muito jovem e muito inexperiente. Sabe como é. Quando as pessoas transam pela primeira vez, vão

Foto Neal Preston/LFI

Um showman para ninguém botar defeito

Foto LFI

Já famosíssimos exatamente um ano atrás

Foto LFI

Antes de aparecerem as primeiras fotos muita gente pensava que o Wham! fosse um grupo negro

George Michael

para a escola e contam para todo mundo. Eu fiquei tão embaraçado que não contei para ninguém. Porque eu não podia mentir para eles na maior cara limpa, dizendo que tinha sido bom. O sexo é um grande nivelador. Nos anos que se passaram entre a primeira vez e a próxima, eu realmente pensei que tinha sido tapeado. Achei que não tinha sido só eu, que o sexo realmente não era tão bom. Não acho que muitas pessoas se divirtam da primeira vez. É um nivelador. Um grande nivelador.

"Nós temos uma atitude feminina com a câmera"

BIZZ — Você já brigou com Andrew por causa de alguma garota?
Michael — É estranho... Seu papel sexual passa por uma reversão quando você se torna uma espécie de ídolo dos adolescentes. Você se torna o cara caçado, em lugar do cara que tem de caçar. Você se torna ... — dá para perceber em nossas fotos muitas vezes, ... nós assumimos de repente esta atitude *feminina* perante a câmera. É muito subconsciente...
BIZZ — Você se entrega para a câmera?
Michael — Você se entrega para a câmera da mesma forma que uma mulher se entrega para um homem. Tento não fazer mais isto. O que eu quero dizer é que agora existe entre eu e Andrew uma similaridade que não existia antes. Porque Andrew sempre tinha o tipo mais feminino e eu o mais masculino. As garotas que gostavam de mim não gostavam dele e vice-versa. Havia uma barreira definitiva. Mas agora elas ficam com qualquer um dos dois. É a verdade honesta. E é algo que nunca vi antes. Se nós estivéssemos a fim da mesma menina *agora*, é por esta menina que brigaríamos.
BIZZ — O que você pensa de casamento, filhos, esta coisa toda?
Michael — Sempre pensei nisto e sempre detestei a idéia. A não ser quando vejo um cara novo com um bebezinho. Daí eu penso, eu gostaria de estar nesta. Eu adoraria um garotinho. Não quero uma filha. Adoro os menininhos. E esta é a coisa, ainda ser jovem. Eu sei que quando tiver um filho não vou ser tão jovem. Porque sei que do jeito que anda minha carreira vou chegar fácil aos 28, 29, antes de me casar. Mas amo a idéia de ainda ser jovem e ter um filhinho. Acho que não pararei este ritmo de trabalho por um bom tempo. Eu com certeza não gostaria de deixar meu filho e sair voando pelo mundo.
BIZZ — "Everything She Wants" é uma música tão boa. Não parece feita por um cara de 21 anos.
Michael — Eu na verdade já me casei e me divorciei três vezes. Não, não tenho qualquer orgulho disso. É a letra mais pungente que já escrevi, embora hajam mais coisas que eu tenha começado que sejam mais duras do que esta. Para a maioria das pessoas, "Everything She Wants" é a mesma coisa que "Wake me Up Before You Go Go", porque é um disco pop. Para mim é algo completamente diferente. É aí que sermos uma banda gritalhona nos segurou em termos de reconhecimento do fato de que vínhamos tentando na verdade estilos totalmente diferentes nos últimos dois

anos. Há um público que eu quero desesperadamente ter de volta, porque acho que a música que fazemos merece isto. Mas, se você faz discos para cima, otimistas, eufóricos, e ainda tem 21 anos e não é feio — mesmo que seja apenas razoavelmente bonito —, você é automaticamente criticado. Não dá para dizer dane-se, não quero isto.

BIZZ — Há uma citação interessante de Bruce Springsteen. Ele disse que durante anos seus discos venderam um milhão de cópias e ele ainda podia andar pelas ruas. E, quando fez um disco que vendeu três milhões, de repente andar pela rua passou a ser uma coisa muito difícil de fazer.

Michael — Há uma diferença entre quem é pop star e quem é pop star da grande imprensa. Até há cinco ou seis meses, até o compacto que lançamos no Natal e até decidirem que George Michael e Andrew Ridgeley estariam na primeira página quando Lady Di não estivesse mudando o penteado — é duro dizer às pessoas que você não é fútil só porque é tratado como tal —, até então eu poderia entrar num trem, ir a uma loja. Me incomodavam um pouco, mas dava. Agora a verdade é que não posso entrar em um loja, não posso andar de trem. Porque é literalmente uma piada! Mas até há pouco eu me recusava a deixar de fazer coisas como estas, porque me preocupava muito ter de me esquivar das coisas, como qualquer pessoa que *compoe*, que tem uma carreira para viver. Você tem de manter algum tipo de relação com o que está acontecendo. Eu ainda vou a todos os clubes de Londres, muito embora eles sejam uma bela m. . Grudam em mim. Antes de sermos famosos, eu fui a lugares vagamente underground durante uns dois anos, e quando nos tornamos famosos senti o ressentimento destas pessoas. Passei a freqüentar os maiores buracos, cheios de verdadeiros babacas, mas onde se tocava ainda música decente. Porque eu sempre gostei de dançar as músicas do final dos anos 70. Eu gosto de algumas coisas que foram feitas nos últimos dois anos — uma *trip* nostálgica para quando eu tinha 15, 16 anos. Estes clubes estavam cheios de babacas, mas pelo menos eram babacas que não me incomodariam. Só que aí chegou ao ponto em que eles *passaram* a me incomodar. Voltei aos clubes vagamente underground. A esta altura, as pessoas destes lugares estavam tão distantes de nós — até onde *achavam* que estavam —, e estas pessoas se sentem tão importantes que não chegam perto de você para chatear. Quando eu vou *agora*, sempre tenho algumas discussões. Porque quando eu tomo umas e vem um cara e me diz: "Não deveriam deixar você entrar porque sua música é uma m...", eu sou capaz de esfregar o chão com esse cara. Por isto tendo a fazer muito isto — e depois danço até as três.

BIZZ — Mas as garotas fora do prédio de seu escritório parecem relaxadas com você.

"Não sei para que nos usam. Não somos um joguinho"

Michael — Porque elas me vêem todo dia! Elas me dizem coisas como: "Oh! Você me arruma mais um autógrafo, porque eu tenho só 42 e a Debby já tem 46?" Eu não sou um joguinho! Mas o que é que você pode fazer? Elas acham que te amam, ou alguma coisa assim. Eu não sei para que usam a gente. É uma vergonha, porque algumas delas são imprestáveis e algumas são realmente doces. Muitas delas são desempregadas.

BIZZ — Embora seu marketing tenha sido sempre agressivo, muito do que se fez no começo tinha muito humor. Quando o Duran Duran fez o vídeo para "Rio", pareciam mesmo rock stars ricos sendo filmados em locações exóticas. Mas seu "Club Tropicana" faz parecer que vocês estavam numa excursão para uma praia de farofeiros.

Michael — No começo tinha mesmo um real senso de humor. Não dá para desmentir que ele desapareceu. Você vai do ponto em que éramos garotos que tiveram esta chance até virar... profissionais. O ponto absolutamente mais baixo da minha carreira foi quando fizemos o vídeo de "Bad Boys" — porque quando terminamos de fazer o vídeo eu tinha me esquecido que ele tinha a intenção de ser uma piada. Este vídeo é a pior coisa de toda nossa carreira. Parecemos um par de palermas. Como é que alguém pode olhar aqueles dois caras no vídeo fazendo o que estávamos fazendo — com todas aquelas bailarinas cafonas dançando no fundo — e achar que é *bom*? Perdemos muito terreno com aquele vídeo.

BIZZ — Ouvi dizer que você é um cara muito arrogante, Michael.

Michael — Eu tenho mesmo auto confiança, mas as pessoas têm concepções diferentes do que seja arro-

Foto Neal Preston/LFI

A fase mais recente do grupo: cabelos curtos, barba bem aparada, sensualidade mais agressiva

Foto Neal Preston/LFI

George: ''A maneira como me comporto no palco, nos vídeos, é definitivamente esta — eu me amo''

gância. Qualquer pessoa que não tem nada tem arrogância. No que me toca, acho esta história ridícula, e sou muito, muito confiante em uma coisa que resultou em todo o sucesso — ou seja, o fato de que eu escrevo músicas. Sou confiante como músico e como homem de palco — mas, no todo, não sou um cara arrogante. A maneira como me comporto no palco, nos vídeos, é definitivamente esta — eu me amo. As pessoas melhores nisto são quase sempre totalmente diferentes no palco. Entrei nesta como um fazedor de músicas. Eu subo no palco me sentindo o maior. Isto faz duas coisas — faz as pessoas comprarem discos, porque elas gostam de comprar confiança, e dá uma força para elas.

BIZZ — Você tem vontade de dizer a seu parceiro: ''Quem é que escreve as músicas, afinal''?

Michael — Em termos de escrever música, Andrew Ridgeley é provavelmente meu maior fã. Acho que ele é tão orgulhoso de mim quanto eu sou. Ele não teve problemas em ficar mais no fundo. Num certo ponto, decidimos que nossa ambição era ser a maior banda do mundo. Quando percebemos que esta era nossa ambição — e certamente ainda não chegamos lá —, a melhor maneira e a mais rápida de se fazer isto era deixar minhas músicas assumirem seu curso natural. Daí ele ficou mais para o fundo, numa boa, e em termos da relação na banda desde então temos o tipo de relação na qual procuramos não discutir certas coisas. Em momentos chegamos a um ponto no qual temos de deixar tudo às claras, e geralmente eu tomo a iniciativa. Se não for assim, acabamos nos separando. É um trabalho de limpar o ar. E provavelmente aconteceu três ou quatro vezes nos últimos dois anos. Mas por causa disto, e porque sempre chega naquele estágio e deixamos rolar, não há ciumeira na história.

"Você tem que dar espaço para a natureza humana"

BIZZ — Acho que nas suas lápides deveria estar inscrito: ''Honre seu Companheiro''. Você o ama?

Michael — Sim, amo.

BIZZ — Você manteve seus amigos mais antigos?

Michael — Às vezes alguns de meus velhos amigos me dizem alguma coisa e eu penso: ''Oh, não, não diga isto, não fique tão impressionado — porque você me conhece melhor que isto''. Depois eu penso que até certo ponto tenho de permitir que façam isto porque nunca estiveram nesta situação, nunca tiveram um amigo que era só um amigo e passou a ter todo este lixo escrito sobre ele, e todo este tipo de papo elevado. Mas você tem de dar espaço para a natureza humana. Não dá para esperar que as pessoas vejam as coisas do mesmo jeito que você. Não dá para esperar das pessoas que vejam a verdade. Mas há algumas que enxergam, e a estas eu me agarro desesperadamente. Porque preciso delas mais do que elas precisam de mim... Veja, comecei esta entrevista respondendo mesmo em forma de entrevista, e agora já tomei uns dois copos de vinho e estou ficando muito falador.

BIZZ — Uma cheiradinha no avental do *barman* e você é qualquer um.

Michael — É verdade, é verdade.

1eaneration apresenta

HM Heavy Metal

Ilustração Cleber Veiga Garcia/ Foto Estúdio Abril

* **Yngwie Malmsteen** e seu **Rising Force** estão à toda lançando seu segundo álbum, *Marching Out*. Antes, porém, já foram acalmando seus seguidores com um míni LP, *Studio Live*, contendo uma faixa de estúdio e duas ao vivo, gravadas no Japão: "Far Beyond the Sun" e "I'm Viking". Pode ir batalhando.

Foto Simon Fowler, LFI

Joe Elliott, do Def Leppard

* Atenção. Enquanto nada acontece em relação ao lançamento de um novo LP do **Def Leppard** (estacionado desde aquele acidente em que o batera **Rick Allen** perdeu um braço), um cara espertinho da Bélgica conseguiu, com um ex-empresário, material inédito dos primeiros tempos do Def e o lançou em disco, mas só por lá. O álbum chama-se *First Strike* e está vendendo horrores, acendendo o pito dos fãzocas mais fissurados.

* A metalurgia não sossega. Depois de alguns exagerados terem nomeado Londres, na Inglaterra, e Los Angeles, nos States, como as Mecas do Novo Heavy Metal, agora estão afoitamente querendo passar tudo para a Alemanha Federal. Isso porque o movimento HM está na maior ascensão por lá, e muitos grupos têm surgido. São os teutônicos pós-Scorpions e Accept que partem pro pau com seus trabalhos de estréia arrasadores: **Kreator** *(Endless Pain)*, **Halloween, Warrant** *(First Strike)*, **Sinner** *(Danger Zone)*, **Emperor's** *(Return)*, **Celtic Frost** e um míni LP do **Morbid Tale.** Todos eles foram previamente "estourados" na coletânea *German Metal Attack*, que pode ser encontrada nas melhores importadoras... para quem ainda puder dispor de mais de 150 paus. Ah, sim: o *Hellbound* do **Warlock** foi lançado aqui pela Polygram. Eles são oriundos do poluído Vale do Ruhr, onde apareceram em 82. São todos menores de 17 anos, e comandados pela vocalista **Doro Pesch.** O padrinho deles não é outro senão **Udo Dirckschneider,** do Accept. Portanto saiam de baixo, e preparam seus canais auditivos.

* Os metal-lovers não ficam só esperando os pacotes de discos que têm saído aos borbotões desde que as nossas gravadoras acordaram. A procura de importados, apesar dos preços exorbitantes, continua enorme. Muitas coisas, então, acabam saindo no Brasil, embora para os fãs já não sejam novidade. Recentemente isso aconteceu com os discos do **Ozzy Osbourne** e do **Accepet,** só para citar alguns. Entre as raridades mais disputadas nas prateleiras metálicas, algumas figuram há muito tempo e novas entram no lugar das que já tiveram lançamento por aqui, tornando-se "carne-de-vaca". No momento ganham **Manowar** (que já está no seu quarto álbum), **Grave Digger, Exciter** (também com quatro discos), o violentíssimo **Anthrax, Slayer** (idem com quatro) e **Metallica** (dois LPs e dois míni-independentes). Este último assinou contrato com a WEA para lançamento dos discos, inclusive os independentes. Esperamos não ficar muito tempo no toco, até que alguma faixa desses grupos vire sucesso de FM, para que toda a discografia saia (e fora da ordem certa de lançamento).

* Como se sabe, heavy não toca muito nas FMs da vida, e por isso muitas bandas têm se virado para fazer seus vídeos, uma maneira de se comunicar mais rapidamente com os fãs interessados, principalmente nos EUA e Inglaterra. Mas, letras com palavrões e violência, seguidas do mesmo tipo de imagem, são o tormento de muitos pais que não têm como impedir a invasão de "atrocidades" no aconchego de seus lares. Ultimamente, nesses dois países, vem tomando vulto uma intensa campanha (em geral comandada por políticos) com a finalidade de banir os "abusos". E os primeiros a serem acusados são nossos sangrentos amigos: **WASP, Motley Crüe, Twisted Sister** e outros menos votados. Mas a dura não vai ser só para os metaleiros. **Madonna** e filiais também deverão tomar suas podadazinhas. Tenhamos calma, e vamos devagar com o andor.

Foto LFI

WASP, na linha de frente

Foto Rosa Gaudinano/ Abril

1eaneration veste a gente do jeito que a gente é.

Demoraria muito tempo para que o Led Zeppelin perdesse seu gosto pela vida selvagem. A banda adotou Los Angeles como seu lar americano e gravou Led Zeppelin II *na estrada, em 1969. Este disco foi seguido de outra turnê americana — e mais uma rodada de folias com as tietes.*

No ano seguinte, gravou o quase folk Led Zeppelin III, *que foi recebido pela imprensa como uma imitação de Crosby, Stills, Nash and Young. Mas o disco foi outro sucesso instantâneo e, no final de 70, Page e Plant voltaram para a casa de Bron-Y-Aur (Gales), onde haviam composto* Led Zeppelin III, *para trabalhar no material de seu quarto LP.*

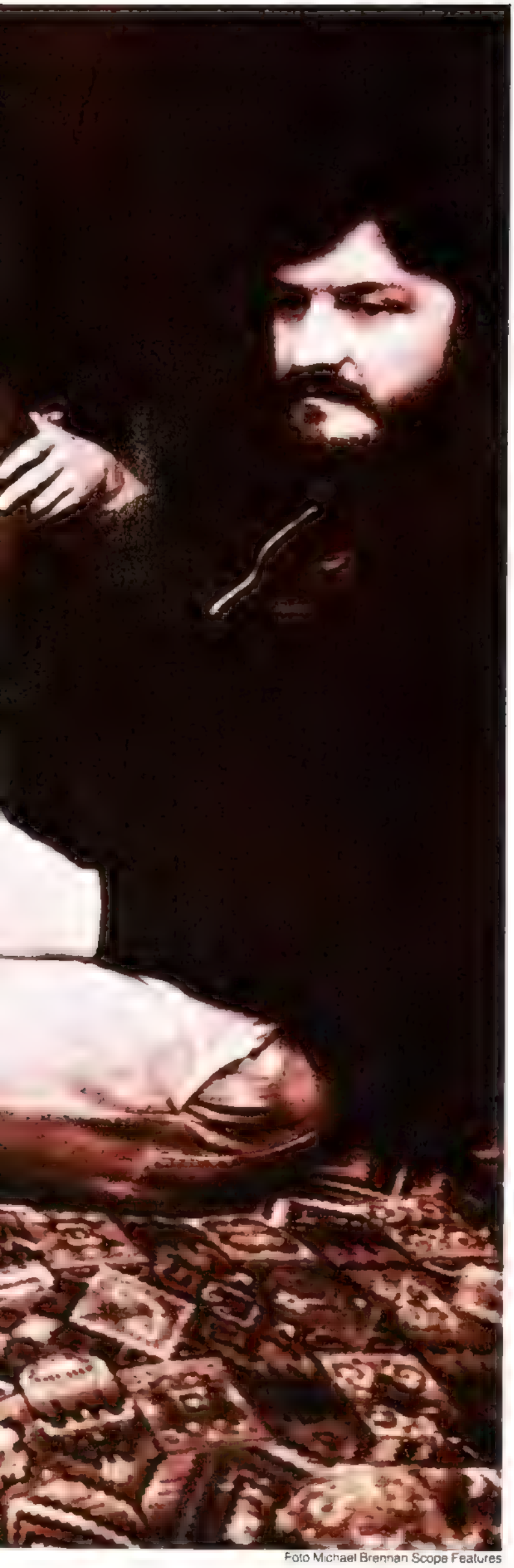


Foto Michael Brennan Scope Features

Ascenção e Queda do

Led Zeppelin

Parte II

Em Gales, Robert e Jimmy começaram a desenvolver a introdução e elaborar as seções separadas de uma nova canção, um hino que substituiria "Dazed and Confused", como o principal momento dos shows do Led. Em novembro, Jimmy deu uma dica sobre a existência dessa nova canção a um jornalista de música, em Londres: "É uma idéia para uma faixa bem longa... Sabe aquelas canções como 'Dazed and Confused' que são divididas em seções? Bem, queremos tentar algo novo com o órgão e o violão crescendo e crescendo, até entrar a parte elétrica... Talvez dure uns quinze minutos".

Quando o Led Zeppelin começou a gravar nos estúdios Island na rua Basington, em Londres, dezembro de 70, Jimmy pensava que talvez a banda acabasse juntando música suficiente para um álbum duplo. Parte de "Stairway to Heaven" — a abertura com violão que havia sido composta em Gales — foi gravada lá Mas logo o grupo decidiu deslocar os ensaios e gravações para uma casa de campo em Hampshire. Uma noite, depois que Ian Stewart — coordenador das excursões e virtuoso no piano boogie-woogie dos Rolling Stones — chegou com o estúdio móvel dos Stones, Jimmy e John Paul Jones terminaram de escrever as progressões de acordes da canção. No dia seguinte, a banda tocou "Stairway to Heaven" inteira pela primeira vez.

À medida que as várias seções começavam a se unir, os músicos sorriam uns para os outros. Mais uma vez, sentiram a magia de seu primeiro ensaio. Sabiam que tinham descoberto algo importante. Bonzo tinha problemas com a marcação de tempo na seção levada pela guitarra de doze cordas antes do solo, e tiveram de tocá-la várias vezes até acertar o jeito que Jimmy queria. Enquanto isso, Robert escutava e rabiscava a letra. "Ele deve ter escrito uns três quartos da letra ali na hora", Jimmy diria mais tarde. "Ele não teve de sair e pensar sobre ela. Impressionante mesmo."

A letra de "Stairway" refletia as leituras de Robert naquela época. Ele andava mergulhado nas obras do antiquário britânico Lewis Spence. Um tempo depois, ele citaria um livro de Spence, *Magic Arts in Celtic Britain* ("Artes Mágicas na Bretanha Celta"), como uma das fontes das letras de "Stairway". Com suas imagens claramente pagãs de árvores e riachos, flautistas e a Rainha de Maio, emanação de luz branca e a floresta ecoando as risadas, a canção parecia um convite para se abandonar as novas tradições e seguir os velhos deuses Expressava ainda o anseio por uma profunda transformação espiritual no fundo dos corações de uma nova geração. Foi só uma questão de tempo para que se tornasse o hino do Led Zeppelin.

^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^

No final de 1971, após mais uma

© Rolling Stone
EXCLUSIVO PARA BIZZ

árdua excursão americana, o Led Zeppelin cruzou o oceano para tocar no Oriente, ainda não conquistado. Essa excursão cimentaria a reputação do Led Zeppelin como a banda mais poderosa — e devassa — do rock. Quando o Led chegou ao Japão, "Immigrant Song", uma faixa de Led Zeppelin III, *estava em primeiro lugar nas paradas.*

Exaustos com a excursão de 1973, para promover o LP Houses of the Holy *(que bateu todos os recordes de público), o Led Zeppelin não tocou sequer uma nota em público durante 1974. Ao invés disso, trabalharam no novo álbum,* Physical Graffiti, *e preparar o lançamento de seu próprio selo de gravação, o Swan Song.*

≋ ≋ ≋ ≋ ≋ ≋ ≋ ≋

Estava decidido que a Swan Song Records seria lançada, com elegantes recepções em Nova York e Los Angeles, em maio de 74. Na Inglaterra, os músicos estavam ansiosos e à espera das festas e loucuras nos Estados Unidos. Quando chegaram em Los Angeles, se instalaram no Continental Hyatt House, em Sunset Boulevard. Na "Casa da Balbúrdia", como o hotel era conhecido, a cena era ridícula. Dúzias de garotinhas na puberdade estavam acampadas nos saguões e corredores, se atirando em qualquer pessoa que tivesse uma vaga conexão com a banda. Apesar dos seguranças que montavam guarda, meia dúzia de adolescentes dormiam toda noite na porta do quarto de Jimmy. Em sua suíte, Jimmy mantinha duas geladeiras estocadas com cerveja. Uma era para ele e seus convidados; da outra, ele tirava latas, abria a porta e dava um banho de cerveja gelada nas garotas do corredor.

Lori Maddox, de quatorze anos, era a principal transa de Jimmy, mas ele também tinha outras namoradas no circuito. Chrissie Wood, mulher de Ron Wood, dos Stones, às vezes ficava por ali. E Bebe Buell, uma linda modelo e mais velha que as outras (tinha dezenove anos) — que vivia então com o cantor e produtor Todd Rundgren e estava prestes a estrear na mídia como *Playmate* da *Playboy* —, estava para chegar a qualquer momento. Além disso, uma fotógrafa de revistas de rock também conseguiu cavar sua trilha até a cama de Jimmy.

Bebe Buell já tinha sido escalada como acompanhante de Jimmy para a noitada da Swan Song. Lori Maddox estava furiosa com isso. Ela tinha tomado um Quaalude (sedativo muito difundido nos EUA) e perambulava pela festa tonta, linda e cheia de hematomas. De alguma forma, ela tinha ferido o nariz, que sangrava, deixando uma mancha de vermelho vivo em seu vestido branco. Quando Jimmy e Bebe estavam saindo, Lori pulou de trás de uma estátua gritando para ele: "Por que você está fazendo isso comigo?" Jimmy tentou ignorá-la e saltou para dentro da limusine.

Mais tarde, depois da festa, todos foram para o Rainbow, um clube em Sunset Boulevard. Jimmy teve uma acalorada discussão em público com Bebe, que havia dito a ele que estava sendo cruel com Lori Na manhã seguinte, Lori apareceu na "Casa da Balbúrdia", onde diz ter encontrado Jimmy e Bebe juntos na cama. Ela saiu correndo. Algumas horas depois, atravessou a multidão de garotas acampada em frente à suíte de Jimmy e bateu na porta. Bebe abriu, deixando o fecho de corrente, para ver quem estava lá, e Lori a atacou, agarrando Bebe pelos cabelos e tentando puxá-la para fora, encorajada pelas garotas do corredor, que odiavam Bebe Buell como uma rival do outro lado do país. Sentado calmamente em sua suíte, assistindo duas de suas namoradas tentando uma arrancar o cabelo da outra, Jimmy se divertia. Mais tarde, ele comentaria com amigos que toda a cena tinha sido incrível, hilariante.

Page isolou-se como um monge em seu quarto de hotel. Lá, ficava o dia todo com a guitarra na mão, incapaz de tocar sequer um acorde

> > > > > > > > >

Em 1975, o Led Zeppelin — que se refugiara nos EUA dos altos impostos ingleses, assim como Jagger e Rod Stewart, entre outros — voava a todo vapor. Somando a banda com seus contratados da Swan Song, o total dava nove álbuns nas paradas quando o grupo iniciou uma ambiciosa porém problemática excursão norte-americana, azarada pelo dedo quebrado de Jimmy, a gripe de Robert e o violento humor de Bonzo. De alguma forma, a velha atmosfera de carnaval que cercava o Led havia se dissipado. Havia estranhas tempestades no ar.

⊼ ⊼ ⊼ ⊼ ⊼ ⊼ ⊼ ⊼

O Led Zeppelin já tinha reservado seu andar habitual na "Casa da Balbúrdia", mas o caos surrealista esperado acabou não se materializando como no passado. As garotas que ficavam no saguão já não podiam mais subir. Até mesmo os notórios *roadies* (auxiliares de excursão) do Led Zeppelin estavam mais calmos. A velha mentalidade de "saque e pilhagem" do Led estava morrendo. Uma razão talvez tenha sido a presença de heroína.

Jimmy passava seus dias em sua suíte com as venezianas fechadas e velas acesas. Ele deu várias entrevistas sentado por trás de uma mesa de café coberta de canivetes e outras lâminas. Enquanto falava, suas mãos borboleteavam pelo ar. O fone ficava fora do gancho, Richard Cole mantinha o Dom Pérignon rolando, e toda comida era trazida no quarto. Com um segurança armado na porta da suíte, Jimmy tinha o isolamento de um monge. Passava dias e noites acordado, segurando sua guitarra e, como disse a um repórter, "esperando alguma coisa aparecer".

O primeiro show na Califórnia foi em San Diego. A banda tomou o palco com "Rock and Roll" e o ginásio de esportes entrou em erupção. Os fãs imediatamente achataram os assentos e comprimiram-se contra o palco como peixes em uma rede. Gente desmaiava e era ou pisoteada ou passada sobre a multidão até os seguranças à frente do palco. O simples calor humano inspirou a banda. Jimmy começou a tocar a raramente executada "The Crunge" e manipulava seu theremin (um instrumento eletrônico acionado pela movimentação das mãos entre duas antenas) com os gestos selvagens de um xamã. Robert constantemente pedia e implorava por ordem, mas o show foi uma obra-prima de tumulto. Enquanto a banda deixava o palco pela última vez, após uma hora de bis, um enorme sinal de neon branco foi aceso: LED ZEPPELIN

Como sempre acontecia quando o Led Zeppelin ficava em Hollywood, a banda atraía um fluxo constante de estranhos claramente instáveis, que ficavam circulando à espera de uma olhada no grupo — ou algo mais. Certa manhã, antes do show em Long Beach, uma garota de cabelos castanhos bateu na porta de Danny Goldberg. Um tique nervoso marcava seu rosto. Ela dizia que precisava ver Jimmy Page, pois tinha previsto algo maligno em seu futuro e pensava que isso poderia ocorrer aquela noite, no ginásio de Long Beach. Ela jurou que, na última vez que isso tinha acontecido, acabou vendo alguém ser baleado até a morte na sua frente. A garota não parava quieta. Convenceram-na, então, a escrever uma longa carta para Jimmy e, depois, a sair, contra sua vontade. O bilhete foi queimado sem jamais ter sido lido. Uma semana depois, Danny viu a mesma garota no noticiário da TV Ela tinha acabado de tentar assassinar o presidente Gerald Ford. Seu nome era Squeaky Fromme, e era uma das antigas namoradas de Charles Manson

Vibrações esquisitas rodeavam a banda. Alguma coisa estava errada e Richard Cole podia senti-la. "O ano em que eles fugiram dos impostos ingleses me pareceu o começo do fim", diz ele. Até mesmo Jimmy admitiu à jornalista Lisa Robinson que conseguia sentir os abutres sobrevoando em círculos. "Eu gostaria de continuar tocando por mais uns vinte anos", declarou, "mas não sei, não consigo ver isso acontecendo. Não sei por que, não consigo explicar em palavras. É só uma sensação estranha... um presságio."

≡ ≡ ≡ ≡ ≡ ≡ ≡ ≡

No final daquele ano, os temores de Page se revelaram proféticos. Robert Plant e sua família ficaram seriamente feridos em um acidente de carro, quando estavam em férias na ilha grega de Rodes. A esposa de Plant quase morreu e o próprio cantor teve de andar com muletas durante quase seis meses. Incapacitada de excursionar, a banda gravou o pesado LP Presence *na Alemanha e, em 1976, lançou um filme desastrado, o auto-produzido e ao vivo* The Song Remains the Same (Rock é Rock Mesmo, *no Brasil). Em 1977, o Led Zeppelin voltaria a se reunir para o que seria sua última excursão pelos Estados Unidos.*

⊻ ⊻ ⊻ ⊻ ⊻ ⊻ ⊻ ⊻

A excursão de 1977 começou em Dallas no dia 1.º de abril. Os shows voltariam a durar mais de três horas, passando por quinze músicas e com dois retornos ao palco. Desde o princípio, porém, ficou claro que desta vez seria diferente. A mulher de Peter Grant o havia deixado, o que deu uma boa desequilibrada no espírito do pessoal. E Jimmy desembarcou na América sentindo-se e aparentando estar doente. Além das cortinas fechadas, velas acesas e o onipresente estéreo, Jimmy precisava de heroína.

Uma noite, em Chicago, Jimmy entrou vestido como um oficial nazista. Na terceira apresentação na cidade, sentiu-se mal. Precisou sentar em uma cadeira para tocar "Ten Years Gone" e saiu cambaleando com sérias câimbras estomacais. O show foi cancelado. Mais tarde, afirmariam que teria sido uma intoxicação alimentar.

Num show, a segurança do Led brigou feio com os "gorilas" do teatro, o que resultou em processos e na prisão do baterista John Bonham, por agressão física

Enquanto estava em Chicago, Page sentava em sua suíte escura e Neal Preston, o fotógrafo da excursão, ficava projetando séries e séries de slides tirados ao vivo. Jimmy estava procurando uma certa foto de si mesmo, mas toda vez que um novo slide aparecia ele se mostrava insatisfeito, apontando algum defeito em seu físico — "Barriga!", "Pé-de-galinha!" — que a câmera havia capturado. Finalmente, perguntaram a Jimmy exatamente o que ele queria. Sem perder um segundo, Page respondeu: "Poder, mistério e o martelo dos deuses".

Durante o mês de abril, o Led Zeppelin confirmou seu verdadeiro domínio às cidades do Meio Oeste norte-americano. "É realmente um prazer estar de volta pela terceira noite", Page declarou à platéia do último show em Cleveland. "Mas, oh!, como é fraca a moldura humana." Duas noites depois, o Led tocou para 76 000 garotos alucinados no Pontiac Silverdome, em Michigan, quebrando seu próprio recorde de público de quatro anos atrás.

Após um intervalo de duas semanas, em julho, a etapa final da excursão de 77 foi aberta no gigantesco Kingdom de Seattle. Uma semana depois, o grupo estava em San Francisco para dois shows no Coliseum de Oakland, promovidos pelo notório empresário Bill Graham. Como de costume, o veterano esquadrão de seguranças de Graham não se deu bem com a equipe do Led, chefiada por John Bindon. Durante dez anos, Peter Grant e Bill Graham mantinham uma espécie de pôquer particular, um chamando o blefe do outro. Em 23 de julho, noite do primeiro show em Oakland, houve um confronto.

Tudo começou com o filho mais jovem de Peter Grant, Warren, que acompanhava parte da turnê. Um aviso com LED ZEPPELIN escrito a mão estava pregado na porta de um dos trailers que estavam sendo usados como camarins atrás do palco, e o jovem Grant perguntou a um dos seguranças de Graham se podia ficar com o aviso para ele. Segundo Richard Cole, o segurança empurrou Warren Grant para longe. Bonzo, que tinha deixado o palco por alguns instantes, viu isso, foi até lá e xingou e cobriu de pontapés o segurança antes de voltar a entrar em cena.

Foi então que Peter Grant ouviu dizer que haviam machucado seu filho. Grant e Bindon levaram o segurança para dentro do trailer e, segundo consta, o atacaram enquanto Cole montava guarda na porta. Outro membro do pessoal de Graham veio em auxílio do colega e foi surrado por Cole quando tentou entrar no trailer. Quando a turma de Graham finalmente conseguiu entrar, o trailer tinha sangue por todos os lados e o segurança estava inconsciente, vítima de um espancamento seguido e prolongado. O empregado de Graham acabou sendo levado ao hospital.

A temperatura estava alta. O segundo show do Led Zeppelin em Oakland só aconteceu após Bill Graham ter sido forçado a assinar uma carta absolvendo o grupo de qualquer responsabilidade na agres-

Led Zeppelin

são da noite anterior. (O documento era, obviamente, ilegal, já que Graham não tinha nenhum direito constituído para agir em nome de seu empregado hospitalizado.) Jimmy Page tocou o show inteiro sentado numa cadeira, algo sem precedentes para um roqueiro de seu porte.

No dia seguinte, o Led estava arrumando as malas para viajar até a próxima cidade, New Orleans, quando Richard Cole teve a intuição de olhar pela janela a tempo de ver policiais da SWAT cercando o prédio. Alguns instantes após Cole ter guardado a cocaína da banda, foi preso junto com John Bonham, Peter Grant e John Bindon. Todos foram acusados de agressão física e liberados sob fiança. Um processo de dois milhões de dólares foi arquivado em favor da vítima.

Após este confronto, os membros da banda foram cada um para o seu lado. John Paul Jones partiu com a família para acampar na Califórnia. Jimmy ficou em San Francisco com Grant, enquanto Robert, Bonzo e Cole voaram para New Orleans, com reserva em seu hotel habitual, o Royal Orleans. "Enquanto eu estava na recepção, fazendo a ficha da banda", diz Cole, "houve um telefonema para Robert de sua esposa. Ele disse: 'Tudo bem, aceito a ligação', e subiu para atender em seu quarto. Duas horas depois, ele me chamou e disse: 'Meu filho está morto'."

No dia 26 de julho, o garoto Karac Plant, de cinco anos de idade, tinha sido atacado por um violento vírus respiratório. Vinte e quatro horas depois, a criança já tinha piorado bastante. Foi chamada uma ambulância, mas o garoto morreu antes de chegar ao hospital perto da casa de Plant, nas cercanias de Kidderminster. Plant, Bonzo e Cole tomaram o primeiro avião para a Grã-Bretanha.

Alguns dias depois, Cole subiu até Birmingham para o funeral de Karac Plant. Mais tarde, sentou-se com Robert e Bonzo no gramado do crematório. Os três veteranos aventureiros pouco diziam, quase só olhavam um para o outro. "Estava tudo errado", Richard Cole diria mais tarde. "Nunca devia ter acontecido... As coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas... Era como se alguém tivesse chegado para dizer: 'Aqui, seus fdp, olha só para vocês!' "

Durante os três próximos anos, o Led Zeppelin viveu assombrado por boatos e fofocas. A imprensa aparecia, volta e meia, com relatos sobre a existência de uma praga ou maldição sobre a banda, enraizada de alguma forma no interesse de Jimmy Page pela magia negra e pelo ocultismo. O longo declínio da banda foi acelerado pelos emergentes punks e new waves, que colocavam o Led como um grupo de velhos hippies. Finalmente, em 1979, o Led Zeppelin anunciou sua volta, gravando seu último álbum, In Through the Out Door, *sob o comando de John Paul Jones. O disco foi outro sucesso e, em 1980, um novo Led Zeppelin varava a Europa.*

Pouco mais de dois meses após a excursão pela Europa, o Led preparava-se para ensaiar os shows marcados nos EUA. A banda se reunia na nova casa de Jimmy, em Windsor, um imenso moinho reformado e protegido por uma alta muralha de pedra. Foi lá, em Old Mill Lane, Windsor, no dia 24 de setembro de 1980, que o Led Zeppelin se juntou pela última vez.

As esperanças para o renascimento da banda eram altas, mas o Led se reuniu pela última vez no dia 24 de setembro de 1980, num moinho reformado em Old Mill Lane, Windsor

As esperanças para um completo renascimento da banda eram altas Na semana anterior, Jimmy havia dito a um jornalista: "Sinto que ainda há muito para fazer, simplesmente porque esta banda vive de desafios". A esta altura, Bonzo já tinha parado de tomar heroína, mas bebia bastante e usava uma droga chamada Motival, para reduzir sua ansiedade e manter seu espírito elevado. Um amigo diria, mais tarde, que Bonzo parecia muito tenso e ansioso com relação à volta aos Estados Unidos, uma vez que a última excursão do Led havia sido tamanho desastre, além de haver ainda alguns processos esperando por ele na Califórnia.

O novo coordenador de excursões, Rex King, servia de chofer a Bonzo naquela manhã. Ele pegou o baterista em casa, na fazenda Old Hyde, mas este insistia em parar em algum bar antes de ir para o ensaio. Uma vez no bar, Bonzo bebeu quatro vodcas quádruplas com suco de laranja e comeu uns dois enroladinhos de presunto. Ele continuou bebendo vodca durante o ensaio, em um estúdio em Berkshire, até ficar bêbado demais para conseguir tocar.

Mais tarde, Bonzo prosseguiu no mesmo ritmo na festa de reunião da banda, na casa de Jimmy. Ele ainda tomou mais duas ou três vodcas duplas em torno de onze da noite, antes de desmaiar em um sofá. O assistente de Jimmy, Rick Hobbs, já tinha passado por aquilo antes. Ele levou Bonzo para um quarto, o deitou de lado, apoiado em alguns travesseiros, e apagou a luz.

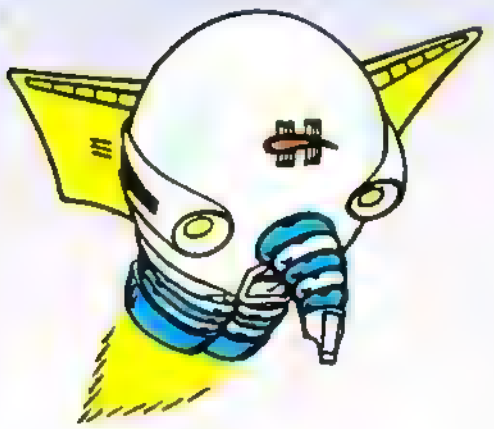
Na tarde do dia seguinte, Bonzo ainda não tinha aparecido. Benji LeFreve, que trabalhava para Robert, foi acordar o baterista. Mas o rosto de Bonzo estava azul e fantasmagórico, e ele estava sem pulsação. Foi chamada uma ambulância, embora fosse óbvio que Bonzo já estava morto há algumas horas. Ele tinha 31 anos.

No inquérito requisitado um tempo depois, um patologista relatou que John Bonham havia morrido de uma overdose de álcool, tendo bebido quarenta doses de vodca durante um período de doze horas e, então, morrido sufocado por seu próprio vômito enquanto dormia.

Houve rumores infundados na imprensa de que os três membros sobreviventes estavam divididos sobre dissolver ou não a banda. Vários bateristas ingleses — Cozy Powell, Carl Palmer, Aynsley Dunbar — foram anunciados como possíveis substitutos sob consideração para o novo Led Zeppelin. Mas Jimmy não podia imaginar pôr o pé na estrada com qualquer outra pessoa que não John Bonham. Ninguém tinha coração para isso. No dia 4 de dezembro de 1980, quando o inverno inglês já tornava os dias mais curtos, o Led Zeppelin soltou uma declaração para a imprensa: "Gostaríamos de anunciar que a perda de nosso querido amigo e o profundo respeito que temos pela sua família, junto com o sentido de harmonia indivisível que nós e nosso empresário sentimos, nos levaram a decidir que não poderíamos continuar do jeito que éramos".

EXCEPCIONAL!

Conheça esta revista excepcional que, além dos quadrinhos maravilhosos com aventuras da Família Halley, apresenta uma variedade de assuntos super interessantes.



- Atualidades - Matéria contando tudo sobre o cometa Halley
- Em Órbita - Passatempos e curiosidades sensacionais
- Ciência e Ficção - Uma matéria que desvenda os mistérios do Hiperespaço
- Carta Celeste - Um mapa estelar pra você acompanhar a trajetória do cometa Halley e saber os dias em que ele estará mais visível

GRÁTIS!

Buttons dos Halley pra você colecionar.

METRÔ

Dos vôos instrumentais da Gota Suspensa — o primeiro nome da banda — à penca de hits que eles colheram em 85. Dos festivais estudantis à televisão em cadeia nacional. Tudo isso engorda o currículo desse grupo franco-paulistano, em busca agora de seu futuro pós-estouro. *Luísa de Oliveira* faz o papel de Sherlock

Foto Rui Mendes

Todo mundo já ouviu "Ti-Ti-Ti" de Rita Lee na versão do grupo franco-paulista Metrô. Neste ano, também conheceram outros hits da banda como "Beat Acelerado", "Sândalo de Dândi", "Olhar" e "Tudo Pode Mudar".

Mas você sabia que, antes disso, o Metrô já se chamou A Gota Suspensa? Que, apaixonado pelos Novos Baianos, se apresentou distribuindo flores para a platéia e estava vestido com quimonos de cetim?

Pois é verdade. A Gota surgiu em 79, num festival estudantil, e andou pelo circuito universitário paulista fazendo shows onde cada um mostrava tudo o que sabia. Teve várias formações e fases. O grupo conta que foi hippie, progressivo e místico.

O sonho era gravar um disco. Em 83, a Gota conseguiu lançar seu LP pelo selo independente Underground. Não faltaram problemas e brigas com o produtor.

Nesta época, já pensavam em uma gravadora. "A gente queria sentir o que é o Brasil. Sair do Rose Bombom (uma danceteria paulistana) e tocar para dez mil pessoas", lembra o guitarrista Alec. Depois de namoros com a WEA e a Som Livre, acabaram mesmo na CBS.

O grupo mudou bastante. O nome Metrô saiu de uma lista que incluía Telex, Tokyo e Bamboo. Por que? Para Alec, o grupo queria fechar a época anterior. Deixou o instrumental com toques progressivos e as letras em francês para procurar hits em português. "Na época o que tocava era 'Ursinho Blau-Blau'." Investiu nas parcerias e nas composições dos amigos. Daí surgiu "Beat Acelerado", uma bossa-nova transformada em rock. Sua versão original está no LP *Olhar*.

"A gente saiu do céu para cair no chão", continua Alec. "Já passamos pelo idealismo, conhecemos bem este país. Temos que ir junto com o público. A maioria não entende. O público no Brasil não é crítico. Não houve uma transição da MPB para o rock."

O Metrô não sabe como será o próximo LP, mas tem um objetivo: melhorar as letras. "Assumimos que elas não são boas", fala Dany, o baterista.

"A gente sempre escreveu em francês. O português é difícil", continua o tecladista Yann. "Todo mundo fala do U2, mas é brega." (Em pé, ele canta uma versão para "Pride": "Em nomiii do amôôr...")

Dany coloca o Metrô dentro de uma postura pop e isso "permite simplicidade". Ele explica: "O Bowie, por exemplo, canta 'let's dance', vamos dançar". Yann acha que tudo já foi feito no rock: "Só os Beatles já fizeram quase tudo. A linguagem é que muda, há uma evolução. Os Beatles fizeram 'Sargeant Pepper's, mas também fizeram 'She Loves You'".

Todos consideram Léo Jaime o melhor letrista do Brasil e lembram grupos como RPM, Legião Urbana, Ultraje a Rigor e Ira! Não citam nomes, mas reclamam daqueles que "repetem as bandas inglesas".

Rio 89,3 - São Paulo 91,3 - Brasília 97,7
Salvador 104,7 - Recife 94,3.

VISUAL

CINEMA

DE VOLTA AO FUTURO

Uma fantástica viagem no tempo, com a marca de Spielberg

Uma crítica norte-americana de cinema disse certa vez que "Steven Spielberg está para os nossos filhos assim como Walt Disney estava para a nossa geração". Nós, quem, carapálida? Por bem ou por mal ainda existem hoje gerações inteiras nutridas com fartas porções das obras de Disney e de Spielberg, em partes iguais. Os dois se complementam na criação de uma "cultura de fantasia" — Disney, de uma forma mais tradicional, através dos desenhos animados, e Spielberg, trazendo o impossível para a vida real.

Mas a crítica não se engana ao enxergar em Spielberg o Walt Disney dos anos 80. Têm partido dele os melhores minutos de fantasia em celulóide. Como roteirista, produtor e diretor, Spielberg reabilitou a noção de que cinema e mágica são sinônimos — parece inacreditável, mas ele é um dos poucos cineastas que sabem que o público, quando são apagadas as luzes nos cinemas, quer ser transportado para outro mundo, quer sonhar.

De Volta Ao Futuro é mais uma parcela dos sonhos cinematográficos de Spielberg. Mesmo dirigido por Robert Zemeckis *(Tudo Por Uma Esmeralda)*, este filme é puro Spielberg (que assina a produção): inocência e bom-humor misturados numa trama irresistível através de uma fotografia exemplar e de efeitos especiais rigorosamente verossímeis (cortesia da firma de George Lucas, a Industrial Light and Magic).

Em princípio, o roteiro é simples. Marty McFly (encarnado por Michael J. Fox) é assistente de um cientista louco (Christopher Lloyd) que acabou de inventar uma máquina do tempo (na verdade, um legítimo DeLorean adaptado). Por um acaso que mistura roubo de plutônio e terroristas líbios, Marty acaba transportado para 1955, quando conhece seus pais. Só que os pais, naquele tempo, têm a mesma idade que ele. E aquela que mais tarde seria sua própria mãe acaba se apaixonando por Marty, seu futuro filho. Marty, então, precisa fazer com que sua mãe se apaixone por seu pai, sob o risco de jamais vir a nascer.

Somente esta historinha já daria planos para manga. Mas a dupla Zemeckis/Spielberg vai muito mais além. Já que o garoto viaja para o passado, este ficção-científica ganha um rebolado diferente — não estamos lidando com hipóteses sócio/político/culturais, e sim com a His-

O cientista louco e seu assistente Marty

tória recente. E com um espírito de gozação irresistível.

Imagine um sujeito que vivesse 30 anos atrás sendo "torturado" por um solo de Eddie Van Halen cuspido com violências pelos fones de um walkman. O que ele, acostumado a Nat King Cole, acharia disso? E na hora em que o coitado abre os olhos e vê que o som está sendo "comandado" por um cara vestido com roupas anti-radioativas (coisa com a qual nem se sonhava 30 anos atrás)? Decerto imaginará estar diante de um extraterreno!

Imagine, agora, o espanto de um garotão anos 80 quando descobre que, nos mesmos cinemas de sua cidade que exibem sem parar filmes pornô, o repertório de 30 anos atrás era composto exclusivamente de filmes românticos.

Choque das Américas

E, daí para a frente, o contraste da América pré-Kennedy com a América pós-Reagan é hilariante. Marty é chamado de Calvin, no passado, porque todas as suas roupas trazem a *griffe* Calvin Klein. Numa festa de colégio, Marty tem de substituir o guitarrista da banda e acaba brindando o público com uma versão arrasa-quarteirão de "Johnny B. Goode". Ninguém entende coisa alguma, exceto um dos integrantes da banda, Marvin Berry, que imediatamente telefona para seu "primo Chuck" para dizer que acabara de descobrir o novo som que "você estava procurando". E o desempenho dos atores é tão real que você sai do cinema acreditando que foi Marty McFly quem ensinou a Chuck Berry os acordes que inauguraram o rock and roll.

José Emílio Rondeau

Fotos Universal City Studios

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO

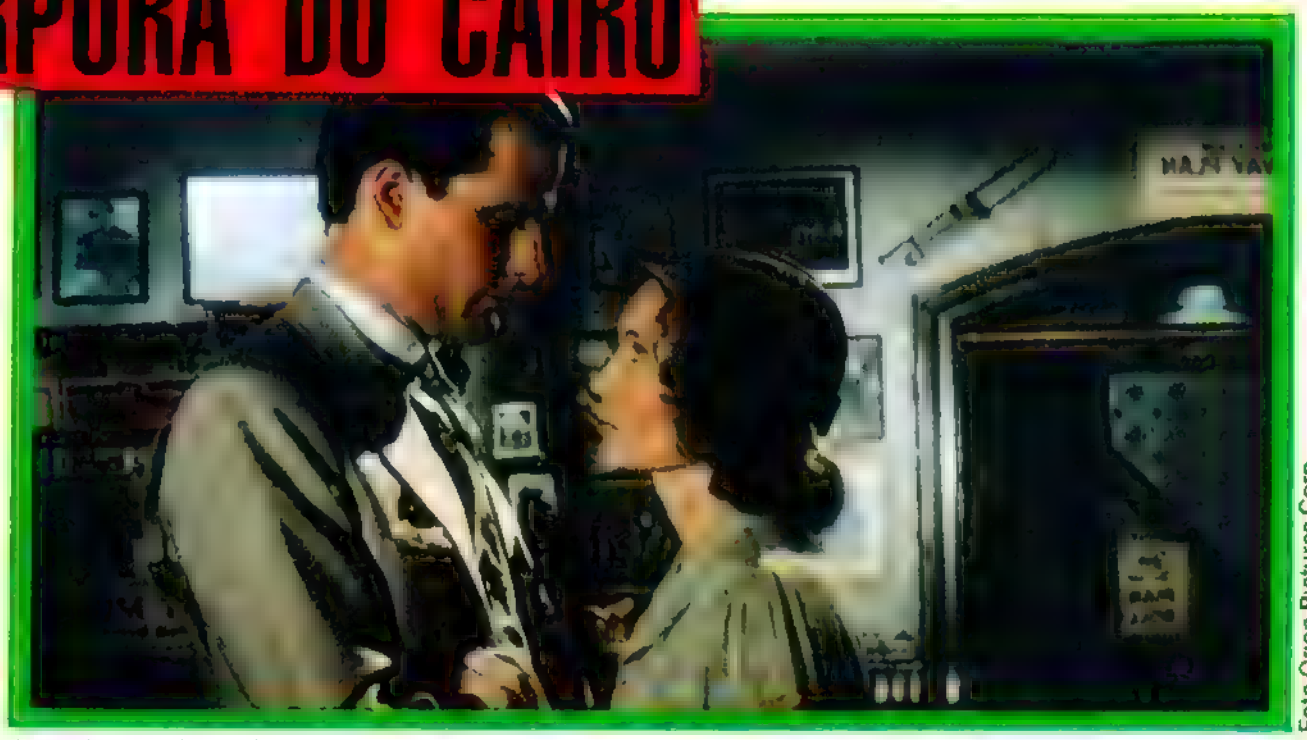


Foto Orion Pictures Corp.

Mia Farrow é Cecília, garota que se apaixona por um ator que literalmente "salta" da tela do cinema.

Para fugir ao cotidiano deprimente de garçonete, a romântica Cecília (Mia Farrow) assiste todos os filmes exibidos no cine Jewel. Ela e o marido Monk, bêbado e jogador (Danny Aiello) vivem sob a sombra da Grande Depressão americana. Farrow é um dos personagens de *A Rosa Púrpura do Cairo*, novo filme de Woody Allen. Outro é Jeff Daniels, no papel do ator Tom Baxter. É ele que, em uma das muitas sessões que Cecília vê de uma aventura *(A Rosa Púrpura...)*, sai da tela para entrar em sua vida.

É como um garotão escoteiro, que só deseja amá-la e fazê-la feliz. Allen genialmente desenrola uma trama banhada de lirismo, humor e surrealismo. Dois personagens que permanecem na tela insistem para que Baxter volte e termine o filme. Como se não bastasse, o ator que *representa* o protagonista da *Rosa Púrpura* também vem, de Hollywood, tentar convencer seu personagem a voltar para o mundo da ficção (realidade?).

"Não entendo como as pessoas conseguem atravessar suas vidas com sanidade sem recurso à arte", diz Grahan Greene em sua autobiografia *Ways of Escape (Rotas de Fuga). Rosa Púrpura* é isso. Uma homenagem ao cinema como forma de expressão de possibilidades belas ou aterradoras, mas acima de tudo um momento de recolhimento, em que só importa a relação entre o espectador e o que se passa na tela.

Allen extrai performances emocionantes da *chaplinesca* Farrow e seu herói Daniels, e este usa seus dialogos classe C com tanto brilho que nos torna — como Cecília — verdadeiros crentes na mágica do cinema.

J. E. M.

HAMMETT • PARIS, TEXAS

Foto Abril

Acima, Wenders dirige Frederic Forrest e Elisha Cook, Jr. em Hammett. *Abaixo, Nastassia Kinski como Jane em* Paris, Texas

Foto de Divulgação

Coisa rara: dois filmes de Wim Wenders, um dos grandes diretores contemporâneos, entram em cartaz simultaneamente. Há mais em comum entre *Hammett* e *Paris, Texas*: são dois momentos da relação do diretor alemão com os EUA e seu cinema. Já em *O Amigo Americano* Wenders examinava a questão das identidades culturais européia e americana (antagônicas e dependentes, no pós guerra), usando tramas policiais como pretexto. Foi graças a esse filme que Francis Ford Coppola o convidou para dirigir nos EUA.

■ Hammett

Dashiel Hammett foi um escritor americano, ativo desde a década de 20 e autor de clássicos como *O Falcão Maltês*, inspirado em sua experiência real como detetive. Há alguns anos, o escritor Joe Gores lançou um livro, *Hammett*, uma ficção sobre a ocasião em que Dash abandona temporariamente a literatura para resolver um último caso, envolvendo a burguesia da velha São Francisco. O roteiro que Coppola propôs a Wenders é uma adaptação livre desse romance. Mas certas imposições estéticas suas geraram conflitos com o diretor que retardaram em quatro anos a conclusão do projeto (nesse meio tempo Wenders desabafou filmando *O Estado das Coisas*, no qual um produtor oprime um diretor de cinema...). Algumas das divergências entre eles são identificáveis no filme. Wenders, um cineasta dos espaços abertos, parece ter as idéias tão tolhidas quanto a câmera, nos estreitos cenários que reproduzem as ruas de *Frisco*. Eles

são belíssimos, mas sua artificialidade deliberada não combina com o estilo realista do diretor. O filme não deslancha e só cresce um pouco antes do final. Ao menos uma sequência é memorável: a em que Hammett (Frederic Forrest) encontra Inglês Eddie Hadgorne e seu capanga. O que acontece iria inspirar (isso é ficção sobre ficção, não esqueça) o enredo do *Falcão Maltês*. A graça é que Hammett apanha, mas em seu livro se vinga, fazendo com que o *alter-ego* Sam Spade humilhe uma figura muito parecida com Eddie. O capanga, além disso, é o próprio "mau rapaz" Wilmer, outro personagem do *Falcão*. *Hammett* é um bom filme, mas fica devendo a outros do diretor Wenders, e às obras-primas policiais que pretende homenagear.

■ Paris, Texas

Em *Paris, Texas*, seu segundo filme americano, Wenders se precaveu. Escolheu como colaborador no roteiro não um intelectual universitário como Coppola, mas um rebelde estradeiro: Sam Shepard, ator (Os Eleitos), escritor (Crônicas de Motel), músico e dramaturgo. Era ele que Wenders queria como protagonista de *Hammett* (foi vetado por Coppola). *Paris, Texas* começa com o andarilho Travis (Henri Dean Stanton, ator excepcional) vagando pelo deserto e observado (reprovado?) por um falcão (a Águia Americana?). É encontrado pelo irmão, que não via há quatro anos e o considerava morto. O que há por trás de seu sumiço é um casamento desfeito em violência e um filho, adotado pelo irmão e pela cunhada. Primeiro com o irmão, em busca do filho; depois com o filho, em busca da mulher, o que Travis procura através do deserto americano é sua identidade. Ela é impossível, fora dos limites de um casamento, de um emprego seguro. Segundo Wenders, há 22 lugarejos chamados "Paris" nos EUA; e dezesseis "Berlin". Mas os pioneiros nunca fincaram raízes reais nesse solo seco... O encontro de Travis e Jane (Nastassia Kinski, ótima) se dá em uma casa de *voyeurismo* para cavalheiros, onde quem vê não é visto (uma alusão à mídia). Um filme belíssimo, ainda que lento, embalado pela genial música de Ry Cooder.

Alex Antunes

UM ROMANCE MUITO PERIGOSO

Foto Gamma

Foto Liaison/Gamma

A dupla principal do Romance: *Jeff Goldblum e Michelle Pfeifer*

O diretor John Landis é menos conhecido no Brasil por seus filmes — Os Irmãos Cara de Pau e *Um Lobisomem Americano em Londres* são os mais famosos — do que pelo histórico clip que fez de *Thriller* para Michael Jackson. Mas quem for ver seu novo filme, *Um Romance Muito Perigoso*, vai poder conhecer até a cara de Landis — ele é o vilão mais trapalhão da história, justamente o "iraniano" que tem mais cara de americano.

O grande mérito do filme — além das interpretações corretas de Jeff Goldblum *(The Big Chill)* e Michelle Pfeifer *(Ladyhawke)* — é o bandidão educadíssimo e crudelíssimo interpretado por ninguém menos que David Bowie. A trilha é de B.B. King.

J.E.R.

Notas

[redacted] Christopher Lambert trocou as selvas da África pelo metrô de Paris. Explicando: ele era o Tarzã do filme *Greystoke* e agora é Fred, uma espécie de chantagista new wave que atormenta a angelical Isabelle Adjani no filme *Subway*.

Foto Paramount Pictures

A nave de sucata dos garotos de *Explorers*.

[redacted] Ficção-científica não é novidade para o diretor Joe Dante. São dele *Gremlins* e um dos segmentos de *Twilight Zone - The Movie*. Agora ele retoma à carga com *Viagem Ao Mundo dos Sonhos (Explorers)*, uma saga infantil que envolve três garotos.

Um deles é Ben Cransall, fã do tipo fissuradinho de ficção-científica. O outro é Wolfgang Muller, mini-gênio que abriga no porão de sua casa um laboratório. O último é Darren Woods, um molecote cínico e turrão. Numa noite inspirada Ben sonha com um grande painel eletrônico repleto de gráficos. Acorda e desenha o gráfico para Wolfgang, que alimenta a memória de seu micro-computador com o desenho.

Começam a fuçar no computador até que descobrem, por acaso, uma força elétrica desconhecida, sob a forma de uma bolha. Logo deduzem que, através dela, poderão viajar pelo espaço. Montam uma nave com sucata e ... conseguem voar!

A polícia local não gosta da experiência e, em fuga, os três garotos vão parar na estratosfera, onde se deparam com uma nave espacial. E lá fazem o contato imediato com que toda criança (só criança?) sonha.

Nos créditos técnicos vale destacar a sempre excelente fotografia de John Hora e os efeitos especiais da Industrial Light and Magic (olha o George Lucas de novo!). *S. S. M*

A Mesbla está arrepiando.

Órgãos portáteis Giannini.
O som da pesada que está na Mesbla pelos precinhos mais leves da cidade.

TOCCATA 49 RA - Teclado eletrônico de 49 notas, baixo automático, controle de altura de notas, 8 timbres, vibrato, 12 ritmos, sustain, acorde automático, porta-partitura, seletor de voltagem 110-220 VAC e estojo de napa. **4.139.000**

TOCCATA 49 R - Teclado eletrônico de 49 notas, 6 timbres, 8 ritmos, vibrato, controle de volume e altura tonal, porta-partitura, seletor de voltagem 110-220 VAC e estojo de napa **3.119.000**

Giannini
O SOM MAIOR

Utilize o seu Cartão de Crédito Mesbla ou compre sem entrada pelo Credi-Mesbla

Mesbla
O MELHOR PARA VOCÊ

Oferta válida até 30/10/85 ou enquanto durar nosso estoque

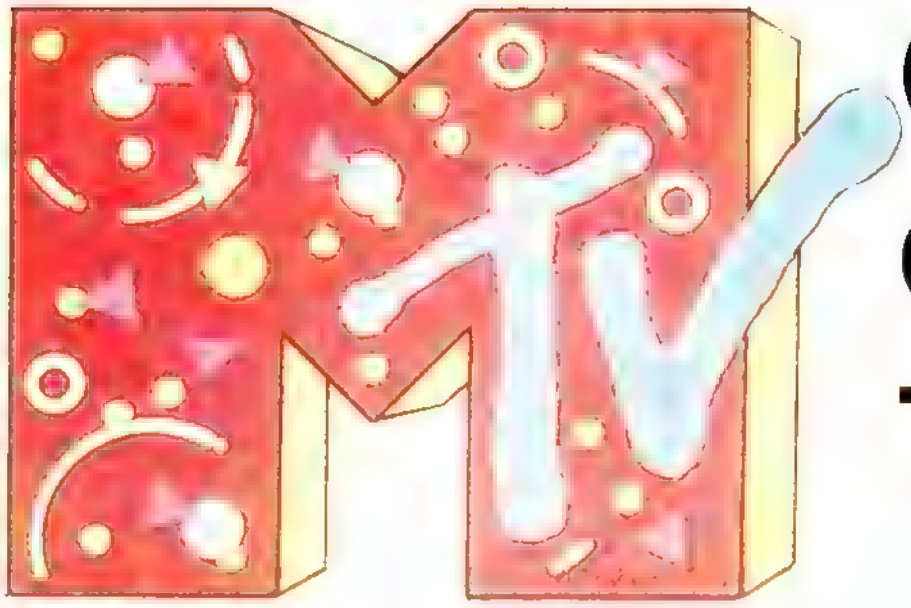
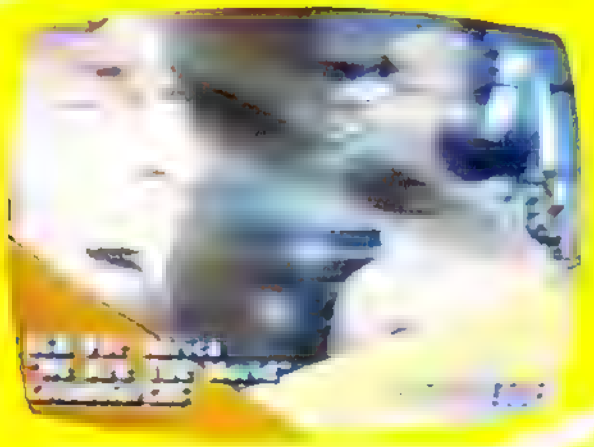


Foto Estúdio Abril

Os melhores clips de 1985

Pela segunda vez, a indústria do rock se reúne para festejar a escolha das melhores imagens musicais do ano

O lindo clip de "Boys of Summer", do ex-Eagle Don Henley, ganhou nas categorias MELHOR DIREÇÃO e MELHOR VÍDEO

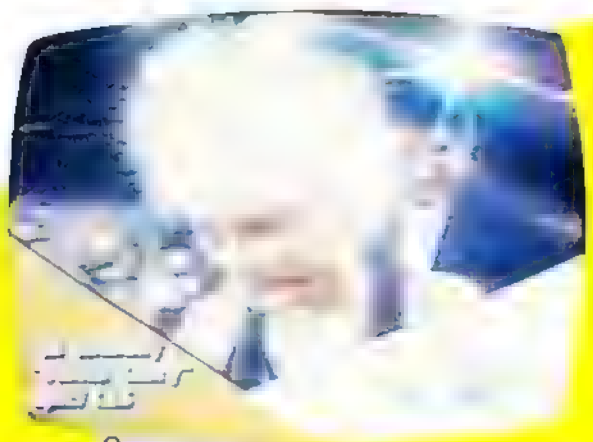


Bruce Springsteen só não levou para casa o troféu de melhor vídeo masculino porque não foi à festa da MTV - mandou buscar. E ainda foi premiado, de tabela, por "We Are The World", o MELHOR VÍDEO DE GRUPOS

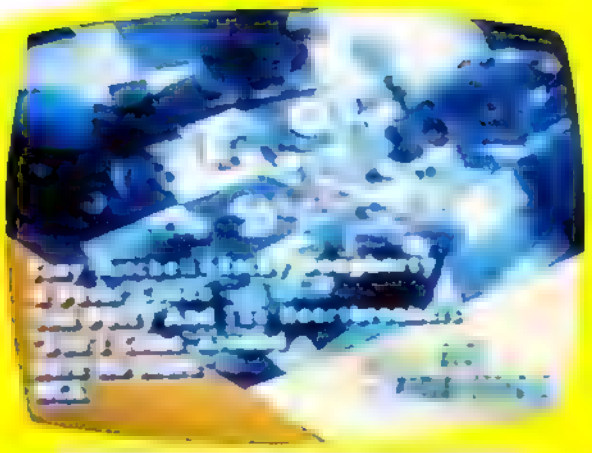
Chacrinha ficaria orgulhoso do playback que Sting fez durante as entregas dos prêmios

O diretor Kevin Godley fez um discurso inflamado contra a mesmice dos clips. E sabe que o pessoal da MTV aplaudiu?

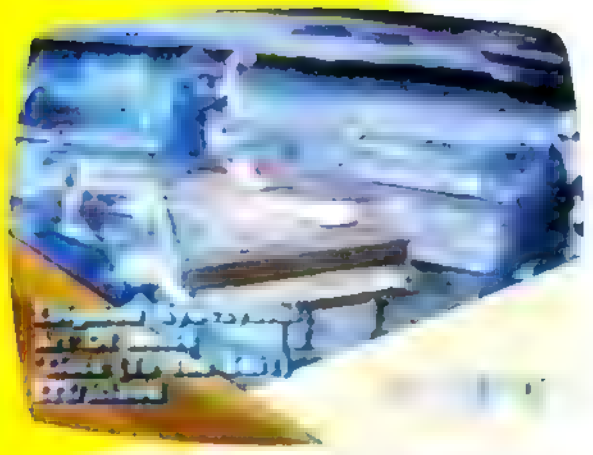
Sobre o dedo, a nossa Sônia Braga rindo das piadas do apresentador Eddie Murphy



O quarteto 'Til Tuesday foi eleito o MELHOR ARTISTA NOVO do playlist da MTV



O prêmio de MELHORES EFEITOS ESPECIAIS foi para "Don't Come Around Here no More", de Tom Petty



Cortes nervosos valeram ao Art of Noise o de MELHOR EDIÇÃO

Philip Bailey recebeu por Phil Collins o prêmio que os dois ganharam juntos por "Easy Lover", o de MELHOR PERFORMANCE

Tina Turner, assídua da MTV, recebeu troféu de MELHOR VÍDEO FEMININO

David Byrne, do Talking Heads, mandou em VT o agradecimento por seu ingresso na Galeria da Fama da MTV

Se uma bomba caísse no Radio City Music Hall, em Nova Iorque, na noite de 13 de setembro, o rock estaria perdido. É que naquela noite todo o universo pop/rock se reunira para celebrar a entrega dos prêmios MTV-1985. De Sônia Braga a Bob Geldof, passando por Chrissie Hynde (dos Pretenders), Tina Turner, Sting e Julian Lennon, todos foram emprestar seus aplausos ao que os jurados da MTV consideraram o *crème de la crème* do vídeo-rock. Mas, enquanto "puxavam o saco da MTV", como gozou logo de entrada o apresentador Eddie Murphy (o "Tira da Pesada" em pessoa), os convidados foram brindados com algumas passagens raras da história do rock — o único alívio dentro de uma hora arrastada e mal-ajambrada de espetáculo.

Por exemplo: o já citado Eddie dando uma de louco e invadindo o banheiro das mulheres, levando a tiracolo as câmeras da MTV, ao vivo! Ou, então, aquele momento em que David Byrne, premiado com um lugar no Hall of Fame da MTV, fez exibir uma "mensagem" especial, gravada em VT, na qual aparece apanhando o troféu que lhe cabia numa lavanderia pública. Houve, também, o belíssimo encontro entre a dupla Hall & Oates e os dois ex-Temptations David Ruffin e Eddie Kendrick. Ah, sim, não podemos esquecer do festival de playbacks que permeou a festa — Sting, Tears for Fears, Eurythmics, todos "dublando" seus mais recentes hits.

Contudo, houve lugar para alguns momentos de sobriedade, como quando Bob Geldof foi escolhido Homem do Ano, ou quando Kevin Godley, parceiro de Lol Creme numa infinidade de clips clássicos (vide BIZZ n.º 2), fez um pungente discurso contra a "mesmice que está invadindo esta área de criação".

"Ligo a televisão", disse ele, "e o que vejo me assusta; tudo parece vindo de uma mesma fábrica de produção em massa. Não podemos nos esquecer de que o motivo que nos levou aos clips foi a capacidade de expressar livremente os nossos sonhos. E, ao ver as coisas chegarem a esse ponto, precisamos parar e dar um chute nas nossas próprias bundas."

Todo mundo aplaudiu enfaticamente, mas logo voltou-se à festa, sempre embalada ao som da música-tema da ocasião: "Money for Nothing", do Dire Straits, emprestada por seu sugestivo refrão — "I want my, I want my, I want my MTV"

FINE YOUNG CANNIBALS

Há vida inteligente no pop? *Alex Antunes* descobre onde

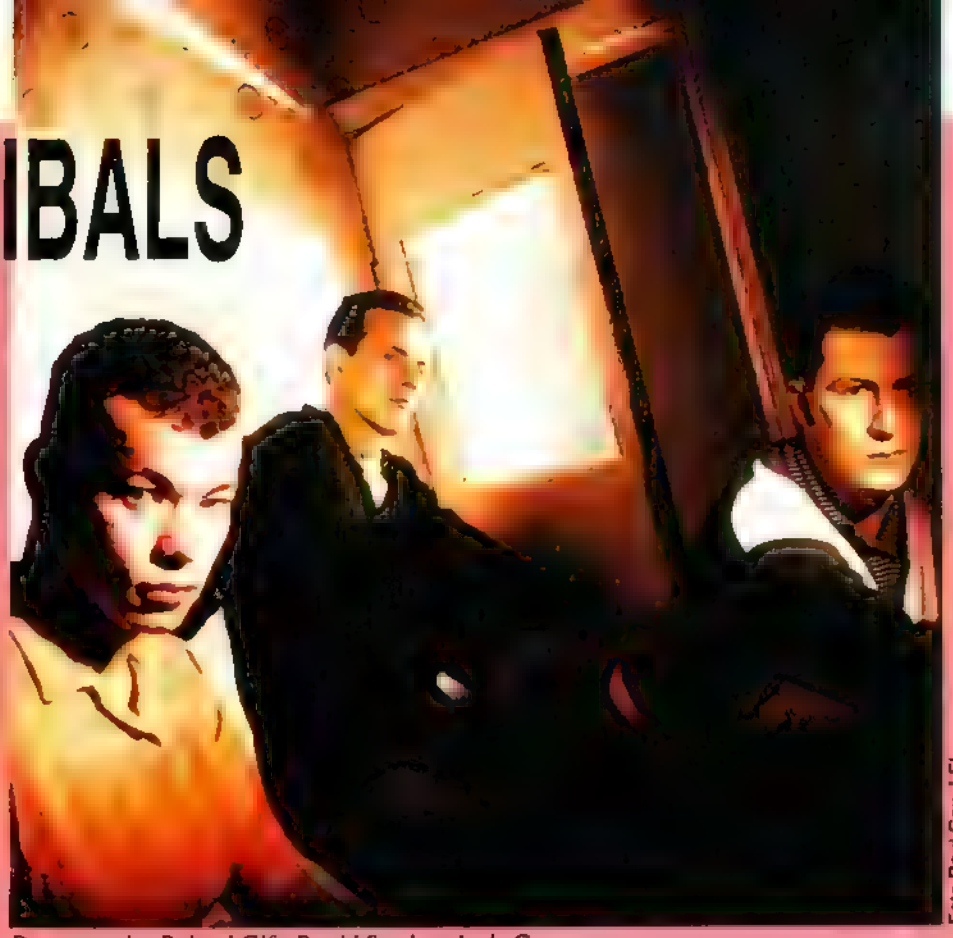


Foto Paul Cox/ LFI

Da esquerda: Roland Gift, David Steele e Andy Cox

O finado grupo Beat deixou herdeiros, felizmente. Depois do General Public de Dave Wakeling e Ranking Roger, é a vez de David Steele, baixista, e Andy Cox, guitarrista, voltarem à carga. Fine Young Cannibals, ou simplesmente FYC: recorra a eles se você quiser ouvir a rara mistura entre pop e inteligência.

Não pense que a receita é fácil. Pelo contrário, a proximidade com a música comercial e o cheiro do dinheiro não só não simplificam as coisas como às vezes atrapalham. Isso se você tiver, digamos, intenções sérias. Andy e David tinham, e se enterraram em centenas de fitas, à procura da voz, aquela voz... não a de todos os jovens imitadores de Al Green e James Brown que acorreram, antes de se lembrarem de um velho conhecido. Roland Gift é o nome dele. David e Andy foram reencontrá-lo em um obscuro grupo londrino, cantando blues, após uma investigação digna de novela policial.

Estavam certos: a primeira preocupação de Gift, além do mais um grande letrista, foi *não* recriar o Beat, mas procurar descobrir o que ele poderia ter sido, se não se esgotasse. Sobre as raízes do pop e do soul negros, a busca de sons familiares porém originais.

E o público não resistiu. Sua primeira aparição, no programa da TV *The Tube*, rendeu-lhes inúmeros convites das gravadoras. As mesmas que tinham sistematicamente recusado seus *demo-tapes* ...

"E não mudamos nada", garantem eles. O que essa gente tem na cabeça? "Johnny Come Home", a tal canção, é realmente saborosa, com o trio, bateria e um trompetezinho.

No compacto, a música perdeu um pouco do encanto, mas um pouquinho só. O segredo? Não ter segredos. Não querer reeditar nada, nem ir longe demais. Só tocar por aí, com carinho, garra, bom gosto. Mas funciona só com certos caras. Este é o mistério.

MIDNIGHT OIL

A melhor banda australiana, por *José Emílio Rondeau*

Para qualquer cidadão do mundo, a Austrália é sinônimo de aborígenes, cangurus e AC/DC. Simples demais, mas não é bem assim. A Austrália é um continente complexo, onde mesmo seus estereótipos resumem temas intrincados que fazem daquele país um cadinho de culturas eternamente em choque. De um lado, uma comunidade branca americanizada ao extremo e visceralmente hostil aos nativos aborígenes. Do outro, um povo miscigenado e subempregado, cujos únicos refúgios são a cerveja e o rock'n'roll. Quanto mais alto melhor.

Para aquele primeiro grupo humano, falam seus rebentos mais nobres — os Bee Gees, Olivia Newton-John e Men At Work. Para os últimos, fala o AC/DC. E o Midnight Oil, um quinteto liderado por Peter Garret, um gigantão careca cuja ferocidade não sugere que detrás daqueles olhos maníacos se esconde um advogado formado e um ex-candidato ao Senado australiano.

Formado em 1978, o Midnight Oil — Jim Moginie e Martin Rotsey, guitarras; Peter Gifford, baixo; Rob Hirst, bateria; e Garret, vocais — começou sua carreira nos *pubs* de Sydney e desde logo estabeleceu dois princípios básicos: um "não" gigantesco a qualquer concessão rock americano e um "sim" maior ainda às principais causas políticas do mundo, do desarmamento nuclear (justamente a plataforma eleitoral de Garrett, que acabou derrotado nas urnas) e contra a militarização dos governos a direitos dos aborígenes.

E, mesmo para seus compatriotas, o Oil não é de fácil digestão, por comprimir em seu *punch* político elementos de heavy metal, art-rock e punk. Este último foi a maior influência da banda, como afirma o baterista Hirst.

"A explosão punk nos disse: essa é a forma natural de uma banda tocar, fazendo da energia seu ponto principal. E é nisto que eu acho que o Oil difere das demais bandas da Austrália."

KONGO

África-Alemanha-Rio de Janeiro: *Tom Leão* investiga a conexão

Pode parecer nome de filme B, onde uma loura glamurosa se apresenta num cabaré apinhado de pigmeus e Jim das Selvas pinta na *happy hour*. Mas não é nada disso: Kongo é uma banda carioca de ska, formada há uns seis meses.

Kongo nasceu quando o guitarrista Nélson Cerqueira conheceu a baixista Karen Gruhl e outro guitarrista, Tommy Schweitzer. Em comum, a paixão pelo ska. Logo a banda se completou com a nipo-teutônica Mariko Becker (teclados) e Fleck (bateria). Eles dividem os vocais, sendo os *leads* de Nélson e Tommy. O nome e o símbolo da banda — um macaquinho — surgiram quando ouviam "Monkey Man", dos Specials.

Essa e outras músicas, como "Murder" (Selecter), "My Girl" (Madness) e "Ne Ne Na Na Nu Nu" (Bad Manners), formavam o repertório inicial, logo acrescido de várias composições próprias, como "Drak" e "Babilônia" (que já freqüenta rádios alternativas, via demo-tape produzida por Bi Ribeiro, dos Paralamas).

A mensagem da Kongo não está centrada no problema da discriminação racial, como faziam as bandas inglesas do movimento *two-tone*, mas a crítica social está presente em todas as letras, por mais dançantes que sejam. Eles não sofrem da paranóia de agitar uma gravadora e fazer sucesso já. Vão tocando e juntando público. Se acontecer, ok. Se não, ok também.

Uma pena é que a Kongo — venha a estourar ou não — só vai durar enquanto seus componentes estiverem no país. São todos de origem alemã, menos Nélson, e a maioria é menor de idade e não tem parentes no Brasil. Preferem ficar, mas voltarão para a Europa, se essa for a vontade dos pais.

Enquanto isso não acontece, *Kongo-boys* e *Kongo-girls* pulam ao som do ska (e das escapulidinhas latinas e caribenhas) do grupo, e de alguma maneira o espírito *two-tone* está preservado.

Kongo, com o espírito two-tone *no corpo*

OS MILIONÁRIOS DA COBERTURA

Dias melhores para a vanguarda carioca. Ou a volta... dos que não foram

O inglês Jonno e os asseclas cariocas, sempre inovando

Fotos Maurício Valladares

Nos tempos em que punk e new wave eram termos gregos, e grupo que os usasse atraía aos shows meia dúzia de gatos-pingados (porém interessados), houve uma banda chamada The Way. Vestidos de preto, cabelos prateados, envoltos em fumaça, surgiram numa noite quente em novembro de 81, no Rio. Após ano e meio de esforços brochantes, com todas as portas fechadas para aquele tipo de rock — que a maioria dizia que não ia pegar —, sucumbiram e desapareceram.

Meados de 85. O som que anteciparam hoje é corriqueiro. Ressurgem com o nome Desaparecidos, mantendo um passo à frente. As melodias minimalistas enriqueceram, o andamento acelerou e o psicodelismo, que se insinuava de leve, incorporou-se de vez. E, de repente, uma nova mudança de nome, agora para Os Milionários da Cobertura.

A centelha disso tudo é o inglês Jonno Sullivan, guitarrista, letrista, gaiteiro e carpinteiro com oito anos de Brasil. Saiu da Inglaterra por causa da crise, mas antes viu o nascimento do movimento punk, com direito a shows dos desconhecidos Clash e Sex Pistols. Trouxe a "coisa" com ele. Logo conheceu o guitarrista Junyor Vidal e o baixista Key-Key Dantas, formando o The Way. Nunca ganharam um centavo com os shows da banda: as altas produções quase os levaram à falência. Hoje, como Os Milionários da Cobertura, os três continuam, só que Jonno agora apenas canta. Novo na turma é o baterista Mandrake. Com um contrato da WEA para um compacto com as músicas "Ela Não Quer" e "Tudo ou Nada", recicladas do repertório original, voltam à energia e esperança do início. *T. L.*

STING

SE VOCÊ AMA ALGUÉM, LIBERTE TODOS ELES

Se você precisa de alguém, chame pelo meu nome
Se você deseja alguém, pode fazer o mesmo
Se você quer guardar algo precioso
Vai ter de trancá-lo e jogar fora a chave
Se você quer se agarrar à sua posse
Nem pense em mim

Se você ama alguém, liberte todos eles

Se é um espelho que você quer, olhe para dentro dos meus olhos
Ou um garoto para chicotear, alguém para desprezar
Ou um prisioneiro no escuro
Amarrado por correntes que você não pode ver
Ou um bicho numa jaula de barras
Isso é tudo que algumas pessoas querem ser

Se você ama alguém, liberte todos eles

Você não pode controlar um coração independente
Não pode rasgar quem ama em pedaços
Eternamente condicionados para acreditar que não podemos viver
Não podemos viver aqui e nos contentar com menos
Tantas riquezas, tantas almas
Tudo que a gente vê, a gente quer possuir

Se você precisa de alguém, chame pelo meu nome
Se você deseja alguém, pode fazer o mesmo
Se quer guardar algo precioso,
Vai ter de trancá-lo e jogar fora a chave
Se quer se agarrar à sua posse,
Nem pense em mim

Se você ama alguém, liberte todos eles

IF YOU LOVE SOMEBODY, SET THEM FREE

If you need somebody, call my name
If you want someone, you can do the same
If you want to keep something precious
You got to lock it up and throw away the key
If you want to hold onto your possession
Don't even think about me

If you love somebody, set them free

If it's a mirror you want, just look into my eyes
Or a whipping boy, someone to despise
Or a prisoner in the dark
Tied up in chains you just can't see
Or a beast in a gilded cage
That's all some people ever want to be

If you love somebody, set them free

You can't control an independent heart
Can't tear the one you love apart
Forever conditioned to believe that we can't live
We can't live here and be happy with less
So many riches, so many souls
Everything we see we want to possess

If you need somebody, call my name
If you want someone, you can do the same
If you want to keep something precious
You got to lock it up and throw away the key
If you want to hold onto your possession
Don't even think about me

If you love somebody, set them free

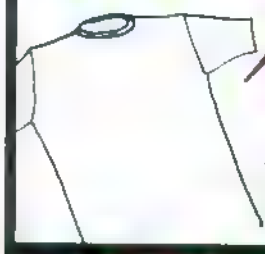
Escreva para a redação enviando o nome das músicas que você quer ver traduzidas

© Ed. Regatta

Foto Sipa Press

ROCK SHIRTS

Camisetas e bonés exclusivos com estampas dos grupos e ídolos do rock.



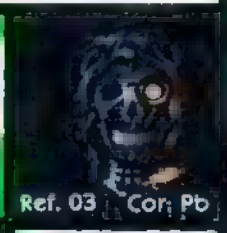
GRÁTIS

Preço Cr$ 70.000

na compra de 5 camisetas você ganha uma à sua escolha. Cores: verm. verde • azul • preta • branca

Ref. 01

Ref. 02

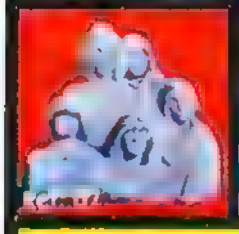


Ref. 03 Cor: Pb

Ref. 04

Ref. 05

Ref. 06



Ref. 09

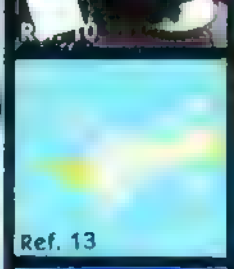
GRÁTIS

na compra de 5 bonés, um à sua escolha.

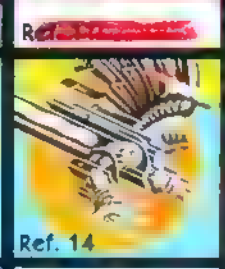
Escolha o aplique do grupo que você quiser acima. Pedido mínimo: 2 bonés
Mandamos também os apliques separados para você aplicar em sua roupa por Cr$ 12.000 cada.
Pedido mínimo: 3

Ref. 10

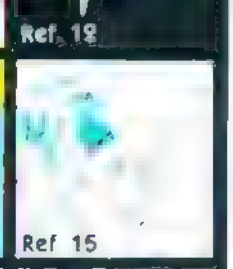
Ref. 12



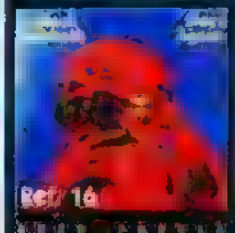
Ref. 13



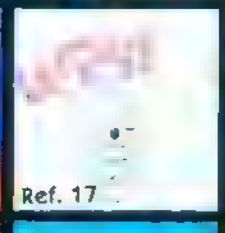
Ref. 14



Ref. 15

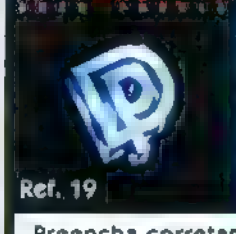


Ref. 16

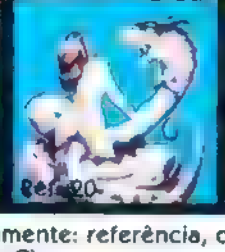


Ref. 17

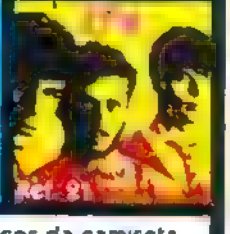
Ref. 18



Ref. 19



Ref. 20



Ref. 21

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G)

REF.	COR	TAM.	REF.	TAM.

Nome . . . . . .
End . . . . . .
Cidade . . . . . Est. . . . . CEP

Mande seu pedido para a Av. Carinás, 788
CEP 04086 - SP - Capital
Preços válidos até 01/12/85

BIZZ 04

DESCONTO 10% - Enviando cheque à Rock Shirts ou ordem de pagamento para a conta 046 777-4 - ag 197 - Bradesco - SP - Capital
Preencha os valores já descontados os 10%.

LANÇAMENTO

VIDEOCASSETE SHARP

Nada de vídeo estéreo por enquanto. Este é o recado da Sharp e vem embutido no mais recente videocassete brasileiro, o VC 4140B, lançado em meados de agosto. O que a Sharp pensa a respeito não é mistério para ninguém: o estéreo é uma tecnologia de vários matizes; podem ser encontrados três ou quatro sistemas incompatíveis entre si no mercado internacional e não vale a pena arriscar-se por um deles na medida em que só vídeos *hi-fi* estão a ponto de chegar ao consumo de massa. Entre três passaros presos que só fazem bicar-se e um verdadeiro falcao ainda solto, a empresa ja escolheu fica com a segunda alternativa

Em bom português, isso significa esperar. Não se sabe ao certo quanto tempo. Mas o que pode vir por aí é muito melhor que os vídeos estéreos convencionais, desses que o contrabando vende à vontade no Brasil. O videocassete *hi-fi* é *the best:* sua capacidade de reprodução de som é muito parecida a dos toca-discos a laser e a imagem também bate com a dos equipamentos atuais. É preciso aguardar, porém, que essa nova tecnologia ganhe escala de produção e, com ela, os preços caiam. Hoje, eles valem qualquer coisa como o dobro do preço dos vídeos tradicionais.

Para a Sharp, entretanto, a espera não vai ser ruim. O VC 4140B chega ao mercado pelo mesmo preço de seu antecessor — o modelo 9320 —, o que, no mínimo, é sinônimo de boas vendas. Essa expectativa ganha força pelo perfil de baixa estatura que, acompanhado de sinalização colorida dos controles e entrada frontal de fita, dá à nova máquina o melhor *design* do setor no Brasil. Mas o grande trunfo da Sharp é a reforma pela qual passou a função *edit* do videocassete. A partir de agora, ela permite que as passagens de cena — em gravações do TV ou via câmera — sejam suavizadas a ponto de inexistirem a olho nu. Antes, principalmente quem usava câmera de vídeo se pelava com os ruídos na imagem a cada apertão na tecla de pausa. Esse tempo acabou.

A Sharp também embutiu na nova versão um protetor de memória do temporizador que agüenta até seis horas de falta de energia elétrica, redefiniu o controle-remoto de oito funções e continua apostando em seus circuitos VTP, usados para corrigir imagens de fitas desgastadas. Com a agressividade que lhe é peculiar, já começou o bombardeio publicitário do produto. O mote é "sua última chance". Resista se for capaz. *M.B.*

Maurício Bonas é editor-assistente da *Folha Informática*

TESTE DO MÊS

O ÓRGÃO SYNCRO

Saema Syncro SM-K37. Preço: Cr$ 6 700 000 (Setembro/85). Testado na Mesbla/Shopping Ibirapuera (SP).

O primeiro ponto favorável que pode ser dado ao SM-K37 diz respeito ao seu *design*. Mesmo não tendo um aspecto ultramoderno, o Syncro é sóbrio e bem balanceado visualmente, sem os famosos botõezinhos coloridos. Inclusive, ele se parece com um teclado americano de função muito parecida, o Crumar Performer. Como aquele, o SM-K37 reproduz os sons de um conjunto de cordas e adiciona a isso registros de órgão.

Na verdade, há mais opções sonoras para a função de órgão do que para as cordas. São duas opções de órgão, com diferenças sutis entre si, contando com quatro registros de flautas (16', 8', 4' e 2'), e três de cordas (16', 8' e 4'). Para as cordas, especificamente, são oferecidos dois registros (16' e 8'). No centro do painel estão três botões que determinam as combinações entre órgão, cordas e os dois *presets*, acordeom e metais.

Os resultados sonoros obtidos durante o teste foram bastante satisfatórios, destacando-se o órgão II, de som superior a muitos órgãos de móvel. O som do *preset* de metais também é muito interessante, porque é opaco, macio, como uma combinação de sax-tenor e clarone. O acordeom pareceu um tanto agudo, mesmo quando se reforça os graves através do "controle de tom". As cordas soam melhor em conjunto com o órgão quando obtêm maior profundidade. De um modo geral, os timbres mais agudos precisam ser atenuados no "controle de tom", para se evitar alguns chiados.

Na parte de efeitos, os três controles de vibrato se mostraram bem definidos, atuando dentro de padrões comuns para órgãos. Houve um pequeno problema com o controle de afinação, que "abaixava" meio tom normalmente, mas não "subia" em igual proporção, mal alcançando um quarto de tom. É uma simples questão de calibragem. Aliás, esse mesmo controle seria mais confortável se acionado através de uma roda, como em um Minimoog.

A extensão do teclado pode ser aumentada em uma oitava para baixo, alcançando assim quatro oitavas e meia. As molas que sustentam as teclas poderiam ser um pouco mais macias. Completando o instrumento, saídas de alto e baixo nível e entrada para pedal de sustentação.

Definitivamente, o Syncro SM-K37 não é a última palavra em teclado portátil. No exterior, sua concepção foi completamente superada pelos teclados digitais. Mas por aqui ele continua sendo uma opção considerável para quem quer um bom órgão em formato prático, ou para o organista que quer variar um pouco mais suas exibições. *M.S*

Marcos Smirkoff é músico

Dolphin

A tradução da tradição...

A Dolphin é a guitarra brasileira para palco e estudio. Na produção de um bom instrumento nacional, utilizamos modernos recursos tecnológicos aliados ao carinho do artesanato. Antes, para ter um bom instrumento você gastava seus dólares. Com a Dolphin você economiza divisas.

Toque pra ver!!!!

Em 5 modelos disponíveis. Conheça também as cordas ALEXANDER de nossa importação e distribuição exclusiva.

THE EDGE

O músico do U2 que motivou o renascimento das bandas de guitarra no rock

Foto Hapopont Sipa-Press

Dave Evans, aliás, The Edge, não admite que exista um tal "som U 2"

Dave Evans ninguém conhece. Mas todo mundo está mais do que familiarizado com a guitarra agridoce, fluida e cheia de harmônicos que caracterizou o U2 desde sua fundação, mais talvez do que o tom épico da voz de Bono Vox. Quando se fala em U2, a primeira coisa que vem à mente é aquele riff que abre "I Will Follow" como se fosse uma convocação de tropas para a batalha. Lembra-se desse riff? Pois saiba que ele sai das mãos de Dave Evans; ou melhor, The Edge, como Dave é conhecido desde a adolescência.

"É um daqueles apelidos que acompanham a pessoa a vida toda", disse Dave/Edge à revista *Spin*. "Acho que foi Bono quem inventou o nome — talvez pelo formato da minha cabeça (em inglês, *edge* significa ponta, gume, beirada). Pior é o Bono, que já tinha o apelido dele antes de nos conhecermos (o verdadeiro nome de Bono é Paul Hewson). Mas agora até meus pais me chamam de Edge. É quase um nome oficial."

Não peça a The Edge para definir o tão alardeado "som U2" — uma sonoridade dominada por guitarras ressoantes e ritmos marciais que acabou espirrando para todos os lados, influenciando bandas como Big Country, The Alarm e The Armoury Show. Ele acha essa definição bastante restritiva e infiel à banda.

"Espírito é o que o U2 tem, não uma *fórmula*. Acho até que a individualidade do meu estilo de guitarra foi positiva, inicialmente, mas, aos poucos, foi-se tornando um elemento restritivo. Por isso, a partir do disco *War*, eu conscientemente tentei ampliar esta base do que é aceito como o som U2. Tentamos empurrar a guitarra em várias direções diferentes, eliminamos grande parte do eco que vínhamos usando e partimos para uns acordes mais agressivos. Ao mesmo tempo, começamos a usar mais o violão e a guitarra *slide*."

Mesmo com essas modificações estratégicas, The Edge manteve-se bastante distinguível na selva de guitarristas instaurada após a ascensão do U2 ao estrelato. Até no intrincado *The Unforgettable Fire* o estilo de The Edge se insinua com a sutileza de um hipopótamo raivoso — os harmônicos e a concentração nas cordas superiores da guitarra.

"Isso (a preferência pelo uso das cordas superiores) surgiu no desenvolvimento inicial do grupo", explica Edge. "O som dependia muito de mim e de Adam (Clayton, o baixista), porque precisávamos preencher bastante o som, já que jamais tivemos um segundo guitarrista. Por causa disso o Adam partiu para um som de baixo bem grave e eu comecei a procurar tocar nas cordas de cima. Até mesmo meus acordes são, basicamente, feitos nas cordas superiores, o que resulta num som bem diferente da maioria das bandas de rock. Da mesma forma, geralmente não uso acordes muito cheios. Prefiro dedilhar."

Pode soar premeditado, mas o inesperado também ajuda a moldar o estilo de Edge e a sonoridade do U2. Sem contar os momentos — como em "New Year's Day" — em que ele se reveza entre as cordas da guitarra e as teclas de um piano.

"Uma canção nossa nunca está pronta, totalmente, até ser gravada. E, mesmo assim, sempre fazemos modificações nas músicas durante os shows. Os improvisos são uma parte muito importante na maneira desta banda tocar." *J.E.R.*

FICHA TECNICA

EFEITOS BARATINHOS

The Edge não costuma ficar pulando de uma guitarra para outra. Durante muitos anos foi fiel à sua Gibson Explorer. Agora, prefere a Fender Stratocaster. "Mas tenho outras guitarras que uso ocasionalmente", admite. Uma delas é uma steel de colo da marca Epiphone, fabricada em 1945, que ele usa ao vivo durante "Surrender". A outra também é uma steel, da fábrica inglesa Bond, com ranhuras no lugar dos trastes "para uma melhor entonação e para facilitar o deslizamento pelas cordas"

Efeitos? "Apenas algumas coisas bem baratinhas, como um delay análogo Memory Man."

Tudo isso ligado a um amplificador Vox 80-30, "bem velhusco"

Eleve Seu Som Ao Cubo

A Giannini está lançando uma nova linha de amplificadores que vão elevar a qualidade de seu som: Super Cubos Amplifiers.
Eles possuem 3 versões: para guitarras, para contra-baixos e para teclados, nas potências de 50 ou 100 Watts RMS. A curva de resposta, alto falante e ressonância da caixa acústica, foram aprimorados para cada tipo de instrumento. E mais, os Super Cubos Amplifiers têm cantos reforçados, pés de borracha e são encontrados nas cores: preto ou azul. Não se contente com pouco. Afinal, seu som merece ser elevado aos Super Cubos Amplifiers Giannini.

Giannini
O SOM MAIOR

RODRIGO NETO ESTÁ FAZENDO CURSINHO PORQUE QUER ENTRAR NUM MONZA.

Se entrar na faculdade, Rodrigo Neto ganha um Monza novinho em folha. Promessa solene do Sr. Rodrigo Filho. Até virar universitário, Rodrigo Neto ainda tem que estudar um bocado. Mas, para pilotar o Monza, ele não precisa aprender mais nada. Rodrigo Neto sabe tudo aquilo que todo mundo sabe. Que o Monza é potente. Que o Monza é confortável, bonito, moderno. Que ele é resistente e durável. Que o Monza é seguro. Que o Monza é da Chevrolet. Que Chevrolet é marca da GM. Mas ele sabe também mais uma porção de outras coisas: potência do motor, diâmetro dos cilindros, taxa de compressão, curso dos pistões, etc., etc., etc. E isso, só um estudante apaixonado pela matéria sabe. Aliás, a esperança do Sr. Rodrigo Filho é que o Rodrigo Neto passe o resto do ano se apaixonando pela Física, pela Química e pela Matemática. Assim, ele passa no vestibular. Conquista a Engenharia e o Monza.

GM

60 ANOS DE TECNOLOGIA A SERVIÇO DO HOMEM

Vem aí a Guerra nas Estrelas

Guerra nas Estrelas, de George Lucas, é um filme bastante divertido. Já a sinistra Guerra nas Estrelas de Ronald Reagan não o é. A idéia é a de gastar um bilhão de dólares, no ano que vem, em pesquisas de laser e geradores de feixes de partículas que destruiriam mísseis nucleares inimigos.

Altíssima tecnologia. A idéia é a de pegar os mísseis segundos após o lançamento, enquanto seus foguetes estão em combustão. Os escapamentos emitem uma radiação infravermelha fácil de rastrear. Com suas paredes estressadas pela pressão interna dos propulsores em combustão, os mísseis ficariam mais vulneráveis. Além disso, sua destruição ficaria mais facilmente detectável como uma súbita perda de velocidade. As ogivas cairiam de volta sobre território inimigo.

Ilustração Al Voss

Os mísseis podem ser protegidos com o revestimento de certos materiais. Para derrubar um destes, um laser teria de ter uma energia equivalente à de 40 quilos de dinamite sobre um metro quadrado do alvo. É mais ou menos como dar um tiro em São Paulo para destruir uma janela em Salvador.

Alguns lasers emitem feixes contínuos, que destruiriam pelo calor, fusão ou vaporização do alvo. Outros produzem emissões curtas de luz, que infligiriam um choque estrutural semelhante ao de uma explosão.

Todos os lasers pesquisados possuem uma característica física comum: uma emissão estimulada de radiação, que ocorre quando certos materiais são "bombeados" por uma fonte externa de energia. Os elétrons nos átomos dos materiais são forçados para órbitas de energia mais alta. O átomo retorna a seu estado de energia mais baixa, emitindo um fóton, ou partícula de luz. Se este fóton atingir outro átomo excitado, um segundo fóton é liberado, viajando na mesma direção do primeiro e com o mesmo comprimento de onda. Estes fótons por sua vez podem estimular outros átomos a emitir luz. A reação em cadeia cria um feixe de luz intenso. A colocação de espelhos nas extremidades das câmeras de laser amplifica os fótons que viajam paralelamente ao eixo do material. O resultado é um feixe de luz extremamente bem direcionado.

Todo este plano tomará muito tempo pra ser concretizado. Não se trata apenas de criar lasers eficientes. É preciso também localizar mísseis, identificar as ogivas verdadeiras e verificar se foram destruídas. Isto significa que, de toda a grana que Reagan quer gastar, metade terá de ser empenhada em pesquisas de computação sofisticadíssima e na "administração de batalhas".

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR C VITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard da Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Placido Longgio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Ross

Diretor de Grupo: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Chefe de Redação, José Eduardo Mendonça
Editor, José Emilio Rondeau
Consultor Especial José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci
Repórter Luisa de Oliveira
Chefe de Arte Cristina Canabrava Arruda **Chefe de Paginação** Rodolfo Tucci **Diagramador** Cleber V. Garcia
Produtor de Texto Jorge Toth
Assistentes de Promoções: Ana Lucia Dip Delion, Sônia Maia
Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Alexandre Dines, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Guelpo Leopoldo Rey, Marco Antônio de Menezes (New York), Marcos Smirkoff, Mauricio Bonas, Miguel Barella, Ormuzd Alves (Londres), Pepe Escobar, Silvano Michelino (Paris), Tom Leão, **Fotos:** Alexandre Santana, Ângelo Pastorello, Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Mauricio Valadares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Mifoni **Escritórios - Milão** Laura Cens, International Business Centre, Corso Europa 12, Phone 02 54 56331 e 54 56212 20122 Milano. Telex 331585 e 332809 **Nova York**, Odilo Liceti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Telex 237670 Phone (212 5990 5993, **Paris** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2º Bureaux 213 bis 214 Paris 74008 Phone 225 5865. Telex 660731F
Departamento de Documentação - Gerente Auta Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente Pedro Martinelli

Gerente Comercial Sandra Camargo
Gerente de Publicidade Carlos Alberto F. de Araujo
Representantes. Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade Rosângela Garcia de Souza Lima
Rio - Gerente: Getulio T. Batista **Representante** Raimundo Maia
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília Gilberto Amaral de Sá
Curitiba Angelo A. Costa
Florianopolis Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza Alcys o Canetti Filho
Porto Alegre Elcanho Enge
Recife Edmilson R. O. vieira
Salvador Fernando Loureiro
Gerente de Anuncios para Terceiros Vitorio Cestaro Filho
Diretor de Propaganda Roberto Pedroso
Diretor Administrativo Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário Julio Costa Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço Haydee Gomes Guerson
Diretora de Pesquisa e Analise de Mercado Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritorios Regionais Dreyfus Soares

Diretora Responsável Liege de Lima Dória Castelo

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondencia** [illegible] **Administração** [illegible] **Escritórios - Belo Horizonte** [illegible] **Brasília** [illegible] **Curitiba** [illegible] **Florianópolis** [illegible] **Fortaleza** [illegible] **Porto Alegre** [illegible] **Recife** [illegible] **Rio de Janeiro** [illegible] **Salvador** [illegible] **Distribuidor em Portugal** [illegible] **Numeros atrasados** [illegible]

IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Fique on.

Briansk é uma cidade da Rússia às margens do Desna.
Shapandu também é uma cidade e fica na Birmânia.
Se você conhecia algumas destas cidades, ligue-se mais na Cidade.
Largue das coisas inúteis e module a sua freqüência.
Porque a vida é como dizia o venerável mestre Adub:
Airefirep an uo edadic an acif êcov uo.

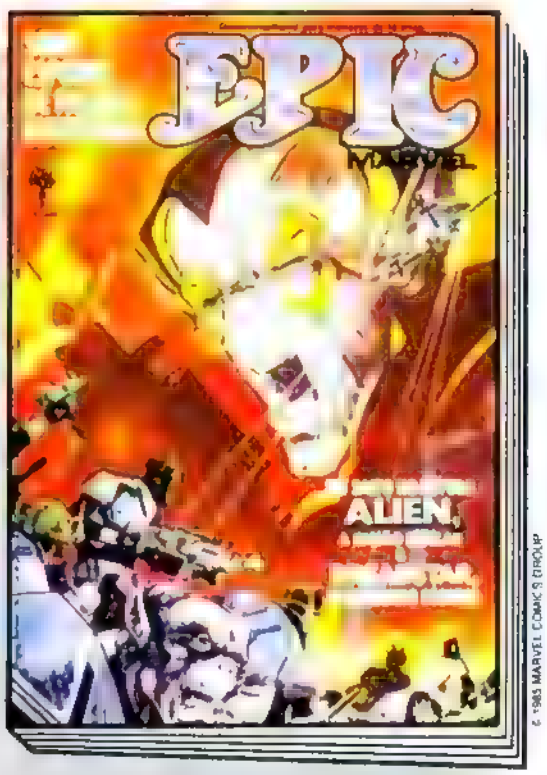
RÁDIO CIDADE
A MAIS FM DE TODAS

EPIC
MARVEL

Os quadrinhos do futuro apresentam

• **Alien, a Legião Estelar**
contra o povo mais hostil
do universo
Um combate gigantesco que vai
prender sua respiração.
A poderosa legião liderada por
Sarigar se defronta com os
arrasadores Harkilonianos.

• **Dreadstar,**
o grande guerreiro cósmico, se
envolve num violento holocausto
nuclear. Um duelo de ousadia
e estratégia com o perigoso
Lorde Papal.



CARTAS E SE

SIMPLE MINDS

Gostaria de saber a discografia do Simple Minds e se existe algum disco deles lançado no Brasil.
Demétrius L.P. Andrade
(Rio de Janeiro - RJ)

O grupo Simple Minds, que começa a ser conhecido por aqui, está na estrada desde 78 e tem nada mais nada menos do que sete LPs, nenhum deles lançado no Brasil. São os seguintes: Life in a Day *(79),* Real to Real Cacophony *(79),* Empires and Dance *(80),* Sons and Fascination *(81),* Sister Feelings Call *(81),* New Gold Dream *(82) e* Sparkle in the Rain *(84). Além destes, existem duas coletâneas:* Themes for Great Cities *e* Celebration, *ambas de 82. Enquanto a RCA não lança esses LPs, Demétrius, você pode se consolar com o compacto que traz a música "Don't You (Forget About Me)", trilha sonora do filme* The Breakfast Club *e único lançamento brasileiro desse grupo excelente.*

EQUIPAMENTO

Percebi que no número 2 da BIZZ, na sessão Equipamento, é feita uma reportagem sobre o computador rítmico Korg KR55B, mas com a foto de um Korg PME40X. Creio que seja uma pedaleira de vários efeitos.
Sérgio dos Santos Nogueira
(Porto Alegre - RS)

Você está certo, Sérgio. O Korg PME40X é um conjunto de três módulos de efeito (phaser, chorus e delay analógico), cuja principal característica é poder ser usado simultaneamente por dois músicos (em lojas de instrumentos importados, esta pedaleira custa em torno de US$ 750). Sua fotografia ilustrou por engano o comentário sobre o computador rítmico.

BLADE RUNNER

O filme do Ridley Scott, o *Blade Runner*, é baseado num livro de *science-fiction*, certo? Quero saber qual é esse livro, quem é o autor, qual a editora, onde posso encontrar, qual o preço e outras possíveis informações. Dá pra ser? Ajudem-me!
Wander Nunes Frota
(Fortaleza - CE)

Vamos lá, Wander. O livro é Do Androids Dream of Electric Sheep? *(Será que os Andróides Sonham com Carneiros Elétricos?), de Phillip K Dick. A edição nacional chamou-se* Blade Runner — O Caçador de Andróides *e está esgotada. Mas não se aflija: a Editora Francisco Alves está imprimindo uma segunda edição. Escreva para eles, confirmando a data do relançamento, o preço e o distribuidor em Fortaleza. O endereço da Francisco Alves é Av. Dr. Vieira de Carvalho, 144, CEP 01210, S. Paulo - SP.*

ERRAMOS

Sem comentários. A BIZZ é a melhor revista da década (pelo menos no Brasil). Porém, falhas sempre existem. No caso é a troca de legendas das fotografias
Carlos Henrique Möller
(Jundiaí - SP)

O Carlos aponta alguns erros nas legendas das fotos da BIZZ n.º 2. São os seguintes: na pág. 27, quem está com o Ian McCulloch, do Echo & the Bunnymen, não é Les Pattinson, mas o baterista Pete de Freitas (apesar da guitarra na mão). Na pág. 28, a legenda diz David Steele, quando o correto é Dave Wakeling (Steele, também um ex-Beat, está no grupo Fine Young Cannibals — veja a sessão Porão Internacional). Os músicos do Culture Club, na foto da pág. 38, são Roy, Boy George, Jon e Mickey, da esquerda para a direita. Na pág. 47, a ordem certa é Orzabal e Smith, na foto do Tears for Fears. Obrigado pelas observações, Carlos. Aproveitando a oportunidade: Steve Lillywhite é produtor, e não compositor, como saiu publicado na nota sobre os Stones na sessão Show Bizz.

DISCOS, POSTERS, FITAS...

Troco correspondência com ouvintes dos Smiths, Everything But the Girl, Tears for Fears, Sisters of

RVIÇOS

Mercy, Alarm e todo o rock moderno, para um intercâmbio de gravações de discos importados ou simplesmente para uma troca de idéias. **Raimundo Bezerra, r. Albuquerque Lins, 366/203, CEP 01230. São Paulo - SP.**

Quero trocar fitas gravadas do New Order, Joy Division, Lou Reed e Smiths por Bauhaus, Alien Sex Fiend, The Sound e outras do New Order. **Aparecido da Silva Mattos, r. Miguel Bastos Soares, 72, CEP 03910. São Paulo - SP.**

Compro posters, camisetas, discos importados e shows em videocassete VHS dos seguintes grupos: Rolling Stones, Talking Heads, David Bowie, U2, Nina Hagen, The Police, Style Council, Roxy Music e discos de jazz. **Renata Alexandra Negrão, r. Joaquim Lírio, 438, CEP 29000. Vitória - ES.**

MÚSICOS

Estou à caça de um baixista e um baterista que estejam tocando há aproximadamente dois anos. Toco guitarra. **Mariana Barsted, r. Carvalho de Azevedo, 39/201, CEP 22471. Rio de Janeiro - RJ.**

Baixista com experiência deseja entrar em banda já formada para atuar na área do rock feito no Brasil atualmente. **Giuseppe Antônio Marchesano, contatos à av. Washington Luís, 374, apto. 25, em Santos - SP, ou pelo tel. (0132) 33-5432.**

FÃ-CLUBES

Duran Duran Duran Duran Fã-Clube. R. Abaeté, 301, CEP 90000. Porto Alegre - RS.

Madonna Madonna Fan Club & Promotion. Caixa Postal 664, CEP 09700. S.B. do Campo - SP.

RPM Fã-Clube do RPM. A/c Nazira Dionízia da Costa, r. Luci, 67, CEP 02753. São Paulo - SP.

Gal Costa Fã-Clube Maria da Graça. R. Descampado, 313, CEP 04296. São Paulo - SP.

Foto Estúdio Abril

THE ROLLING STONES
EXILE ON MAIN STREET (1972)

Naquele tempo eles já carregavam o título de "A Maior Banda de Rock'n'Roll do Mundo" como um peso-pesado que exibe seu cinto de campeão. Não havia mais Beatles, não havia mais Jim Morrison, não havia mais Hendrix. A única competição real era o rock operático do Who e o então ascendente Led Zeppelin. E, mesmo assim, ao vivo, os Stones eram imbatíveis — Jagger piruetando pelo palco, comandando um rugido-rock que era afiado e perigoso como o fio de uma navalha. Em disco, passavam por seu melhor período, parindo clássico após clássico — de "Brown Sugar" a "Street Fighting Man", de "Let It Bleed" a "Simpathy for the Devil". Embora o Sr. M. tivesse levado Brian Jones — que, enamorado demais pelas possibilidades "místicas" das drogas, já se mostrava incapaz de produzir um décimo de seu *input* habitual na banda —, os Stones da virada dos anos 60 para 70 progrediam, artística e popularmente, como uma bola de neve. Agora, sob o comando de Mick Jagger e Keith Richards, mais do que nunca os Stones mereciam o título de "A Maior".

Com a entrada do lírico Mick Taylor no lugar de Jones, os Stones saíam de uma trilogia de álbuns absolutamente brilhantes — *Beggar's Banquet* (ainda com Brian), *Let It Bleed* e *Sticky Fingers* —, mas enfrentavam um novo/velho problema: drogas. Desta vez era Keith quem flertava com a morte, via heroína. Escondera-se numa *villa* no sul da França, Nellcote, para poder injetar um pouco de sanidade em sua vida. Mas sanidade era difícil de achar numa atmosfera rock e, ao invés dela, Keith acabou encontrando mais rock. E mais heroína.

Como Keith não saísse de Nellcote para coisa alguma, os Stones mudaram-se para lá para poder gravar seu novo disco, cujo título balançava entre *Eat It* e *Jungle Disease*. Chamaram o saxofonista Bobby Keyes, o trompetista Jim Price e os tecladistas Nicky Hopkins, Billy Preston e Dr. John. Ficaram trancados em Nellcote de julho a novembro de 1971. Quando saíram de lá para Hollywood, onde complementaram e mixaram o disco, os Stones traziam nos braços material para preencher *três* álbuns.

Acabaram optando por um álbum duplo e por um terceiro título — *Exile on Main Street* — e ofereceram ao mundo o disco mais denso, mais pessoal, mais intrigante e mais controverso de toda a carreira dos Stones.

Quem ouviu *Exile* em 72 amou ou odiou o disco imediatamente. A maioria odiou, reclamou de "falta de foco", "mixagem lamacenta" e "encheção de lingüiça". Erraram e acertaram. Primeiro, porque tudo isso era intencional — a massa sonora de *Exile* só podia ser penetrada a facão. Os vocais de Jagger foram enterrados mais do que o costume. Os agudos foram saturados. E, segundo, porque a maioria das músicas era uma sucessão de Polaroids rock — imagens de decadência, dor, perigo, desilusão. E de sobrevivência.

Acima de tudo, *Exile* era um *portrait* dos Stones no topo de sua forma — faixas como "Tumbling Dice", "Rocks Off", "Soul Survivor" e "Rip This Joint" eram o testemunho de que, quando os Stones resolviam se reunir num estúdio para fazer rock'n'roll, faziam "O Melhor Rock'n'Roll". Jagger explodia suas tripas em vocais insuperáveis até mesmo por ele. Richards e Taylor trocavam *riffs* como guerrilheiros na selva. Bill Wyman e Charlie Watts sedimentavam uma construção *crazy* com uma argamassa indestrutível.

Após *Exile* tornou-se impossível reunir todos os Stones num mesmo estúdio, ao mesmo tempo. E os álbuns subseqüentes retratavam este insidioso fracionamento. Depois de *Exile*, salvo faixas excepcionais, como "Start Me Up" e "Undercover", os Stones eram um arremedo dos Stones. E *Exile* era seu melhor testamento. E o derradeiro epitáfio.

José Emílio Rondeau

A voz do Brasil

"Temos não só uma música de alta qualidade, como também é espantosa a nossa quantidade: os ritmos, escolas, gêneros e estilos"

Nelson Motta

Foto Cláudia Dantas

Em janeiro do ano passado, no Brasil, as perspectivas — reais e metafóricas — se resumiam a: Maluf ou Andreazza?

Preferi Roma, para onde fui sem saber exatamente o que fazer e embalado pelo sucesso das novelas e do futebol brasileiros entre os italianos, abrindo caminho para um grande e crescente interesse por nossa música: nossos artistas presentes e aplaudidos nas TVs, teatros e jornais. E, surpresa máxima: todos os dias, durante uma hora, a Radio Dimensione Suono — maior audiência de Roma — transmitia um programa *exclusivamente* de música brasileira contemporânea. Outra surpresa, outro orgulho: os críticos musicais dos dois principais jornais italianos não só admiravam a nossa música, como até aprenderam português para entender a nossa poesia musical...

Eu, que tinha saído do Brasil humilhado e envergonhado, comecei a experimentar uma nova forma de orgulho nacional enquanto descobria o quanto é forte e original, moderna e múltipla a nossa música.

Então, a TV Globo International me encomendou uma série de cinco programas de uma hora cada, com "o melhor" da música brasileira, podendo usar livremente todo o material musical já gravado até hoje e ligando tudo com comentários sobre cada um dos cinqüenta artistas participantes: desde os patriarcas, como Caymmi, Vinícius, Luiz Gonzaga, até Marina, Blitz e Paralamas do Sucesso, passando por grandes estrelas, como João Gilberto, Gal, Bethânia e Elis Regina, abrindo espaço para Arthur Moreira Lima, Egberto Gismonti e Hermeto Paschoal: a verdadeira voz do Brasil.

Grana e curiosidade

Fazendo este trabalho de selecionar entre tudo — e é tanto! — que a Globo tem gravado para "The Voice of Brazil", me vi diante do mais ululante dos óbvios: temos não só uma música de alta qualidade como também é espantosa a nossa quantidade: de ritmos, escolas, gêneros e estilos. Esta a nossa força: incorporar antropofagicamente as principais linguagens musicais do mundo, sem nunca perder as marcas de brasilidade que surpreendem e encantam o público internacional.

Sim! Nós, do Terceiro Mundo, produzimos uma arte musical de primeira. E mais: para a Europa culta e refinada, um de nossos mais bem-vindos e prestigiados produtos é... (risos) a cultura, a arte refinada de nossos artistas populares — capaz de projetar no exterior uma imagem do Brasil que se identifica com a do país que sonhamos e amamos, da Nação que somos quando fazemos música, artes em geral.

A Europa — tirando a Inglaterra — produz uma música popular que se situa — em qualidade e variedade — em nível bastante inferior ao nosso, segundo eles mesmos. Por outro lado, o público europeu tem informação, grana e curiosidade cultural para perceber o quanto é boa, original e atraente a música que produzimos — e, naturalmente, não a recebe como "perigoso agente colonizador" ou o invasor que ameaça as suas culturas nacionais...

Pena que os governos nossos (deles) jamais tenham percebido — e em nada auxiliado — as potencialidades de nossa música como ponta-de-lança cultural, diplomática, política e comercial.

Pena que nossas gravadoras não demonstrem o menor empenho em trabalhar, de forma constante e eficiente, seus (nossos) artistas no exterior e desprezem o tanto de dólares e prestígio que a envolvem.

Pena que nossos artistas ainda não tenham descoberto que — ao lançar seus discos na Europa — não custa nada e ajuda muito cantar uma de suas músicas em inglês, francês ou italiano. E que dá mais grana vender 20 mil discos lá do que 100 mil aqui: afinal, lá pagam direitos autorais... etc. etc.

Artística, comercial e patrioticamente: estão esperando o quê?

MÊS QUE VEM NA BIZZ
TEM: A PRIMEIRA ENTREVISTA DE *PRINCE* EM ANOS! O SHOW DO *CURE* EM LONDRES O SOM QUE VEM DOS PAMPAS!

Espaço reservado para o seu prazer

Ligue-se no sucesso

***Marina**/Todas*

Tunai

Valéria e Alma de Borracha

Os Melhores

***The Cure**/*
The Head on the Door

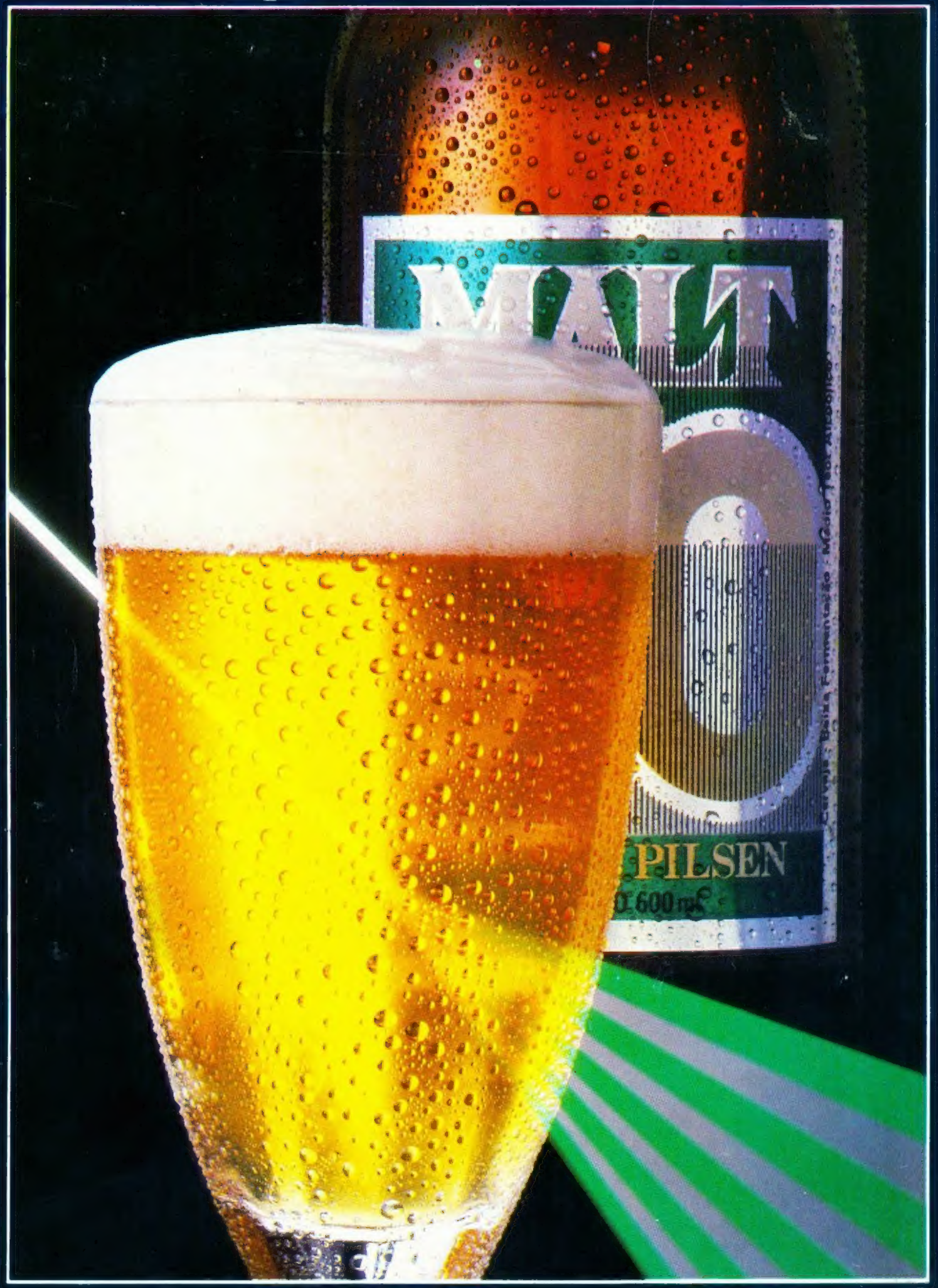
***The Style Council**/*
Our Favorite Shop

***Dire Straits**/*
Brothers in Arms

***Tears For Fears**/*
Songs From The Big Chair

PolyGram Discos

O prazer é uma evidência.



Cerveja Malt 90. O prazer de fazer bem-feito.

U2 - Artistas exclusivos da WEA.
Parte integrante da Revista Bizz n.º 4.
Não pode ser vendida separadamente.